

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

Orestes Trevisol Neto

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA  
MODA NO BRASIL: ESTUDO BASEADO NAS INSTITUIÇÕES,  
PRODUTORES E PRODUTOS CIENTÍFICOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Maria Arruda Café

Coorientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Lúcia da Silva.

Florianópolis  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Trevisol Neto, Orestes

A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA MODA NO  
BRASIL : estudo baseado nas instituições, produtores e  
produtos científicos / Orestes Trevisol Neto ; orientador,  
Lígia Maria Arruda Café ; coorientador, Edna Lúcia da  
Silva. - Florianópolis, SC, 2015.  
191 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Informação.

Inclui referências

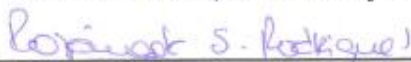
1. Ciência da Informação. 2. Institucionalização  
científica. 3. Comunicação científica. 4. Produção científica.  
5. Moda. I. Café, Lígia Maria Arruda. II. Silva, Edna Lúcia  
da . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa  
de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. Título.

## ORESTES TREVISOL NETO

A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA MODA NO BRASIL: estudo baseado nas instituições, produtores e produtos científicos

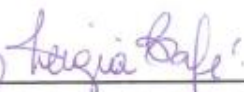
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento a requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM  
FLORIANÓPOLIS, 03 DE MARÇO DE 2015

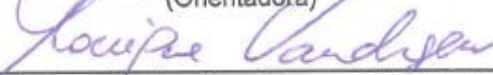


Profa. Rosângela Schwarz Rodrigues, Dra.  
Coordenadora do Curso


### Banca Examinadora



Profa. Dra. Lígia Maria Arruda Café – PGCIN/UFSC  
(Orientadora)



Profa. Dra. Monique Vandresen – DMO/UDESC



Profa. Dra. Nair Yumiko Kobashi – PPGCI/USP



Profa. Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues – PGCIN/UFSC



Se a vida é considerada uma construção de acontecimentos, dedico esse trabalho a todos que participaram direta ou indiretamente da minha recente história. Em especial a minha família, meus amigos e aos professores que instigaram o desejo pela pesquisa. Dedico este estudo às pesquisadoras Dorotéia Baduy Pires e Maria Cláudia Bonadio, cuja suas produções foram fonte de inspiração para o nascer da presente pesquisa.



## AGRADECIMENTOS

Durante os dois anos de mestrado são muitos os momentos que sem dúvida, em sua maioria ficam registrados em minha memória. Ricos momentos de alegria e aprendizado que tornam impossível a ação de nomear cada pessoa que fez parte dessa jornada, no entanto, deixo expresso aqui meu sentimento de gratidão a todos.

Agradeço aos meus pais, que na sua humildade nunca privaram esforços para subsidiar minha formação acadêmica, como também uma boa qualidade de vida. Fico feliz por sentirem orgulho de mim e acreditarem no meu potencial. Aos meus irmãos Fernanda e Júnior, sou grato pela compreensão e amizade.

Meu ingresso no mestrado deve-se em grande parte ao estímulo recebido das amigas Priscila e Renata, foram muitas as conversas reflexivas do que é ser mestrando, pesquisador etc. Obrigado prof. Dr. Gregório por me receber em sua disciplina, foi essa experiência que me instigou a continuar. Sou grato pelos encontros que o mestrado proporcionou, pois tão importante quanto a pesquisa são as amizades que ficam e as experiências vividas. Estarão sempre no meu coração: Aline, Daniela, Djuli, Igor, Letícia, Francisca, Priscila M., Priscila S., Renata. Aos colegas da turma de 2013 afirmo que foi ótimo conviver com vocês.

Sou grato aos professores do PGCIN e a Sabrina por estar sempre disposta em ajudar. À Profa. Dra. Edna por oportunizar o desenvolvimento desta pesquisa e acreditar no meu potencial. Com sua visão e perspicácia lapidou o projeto proposto que hoje resulta na presente dissertação. Agradeço a sua dedicação, comprometimento, aprendizado e paciência no desenrolar da pesquisa. São muitos os aprendizados que levarei. Não menos importante, meus votos de gratidão à Profa. Dra. Lígia por dar continuidade ao meu trabalho, pelo empenho e contribuições nesta fase final. Sempre zelosa e receptiva quando precisei. Não posso deixar de agradecer a CAPES pela bolsa concedida e a professora Dra. Magda pela oportunidade em integrar o GBE. Obrigado Prof. Dr. Vinícius e Profa. Dra. Lígia pelas contribuições na qualificação do projeto.

Em especial, minha gratidão aos membros da banca examinadora: Profa. Dra. Nair Yumiko Kobashi, Profa. Dra. Monique Vandresen e Profa. Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues, por atenderem ao convite para avaliar esta dissertação, dispondo de seu tempo e conhecimentos, pela análise apurada e por todas as sugestões que foram incorporadas ao texto final.

Aos membros do GOOC/NEINCOC destaco que foi enriquecedor participar das reuniões, conhecer as pesquisas de vocês e receber feedbacks na apresentação dos resultados da pesquisa!

Por fim, muito obrigado Meu Deus!



## RESUMO

O interesse desta pesquisa está voltado para a análise da institucionalização científica no campo da Moda concentrando-se nos agentes, locais e processos de produção e comunicação científica. Os pressupostos que mobilizam o desenvolvimento desta pesquisa estão alicerçados na crença que os agentes, as instituições produtoras e a própria produção científica são responsáveis pela consistência científica do campo e pelo seu nível de institucionalização. A pesquisa busca resposta para a seguinte questão: como se configura a institucionalização científica nesse campo? A pesquisa teve como objetivo geral analisar a institucionalização científica do campo da Moda no Brasil e como objetivos específicos: a) identificar as instituições formais do campo da moda no Brasil (cursos de graduação, pós-graduação, revistas, associação de pesquisa, eventos, grupos de pesquisa); b) Identificar os pesquisadores do campo da moda; c) Caracterizar a produção bibliográfica nesse campo (artigos, livros, capítulos de livros, trabalhos em eventos, dissertações de mestrado e teses de doutorado); d) Verificar se é possível relacionar a existência e consolidação das instituições científicas e a produção científica desse campo. A pesquisa possui caráter descritivo e exploratório, faz uma abordagem quali-quantitativa (mista) e utiliza técnica de pesquisa documental. O corpus da pesquisa foi constituído pelos dados retirados dos grupos de pesquisa em moda cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa, no Currículo Lattes dos pesquisadores, nos sites dos programas de pós-graduação, eventos e revistas científicas e demais documentos usados como fontes para coleta de dados. A cobertura temporal compreendeu os anos de 1988 a 2013, que abrangeu o surgimento dos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Na vertente da institucionalização social foram analisados os cursos de graduação e pós-graduação, as revistas, a associação de pesquisa, os eventos e os grupos de pesquisa desse campo. A importância da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda (ABEPEM) no processo de institucionalização social do campo ficou destacada. Na vertente da institucionalização cognitiva foram analisados os pesquisadores e a produção científica do campo. Nesse aspecto foi possível detectar a existência de uma comunidade científica pequena e foi percebida a importância dada pelos integrantes dessa comunidade para a publicação de trabalhos em eventos, o que permite estabelecer uma relação direta entre institucionalização social e cognitiva nesse campo e a importância da comunicação científica no processo de

institucionalização. A análise dos resultados aponta indícios de institucionalização embrionária cognitiva e social do campo da moda no Brasil, visto que não é possível afirmar com exatidão o grau de institucionalização desse campo, em função de que todas as instituições do campo foram implantadas muito recentemente e é preciso mais maturidade para estimar se o campo apresenta baixo ou alto grau de institucionalização. Ao longo da última década é perceptível o processo de desenvolvimento social e cognitivo, tendo em vista o aumento dos cursos de graduação, pós-graduação, da produção intelectual e na formação de novos pesquisadores. Resta lembrar que essa configuração desse campo científico deve ser vista a partir das decisões metodológicas e dos recortes efetuados para o desenvolvimento desta pesquisa em termos de amostra e de abrangência dos dados.

**Palavras-chave:** Institucionalização científica. Comunicação científica. Comunidade científica. Produção científica. Moda.

## **ABSTRACT**

*The interest of this research is the scientific institutionalization of the fashion field focused on agents, places, production processes and scientific communication. The assumptions that move the development of this research are based in the belief that the agents, the producer institutions, and the scientific production are responsible for the scientific consistency of the field and for its institutionalization level. The research aims to answer the following question: how is the scientific institutionalization arranged in this field? The general objective of this research is to analyze the scientific institutionalization of the Fashion field in Brazil. Their specific objectives are: a) to identify the formal institutions of the fashion field in Brazil (graduate and postgraduate courses, journals, research associations, conferences and research groups); b) to identify the researchers of the field; c) to characterize the bibliographic documents of this field (papers, books, books chapters, conference papers, master and doctoral thesis); d) to verify if there is a relationship between the existence and the consolidation of scientific institutions and the scientific production of this field. The research is descriptive and exploratory, using a qualitative and quantitative approach and a documentary research approach. The data is gathered in the research groups registered in the Brazilian Research Groups Directory, in the researchers résumé, from the graduate programs websites, from events, journals and other documents. The period analyzed was from 1988 to 2013, which comprehends the emergence of the graduate and postgraduate courses of this field in Brazil. In terms of social institutionalization were analyzed the graduate and postgraduate educational courses, journals, research associations, events and research groups of the field. The importance of the Brazilian Association of Studies and Research in Fashion (ABEPEM) in the process of social institutionalization of Fashion field is highlighted. In terms of cognitive institutionalization the researchers and the scientific production of this field were analyzed. It was possible to detect that there is a small scientific community that believes that is important to published papers in events, which reveals a close relationship between the social and the cognitive institutionalizations of the field and the importance of scientific communication in the institutionalization process. The results from the analysis shows evidence of embryonic cognitive and social institutionalization of the fashion field in Brazil, considering that is not possible to know the exact institutionalization*

*level of this field, because all its institutions were created recently. Therefore we need more time to evaluate its institutionalization level. Over the last decade it's possible to observe a social and cognitive development process, considering the increase of graduate and postgraduate courses, intellectual production and training of new researchers. The scientific configuration of the Fashion Field must be looked taking in account the methodological decisions made in the development of this research.*

**Keywords:** *Scientific institutionalization. Scientific communication. Scientific community. Scientific production. Fashion.*

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Levantamento dos grupos de pesquisa em Moda .....	89
Figura 2 - Tabulação dos dados.....	92
Figura 3 - Tabulação da produção científica .....	93
Figura 4 - Organograma da ABPEM .....	116



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-Cursos de Graduação em Design de Moda - Bacharelado, por região e estado da federação - Brasil, 2014.....	106
Gráfico 2 - Pesquisadores em moda no Brasil: distribuição da produção científica dos 349 pesquisadores.....	129
Gráfico 3 - Pesquisadores do campo da moda no Brasil: tipologia documental da produção científica, 1988-2013.....	136
Gráfico 4 - Pesquisadores mais produtivos: artigos científicos, 1988-2013.....	140
Gráfico 5 - Revistas mais usadas pelos pesquisadores do Brasil no campo da moda para publicação de seus artigos, 1988-2013.....	142
Gráfico 6 - Pesquisadores mais produtivos: livros em moda, 1988-2013.....	148
Gráfico 7 - Pesquisadores mais produtivos: capítulos de livros 1988-2013.....	154
Gráfico 8 - Pesquisadores mais produtivos: Trabalhos completos publicados em eventos, 1988-2013.....	158
Gráfico 9 - Criação dos Cursos de Graduação em Design de Moda – Bacharelado versus a produção científica dos pesquisadores, revistas, eventos e programas de pós-graduação.....	163





## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas sobre Moda nos Programas de CI do Brasil .....	82
Quadro 2 - Cursos de Graduação em Design de Moda - Bacharelado, em atividade - Brasil, 2014 .....	102
Quadro 3 - Eventos científicos genuínos do campo da moda no Brasil, 2014.....	117
Quadro 4 - Grupos de pesquisa em Moda no Brasil, 1988-2013 .....	125
Quadro 5 - Pesquisadores em moda no Brasil: produção de artigos científicos em moda, 1988-2013 .....	131
Quadro 6 - Pesquisadores em moda no Brasil: produção de livros em moda no Brasil, 1988-2013 .....	132
Quadro 7 - Pesquisadores em moda no Brasil: estratificação geral da produção de capítulos de livros em moda, 1988-2013 .....	133
Quadro 8 - Pesquisadores em moda no Brasil: estratificação geral da produção de trabalhos completos sobre moda publicados em eventos, 1988-2013. ....	134
Quadro 9 - Características institucionais das revistas mais produtivas, 1988-2013 .....	143
Quadro 10 - Características técnicas das revistas mais produtivas, 1988-2013.....	144
Quadro 11 - Pesquisadores do campo da moda no Brasil: dispersão temporal da produção de artigos científicos, 1988-2013.....	146
Quadro 12 - Editoras mais presentes nas publicações do campo da Moda no Brasil, 1988-2013. ....	150
Quadro 13 - Dispersão temporal dos livros 1988-2013.....	152
Quadro 14 - Dispersão temporal dos capítulos de livro, 1988-2013 ...	155
Quadro 15 - Eventos com maior incidência de publicação, 1988-2013 .....	159
Quadro 16 - Dispersão temporal dos trabalhos completos publicados em eventos, 1988-2013 .....	161
Quadro 17 - Pesquisadores e dissertações orientadas, 1988-2013 .....	165
Quadro 18 - Programas e dissertações defendidas, 1988-2013.....	166
Quadro 19 - Instituições em que as dissertações foram desenvolvidas, 1988-2013 .....	168
Quadro 20 - Dispersão temporal das dissertações, 1988-2013.....	169
Quadro 21 - Pesquisadores e teses orientadas e defendidas, 1988-2013 .....	170
Quadro 22 - Teses indexadas na BDTD e CAPES da temática de moda defendidas no Brasil,1988-2013.....	171

Quadro 23 - Instituições procedentes das teses indexadas na BDTD e CAPES, 1988-2013.....	172
Quadro 24 - Dispersão temporal das teses recuperadas na BDTD e CAPES, 1988-2013.....	172
Quadro 25 - Pesquisadores com Bolsa de pesquisa CNPq, 2008-2013	173

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABEPEM - Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda  
AEBV - Associação Educacional Boa Viagem  
AUTEX - Association of Universities for Textiles  
BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBED - Congresso Brasileiro de Economia Doméstica  
CI - Ciência da Informação  
CIANTEC - Congresso Internacional de Arte, Novas Tecnologias e Comunicação  
CIMODE - Congresso Internacional de Moda e Design  
CIPED - Congresso Internacional de Pesquisa em Design  
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CNTT - Congresso Nacional de Técnicos Têxteis  
CUML - Centro Universitário Moura Lacerda  
ECOM - Encontro Centro-Oeste de Moda  
EDUCS - Editora da Universidade de Caxias do Sul  
EMEC - Sistema Eletrônico do Ministério da Educação  
ENPMODA - Encontro Nacional de Pesquisa em Moda  
FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado  
FAC - Faculdade Cimo  
FAD - Faculdade de Arte e Design  
FADIRE - Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional  
FAESA I - Faculdades Integradas Espírito Santenses  
FAIP - Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista  
FAMEG - Faculdade Metropolitana de Guaramirim  
FAPEPE - Faculdade de Presidente Prudente  
FASM - Faculdade Santa Marcelina  
FAVIM - Faculdade do Vale de Itajaí Mirim  
FCS - Faculdade Cidade do Salvador  
FEBASP - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo  
FEEVALE - Universidade Feevale  
FESSC - Centro Universitário Estácio de Sá de Santa Catarina  
FMU - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas  
FPA - Faculdade Paulista de Artes  
FUMEC - Universidade Fumec  
FURB - Universidade Regional de Blumenau  
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina  
INMOD - Instituto Nacional de Moda e Design  
IPA - Centro Universitário Metodista  
P&D - Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design  
PUC - Pontifícia Universidade Católica  
SBEM - Sociedade Brasileira de Estudos em Moda  
SENAC SP - Centro Universitário Senac  
SENAI CETIQT - Centro da Tecnologia da Indústria e Têxtil do Senai  
UAM - Universidade Anhembi Morumbi  
UBI - Universidade da Beira Interior  
UDESC - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina  
UEL - Universidade Estadual de Londrina  
UEM - Universidade Estadual de Maringá  
UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais  
UFAM - Universidade Federal do Amazonas  
UFBA - Universidade Federal da Bahia  
UFC - Universidade Federal do Ceará  
UFF - Universidade Federal Fluminense  
UFG - Universidade Federal de Goiás  
UFJF - Universidade Federal Juiz de Fora  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso  
UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UFPI - Universidade Federal do Piauí  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria  
UFV - Universidade Federal de Viçosa  
UNAMA - Universidade da Amazônia  
UNESA - Universidade Estácio de Sá  
UNESP - Universidade Estadual Paulista  
UNIANDRADE - Centro Universitário Campos de Andrade  
UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci  
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas  
UNICESUMAR - Centro Universitário de Maringá  
UNIFEBE - Centro Universitário de Brusque  
UNINORTE - Centro Universitário do Norte  
UNIP - Universidade Paulista

UNIPAR - Universidade Paranaense  
UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense  
UNIRITTER - Centro Universitário Ritter dos Reis  
UNIRP - Centro Universitário de Rio Preto  
UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo  
UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
UNITRI - Centro Universitário do Triângulo  
UNIVALI - Universidade do Vale de Itajaí  
UNIVAP - Universidade do Vale da Paraíba  
UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira  
USP - Universidade de São Paulo  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná  
UVA - Universidade Veiga de Almeida



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>33</b>
2.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	33
2.2 A CIÊNCIA E SEU DESENVOLVIMENTO.....	40
<b>2.2.1 O Desenvolvimento Científico Segundo Robert King Merton</b>	<b>41</b>
<b>2.2.2 O desenvolvimento científico segundo Thomas Kuhn.....</b>	<b>47</b>
<b>2.2.3 O desenvolvimento científico segundo John Ziman.....</b>	<b>52</b>
<b>2.2.4 O desenvolvimento científico segundo Pierre Bourdieu.....</b>	<b>58</b>
<b>2.2.5 O desenvolvimento científico segundo Richard Whitley.....</b>	<b>63</b>
<b>2.2.6 O desenvolvimento científico segundo Bunge.....</b>	<b>68</b>
2.3 COMPONENTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA.....	73
2.4 A MODA COMO FENÔMENO E A INTRODUÇÃO DO ESTUDO DESSE FENÔMENO NO MUNDO ACADÊMICO.....	76
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>85</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	85
3.2 CORPUS DA PESQUISA.....	86
3.3 DESCRIÇÃO E INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS....	87
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>97</b>
4.1 O CAMPO DA MODA NO BRASIL: HISTÓRIA E SITUAÇÃO ATUAL COMO INDÍCIOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO SOCIAL.....	97
<b>4.1.1 Institucionalização social: os cursos de graduação e pós-graduação em Moda no Brasil.....</b>	<b>98</b>

<b>4.1.2</b>	<b>Institucionalização social: os periódicos científicos do campo da Moda no Brasil.....</b>	<b>108</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Institucionalização social: a associação de pesquisa em moda no Brasil.....</b>	<b>114</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Institucionalização social: os eventos científicos em Moda no Brasil.....</b>	<b>117</b>
<b>4.1.5</b>	<b>Institucionalização social: os grupos de pesquisa em moda no Brasil.....</b>	<b>124</b>
<b>4.2</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DO CAMPO DA MODA E INDÍCIOS DE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA.....</b>	<b>126</b>
<b>4.3</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>137</b>
<b>4.4</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>146</b>
<b>4.5</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM EVENTOS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>156</b>
<b>4.6</b>	<b>INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: ORIENTAÇÕES REALIZADAS, DISSERTAÇÕES, TESES CONCLUÍDAS E BOLSAS DE PESQUISA CONCEDIDAS.....</b>	<b>163</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>175</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>181</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A ciência é considerada uma atividade social desenvolvida por grupos de indivíduos e instituições. Cada grupo, especializado em determinado campo de conhecimento, determina seus objetos de estudo e adota teorias e terminologias próprias. Os indivíduos, participantes desse processo, são tradicionalmente denominados de cientistas, pesquisadores que objetivam realizar novas descobertas científicas e gerar novos conhecimentos. O conhecimento científico é um produto dessa atividade.

Targino (2000) lembra que a ciência é uma instituição social, dinâmica, contínua e cumulativa, sua finalidade consiste em desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos por meio de metodologias seguras e sistemáticas. Os resultados de pesquisas são provisórios e seus sistemas explicativos não são permanentes, refletindo a dinamicidade da ciência. Os resultados científicos são transformados ao longo do tempo de acordo com novas descobertas e acréscimos cognitivos. Os constructos científicos ampliam continuamente as fronteiras do conhecimento.

Santos (1989) esclarece que o conhecimento científico não surgiu espontaneamente, mas sim como uma tentativa para atestar o que é racional e verdadeiro. Para o conhecimento possuir um caráter científico, esse deve ser produzido a partir de uma metodologia, amparado por um arcabouço teórico, no qual estão presentes as teorias que sustentaram o processo de pesquisa, descritas as etapas de pesquisa, explanados seus objetivos e resultados. O que confere cientificidade ao conhecimento é a aceitação da comunidade científica. A avaliação e o reconhecimento dos pares são fundamentais nesse processo.

O processo de construção do conhecimento é regido por padrões e normas de comportamento, durante a produção e comunicação do conhecimento um sistema de valores é instituído, visando sua certificação e divulgação. Mueller (1995) entende que as comunidades científicas estão condicionadas a padrões de comportamento que, de certa forma, constituem um ideal para atividade de pesquisa. Nessa perspectiva, os padrões científicos são comuns em campos do saber, e esses são respeitados pelos agentes da ciência.

A ciência do ponto de vista da sua produção e divulgação tem sido objeto de estudo da Ciência da Informação (CI) ao longo dos anos. A Ciência da Informação surge em um contexto dominado pelas tecnologias da informação e comunicação, acompanhada da produção massiva de informação. Por sua vez, é uma ciência interdisciplinar que

se apropria de conhecimentos de diversas disciplinas. Essa ciência tem seus interesses voltados para atividades-meio com foco nos fluxos, nos canais, na produção, tratamento, organização, recuperação e no uso da informação (BORKO, 1968).

A forte ligação com estudos acerca da produção e da comunicação científica, no Brasil é evidenciada pelas pesquisas desenvolvidas nessa temática, tendo destaque a atuação do grupo de trabalho *Produção e Comunicação da Informação em CT&I (GT7)* nos encontros nacionais de pesquisa em ciência da informação (ENANCIBs), o maior evento da CI no país que ocorre anualmente. Esse grupo é um dos mais antigos e consolidados da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e sua representatividade pode ser verificada pelo grande número de produção científica em todas as edições desse evento.

Silveira et al (2013), ao examinarem os domínios científicos da Ciência da Informação representados nos trabalhos oriundos do GT7 do ENANCIB, consideram que

as pesquisas desenvolvidas sobre produção e comunicação da informação no Brasil apresentam temas bem definidos e desenvolvidos ao longo de muitos anos, configurando-se assim como um dos principais domínios da Ciência da Informação (SILVEIRA et al, 2013, p. 14).

A comunicação científica, segundo Meadows (1999, p.vii), “situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa”, visto que a legitimidade dos resultados de uma pesquisa só são reconhecidos após analisados e aceitos pelos pares. A comunicação dos resultados de pesquisa possibilita a introdução de novos conhecimentos e descobertas, evita estudos repetitivos com o mesmo objetivo trazendo reconhecimento ao autor, fornecendo-lhe créditos pela pesquisa e, conseqüentemente, por seus resultados. O sistema de comunicação científica depende de canais formais e informais, do processo de revisão por pares e dos periódicos científicos como principais meios de publicação de resultados de pesquisa. Enfim, as publicações proporcionam visibilidade e prestígio aos pesquisadores (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2007).

A comunicação científica é uma atividade dinâmica em que interagem diversos agentes tais como produtores, mediadores e consumidores de informação e conhecimento científico. Na medida do

desenvolvimento da sociedade surgiram novas tecnologias que propiciaram aperfeiçoamento nos canais e produtos de informação e comunicação.

A comunicação científica, conforme Meadows (1999), segue alguns padrões e esses diferem conforme os campos de conhecimento. Alguns campos apresentam preferência pela comunicação informal, outros pela formal, alguns preferem disseminar o conhecimento em livros e outros em periódicos científicos, por exemplo.

O interesse desta pesquisa está voltado para institucionalização de um campo científico, no qual o processo de comunicação científica tem papel primordial. Para se realizar a pesquisa, a escolha recaiu no campo da moda, que muitas vezes é percebido com *estranheza* pela comunidade científica mais tradicional devido ao seu recente processo de *academização*.

A moda, como fenômeno, tem sido estudada por filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos, economistas, designers, engenheiros têxteis e químicos que abordam sua problemática em diferentes perspectivas sejam elas, filosóficas, históricas, sociais, comportamentais, econômicas, estéticas e tecnológicas, o que é um indicador da importância dessa temática em diversos campos de conhecimento.

Lipovetsky (2009) destaca que a moda está na rua, na indústria e na mídia, no entanto, é pouco discutida pelos intelectuais. Nesse sentido, o autor enfatiza a necessidade de redinamizar e inquietar sua investigação, no qual as pesquisas acadêmicas devem estimular mais a razão teórica desse fenômeno.

Mundialmente, quando presente na literatura e é abordada do ponto de vista econômico, histórico ou sociológico, os autores sempre demonstraram um certo incômodo com a escassez de pesquisa sobre o assunto. Esse desinteresse pela moda no âmbito acadêmico, segundo os autores, é fruto do desprezo por parte da comunidade científica, que a qualificava como superficial e como mecanismo do consumo. A emergência de uma pesquisa interdisciplinar centrada na temática moda tem início nos anos de 1990 e 2000, sendo denominada de *estudos sobre a moda* ou *modologia*. Outra dificuldade para impor esse tema como de pesquisa legítima seria por causa de sua ambiguidade e complexidade, além da falta de dados, característica essa comum aos setores das indústrias criativas e, em particular, da indústria da moda, o que muitas vezes torna-se um obstáculo para a realização de pesquisas científicas (GODART, 2010).

A moda é mais que um indicador de comportamento, é uma

indústria impregnada de ciência e tecnologia. Consumir moda significa alimentar um mercado que sustenta milhões de empregos e gera lucro para empresas do setor de vestuário e têxtil. Valerie Steele (2013, p.7) no prefácio da obra *Tudo sobre Moda* reforça essa noção ao explicar que “a moda é também uma indústria global multimilionária, que emprega uma quantidade imensa de mão de obra internacional”. A escritora concebe a moda como uma rede de indústrias, pois seu sistema envolve produção de matérias-primas, manufatura e marketing. Por fim, destaca que a “moda é uma parte crucial da sociedade e da cultura modernas”.

Para compreender a relevância desse segmento na economia nacional são apresentados alguns indicadores. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) (2014) o Brasil é considerado a quinta maior indústria têxtil do mundo e a quarta maior de confecção, no ano de 2013 empregou diretamente cerca de 1,7 milhão de pessoas. Na absorção de mão de obra

a indústria da moda é o segundo maior empregador na indústria de transformação [...] Fatura cerca de R\$ 100 bilhões/ ano através de mais de 30 mil empresas. Paga R\$ 14 bilhões/ano em salários, tem investido a média de R\$ 5 bilhões a cada ano (somando desembolsos do BNDES e aquisição de máquinas e equipamentos) e recolheu R\$ 7 bilhões em contribuições federais e impostos em 2013. (ABIT, 2014, p. 8).

Contudo, a indústria da moda envolve arte, negócios, artesanato e alta tecnologia (ABIT, 2014). Sua expressividade é impulsionada por um fenômeno social. Na perspectiva de Caldas (1999, p. 29), a moda é

um fenômeno complexo, que faz funcionar as engrenagens de uma das mais antigas e poderosas indústrias de nossa civilização. Hoje, o assunto moda está presente como objeto de pesquisa nas principais universidades do planeta e a roupa é vista, antes de tudo, como signo portador de mensagens que nos falam do indivíduo que a veste e da sociedade que a produziu.

Para que os profissionais da moda atuem nesse universo seria desejável uma sólida formação acadêmica, ancorada por conhecimentos produzidos no âmbito científico. No intuito de associar uma noção

acadêmica e mercadológica direcionadas ao ensino da moda, Carli (2011) enfatiza a ideia de que a moda está vinculada entre a prática e a teoria, pois é a associação desses aspectos é que permite a formação de um profissional especializado. Desse modo, as pesquisas acadêmicas em moda contribuem para a formação dos profissionais, consolidam a área e estimulam novas pesquisas que, conseqüentemente, gerarão novos conhecimentos. Sendo assim, as estruturas científicas e sociais estão interligadas, o desenvolvimento do conhecimento na área fortalece a sua identidade cognitiva e social.

Na última década, observou-se um crescimento significativo na oferta de cursos de nível superior em moda no Brasil. Isso parece denotar uma necessidade de profissionais capacitados no mercado e um setor da economia aquecido. Representa também um aumento de pesquisadores e pesquisas, uma vez que aumentam os cursos de graduação, tem-se uma demanda maior de docentes e pesquisadores. Mueller (1995) destaca que o crescimento científico de uma área pode ser indicado por sua produção científica.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como foco a institucionalização científica em Moda no Brasil, apoiando-se no pressuposto de Fujino, Pereira e Maricato (2012, p. 3) de que essa institucionalização

englobaria as estruturas de legitimação do conhecimento: os locais de formação, pesquisa e produção científica, os meios de divulgação desse conhecimento e os espaços associativos profissionais, conferindo-lhes identidade social.

Ao se analisar a institucionalização científica no campo da Moda, serão focalizados os locais e os processos de produção e comunicação científica desse campo. As instituições produtoras e a própria produção científica são responsáveis pela consistência científica do campo e seu grau de institucionalização. As publicações científicas só têm validade porque são avaliadas, divulgadas e compartilhadas com membros da comunidade científica e com a sociedade. A construção do campo científico acontece via congregação de conhecimentos provenientes de pesquisas e as publicações reforçam as teorias do campo, assim como alimentam os interesses de investigação. Nesse sentido, todos os campos científicos são nutridos por publicações científicas que, conseqüentemente, instigam novas produções.

Esta pesquisa tem como interesse o tema moda na perspectiva

científica, o estudo irá proporcionar o levantamento dos agentes, instituições, pessoas, eventos e processos que constituem esse campo com o intuito de se reconhecer indícios de existência de um corpo institucional e teórico consolidado ou em vias de consolidação necessária a institucionalização científica de um campo de conhecimento.

Ao desenvolver esta pesquisa pretende-se reafirmar o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, aspecto esse existente desde sua criação. Da mesma forma pretende-se contribuir para discussões e problemas que interessam tanto aos pesquisadores da moda como aos cientistas da informação.

Em uma busca nos sites dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, verificou-se que dentre os anos de 1998 a 2013 foram desenvolvidas oito pesquisas que versavam sobre moda no âmbito dessa ciência. Dessas, duas são teses e seis dissertações defendidas nos programas de CI da USP, UFRJ, PUCAMP, UFSC e UEL. Tais pesquisas confirmam a possibilidade de um diálogo entre as duas áreas.

Considerando que a moda é um campo de estudo relativamente novo no ambiente acadêmico que apresenta abordagens interdisciplinares e multidisciplinares, esta pesquisa será guiada pela busca de respostas para a seguinte questão: Como se configura a institucionalização científica nesse campo no Brasil? Ainda, a pesquisa procurará verificar se existe uma relação entre comunicação científica e a institucionalização científica nesse campo de conhecimento.

A partir de tais questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral: Analisar a institucionalização científica no campo da Moda no Brasil. Os objetivos específicos definidos na pesquisa são: a) identificar as instituições formais do campo da moda no Brasil (cursos de graduação, pós-graduação, revistas, associação de pesquisa, eventos, grupos de pesquisa); b) identificar os pesquisadores do campo da moda; c) caracterizar a produção bibliográfica nesse campo (artigos, livros, capítulos de livros, trabalhos em eventos, dissertações de mestrado e teses de doutorado); d) verificar se é possível relacionar a existência e consolidação das instituições científicas e a produção científica desse campo.

Algumas pesquisas sobre institucionalização científica foram desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação no Brasil com abordagens voltadas para o Turismo, a Engenharia Civil e a própria Ciência da Informação. Tais estudos usam a análise de citação, análise de redes sociais, apropriando-se da bibliometria e cienciométrica para levantar a situação científica desses campos de conhecimento. Assim,

realiza-se abaixo uma breve descrição de alguns desses estudos:

- Momm (2009) investigou a institucionalização científica no Turismo por meio da análise das referências contidas nas dissertações produzidas no campo, defendidas dentre os anos de 2000 a 2006. A pesquisa reconheceu indícios de uma institucionalização social, mas encontrou fragilidade na institucionalização cognitiva, caracterizando-a como incipiente.
- Loureiro-Alves (2010) investigou a institucionalização da Ciência da Informação no Brasil, sob uma perspectiva social e cognitiva. A análise cognitiva teve como objeto as teses publicadas de 1985 a 2007 recuperadas na Base de Dados de Dissertações e Teses da CAPES. Na análise social os dados foram obtidos nos portais dos programas de CI e no portal da Capes. Os resultados apresentaram aspectos positivos e outros que carecem maior atenção em ambas as perspectivas.
- Arboit, Bufrem e Kobashi (2011, p. 145) analisaram a institucionalização de Ciência da Informação na perspectiva da evolução dos cursos de graduação nesse campo, incluindo cursos criados entre 1910 e 2008 de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Gestão e Ciência da Informação. As autoras concluíram que “a diversidade de nomenclaturas e as divergências conceituais no campo teórico evidenciam a fragilidade epistemológica da área, bem como a busca de maior visibilidade profissional perante a sociedade”.
- Holanda (2013) estudou o processo de construção do conhecimento científico com base nas dissertações e teses do programa de pós-graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal de Pernambuco, entre os anos de 2003 a 2012. Analisou as redes sociais estabelecidas entre os pesquisadores em suas produções científicas (artigos e anais de eventos). Apresentou indícios positivos da institucionalização social e cognitiva do

programa analisado.

Diante do exposto, a Ciência da Informação apresenta vocação para estudos dessa natureza, mostrando em seus estudos competência e habilidade para desenvolvimento de metodologias e análises em outros campos do saber.

A dissertação está estruturada de seguinte maneira: a partir da introdução que constitui sua primeira seção, o referencial teórico que ancora a pesquisa compõe a segunda seção, os procedimentos metodológicos, a terceira seção, os resultados da pesquisa, a quarta e na quinta seção são realizadas as considerações finais referentes à pesquisa. No final, são arroladas as referências das obras que subsidiaram o desenvolvimento da pesquisa.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao delinear a pesquisa o referencial teórico discorre-se sobre a Ciência da Informação enfatizando a vocação desse campo para estudos de produção e comunicação científica. Em seguida, apresentam-se diferentes concepções do desenvolvimento científico com o intuito de compreender o processo de institucionalização científica. Na próxima seção, expõe-se o fenômeno da moda, sob a perspectiva de Georg Simmel e Gilles Lipovetsky, mostrando alguns trabalhos que contribuíram para a inserção da moda no universo acadêmico. Por fim, apresentam-se os componentes da ciência enfocando o campo analisado.

### 2.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Passados mais de 50 anos da sua criação, a Ciência da Informação (CI) continua em processo de constante transformação, sua denominação sugere um imenso espaço de investigação, pois a palavra informação permeia diversas disciplinas e instiga diferentes abordagens e conotações. É difícil apresentar um conceito que represente todas as suas características e questões de interesse, entretanto, é nítido que seu objeto de estudo é a informação, essa é parte integrante de processos e produtos abrangendo uma dimensão social, econômica e tecnológica. Nesse sentido, Couzinet, Silva e Menezes (2007) destacam que desde sua criação a CI vivencia uma crise de identidade e ausência de fronteiras, sendo compreendida como uma ciência emergente que sofre interferência das novas tecnologias e enfrenta desafios decorrentes da sociedade da informação e da globalização.

Existem algumas versões para a constituição desse campo denominado de CI. Para alguns autores, a CI desenvolveu-se no fim da década de 50, a partir da necessidade de uma área de trabalho prática, denominada *documentação* ou *recuperação da informação*. Sua emergência foi estimulada pelo uso de tecnologias no processamento eletrônico de dados. Tradicionalmente, tem recebido contribuição de diferentes disciplinas, tais como a Ciência da computação, Biblioteconomia, Filosofia, Linguística, Cibernética e Matemática (WERSIG; NEVELING, 1999). Autores como Saracevic (1996) e Barreto (2007) afirmam que a Ciência da Informação surgiu no século XX, após a segunda Guerra Mundial com o intuito de resolver problemas relacionados à organização e à recuperação da informação. Tais problemas intensificaram-se com a produção massiva de

informação, o que demandou novos problemas que demandaram novos estudos e saberes para compreender os processos de sua produção, organização e disseminação. Pinheiro e Loreiro (1995) e Barreto (2007) esclarecem que CI nasce formalmente entre os anos de 1961 e 1962 na reunião do Georgia Institute of Technology (Conferences on Training Science Information Specialists), na qual foi discutida a formação do especialista em Ciência da Informação, com foco no pesquisador interessado na ciência do *armazenamento e recuperação da informação*.

Wersig e Neveling (1999) procuram estabelecer um norte para a Ciência da Informação, quando apresentam quatro enfoques para os estudos e pesquisas desenvolvidos nesse campo: enfoque orientado para o fenômeno informação, enfoque orientado para os meios no sentido prático herdado da Biblioteconomia, enfoque orientado para tecnologia vista como um subsistema da Ciência da Computação e enfoque orientado para os fins, atendendo as necessidades sociais.

A interdisciplinaridade é uma característica intrínseca desse campo de conhecimento, embora essa questão não esteja bem definida pela própria área. Pinheiro (1999, p. 75-76) é pontual ao abordar esse aspecto, com base nos estudos e pesquisas acerca da interdisciplinaridade deixando claro o reconhecimento de que a CI “incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma”. Gomes (2001, p. 5) reitera esse conflito interdisciplinar e a necessidade de delimitar fronteiras. No entanto, reflete que essa característica da área possibilita mais abertura e flexibilidade, o que vai ao encontro de “um exercício científico mais próximo de um novo paradigma da construção do conhecimento, o que não reduz a necessidade de definição do seu núcleo disciplinar”. A interdisciplinaridade é um caminho de duas vias, no qual não basta a apropriação de conceitos, teorias, técnicas e metodologias, é preciso também contribuir, devolver o conhecimento para as outras disciplinas para que possam fazer uso do mesmo, configurando assim, uma interação cognitiva e técnica entre disciplinas.

O artigo *we may think* de Vannevar Bush (1945) é considerado um marco para a área, pois ressalta o interesse e a função da CI voltada para sociedade que vivencia novas necessidades, mecanismos e metodologias para organizar e disponibilizar a informação de forma útil e eficaz. A informação, para esse autor é um elemento estratégico para a ciência e a tecnologia e insumo para a geração de conhecimento.

Bush (1945) explica que o volume de pesquisas cresceu após a segunda guerra, sendo um sinal decorrente do processo de especialização na ciência. Nesse período, os cientistas apresentavam

dificuldades para acompanhar toda literatura publicada, manter-se atualizado tornou-se uma atividade árdua. Os mecanismos de organização e recuperação da informação encontravam-se defasados, diferentes da lógica processada pela mente humana, que ocorre pela livre associação de conceitos. O autor sugere que os sistemas de indexação se aperfeiçoem sob esse prisma. Para solucionar o problema de armazenagem e recuperação da informação, Bush (1945) vislumbra um dispositivo mecanizado e o denomina de Memex, no qual seria possível consultar documentos e arquivos com muito mais agilidade e flexibilidade. Esse equipamento constitui:

uma máquina foto-eletromecânica capaz de armazenar informações em microfilmes, criando referências cruzadas que facilitassem a recuperação e o inter-relacionamento de informações entre documentos diferentes, a qual pode ser considerada precursora do conceito de hipertexto. Seu projeto buscava simular o funcionamento do pensamento humano. (CÔRTEZ, 2006, p. 49).

Segundo Barreto (2007), Bush com a publicação de seu artigo em 1945 indica mudança de paradigma na área de informação que passa a incluir ciência e tecnologia no seu foco de interesse.

Marcada a relevante contribuição de Bush, outro artigo *Information Science: what is it?*, escrito por Borko (1968) estimula as discussões sobre a CI, instigando a comunidade de cientistas a refletir sobre essa ciência. O autor salienta que a disciplina em estudo apresenta aspectos de ciência pura e de ciência aplicada, possibilita espaço para os teóricos e práticos, ambos os perfis essenciais em qualquer área. Define o campo CI como responsável pela investigação das propriedades e do comportamento informacional, das forças que governam os fluxos de informação, e dos “significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima.” (BORKO, 1968, p. 1). A CI, para esse autor, “está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação.” (BORKO, 1968, p. 1).

Saracevic (1996) destaca três características responsáveis pela existência e evolução da Ciência da Informação. Primeiro, a CI é por natureza, interdisciplinar. Segunda, está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. Terceira, a CI, é uma participante ativa e

deliberada na evolução da Sociedade da Informação. Essa ciência apresenta uma dimensão social e humana que extrapola a tecnologia. Tais características permitem compreender o passado, presente e futuro da CI, bem como seus problemas. A Ciência da Informação constitui, na visão de Saracevic (1996, p. 47).

um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

Galvão e Borges (2000) concordam com os demais autores citados, no que diz respeito à interdisciplinaridade da área e do seu objeto de estudo (informação). No entanto, esclarecem que a CI não se caracteriza como ciência clássica e nem como ciência básica. Ambos entendem que a CI é uma ciência recursiva, pois se apropria e faz uso de conhecimentos existentes em outras ciências. Igualmente, essa ciência se apoia nos avanços tecnológicos e nas possibilidades que deles emergem. Segundo esses autores, são as próprias demandas da sociedade que atuam na construção e na definição do perfil dessa disciplina. Destacam ainda que a CI é:

dinâmica, instável e, potencialmente, catalisadora dos estudos sobre fenômenos informacionais. Dito de outra forma, a ciência da informação e seus objetos de estudos se constroem prioritariamente por meio empírico, restando aos pesquisadores da área construir, quando necessário, o objeto teórico. (GALVÃO; BORGES, 2000, p. 47).

Diante do exposto, há muito caminho pela frente a ser percorrido pelos teóricos da área. Vivencia-se uma realidade na qual a informação e a tecnologia são elementos básicos de sobrevivência, imprescindíveis em todas as atividades e processos. Essa abrangência permite estudos e discussões sob os mais diversos pontos de vista, problemas e enfoques, o que estimula a constante reformulação de teorias e objetos analisados.

Procurando uma perspectiva mais contemporânea, Araújo (2014,

p. 27-28) explica que a CI tem sua história construída com base na diversidade, pois

modelos de compreensão distintos, campos de estudo diversos, variados objetos empíricos têm evidenciado a inexistência de um corpo teórico unificado e acabado. [...] Ser espaço da convivência do diverso tem feito da Ciência da Informação um campo com muita criatividade para a formulação de novos conceitos, muita agilidade para a compreensão de novos fenômenos e o desenho de novos âmbitos de pesquisa, além de fôlego para dialogar com as mais distintas áreas disciplinares.

O futuro da CI será delineado pelos pesquisadores e por suas pesquisas, sendo que a competência adquirida de seus cientistas e o reconhecimento por parte de outras comunidades científicas contribuirá na delimitação das fronteiras do campo.

Nesta breve revisão conceitual é possível perceber a abrangência da CI. Príncipe (2013, p. 196), em especial, ressaltou a forte ligação da CI com a produção e comunicação científica:

a comunicação científica, subárea de pesquisa da ciência da informação e uma das mais profícuas, tornou-se objeto de estudo, de maneira mais intensa e sistemática, a partir da Segunda Guerra Mundial, em decorrência do aumento significativo do volume da literatura produzida, comunicada e publicada.

Ao estudar as correntes teóricas da CI, Araújo (2009) aponta indícios da correlação aqui apresentada, o autor descreve a corrente *Produção e Comunicação Científica* e suas importantes contribuições. Entre os anos de 1940 e 1960 a temática produção científica estimulou as discussões sobre informação, chegou-se a compreender que a CI seria na verdade a ciência da informação científica. No contexto do pós-guerra, em meio da Guerra Fria, o desenvolvimento científico e tecnológico era considerado um fator estratégico. Nesse período, a informação desempenhou papel importante na produção de conhecimento, foi um recurso necessário, ou seja, o insumo para produção e comunicação científica. Estudos relacionados ao uso de

fontes de informação, fluxo de informação, mediação e transferência da informação proliferaram nesse campo (ARAÚJO, 2009). Tais exemplos reforçam a vocação da CI em trabalhar a comunicação na ciência envolvendo agentes, canais e produtos.

Ao trabalhar com a comunicação científica é imperativo conhecer suas origens e suas transformações ao longo do tempo. Analisando o histórico da ciência não é possível afirmar com exatidão o início das pesquisas científicas e da comunicação científica. Entretanto, as atividades mais primitivas que impactaram a comunicação científica moderna originaram-se na Grécia, com a tradição da pesquisa comunicada em forma escrita. A fala e a escrita constituem assim, as formas mais importantes da comunicação científica (MEADOWS, 1999).

A lentidão na comunicação científica perdurou durante séculos, pois inicialmente os textos eram transcritos manualmente e a comunicação era local. Somente com a invenção da imprensa foi possível agilizar a reprodução dos textos, diminuir os custos e estabelecer uma forma mais sistemática de comunicação. Nessa época, os cientistas começaram a organizar sociedades científicas com a finalidade de difundir o conhecimento (BJÖRK, 2007).

Conforme Burke (2003), no século XVII assiste-se o surgimento dos institutos de pesquisa, do pesquisador profissional e da própria ideia de pesquisa. Entre os séculos XVII e XVIII são criadas organizações de fomento à *pesquisa* e fundadas as academias de artes, engenharia e medicina. Nesse período utilizaram-se regularmente os termos *investigação* e *experimento*, o que denota a consciência de certos grupos sobre a “necessidade de buscas para que o conhecimento fosse sistemático, profissional, útil e cooperativo” (BURKE, 2003, p. 48-49). Portanto, tais acontecimentos subsidiaram o desenvolvimento da comunicação científica.

A comunicação surge como uma evolução do sistema particular e privado de comunicação feito até então por meio de cartas, atas e memórias científicas. Essas correspondências especializadas entre os cientistas e as agremiações científicas vão originar no século XVII as publicações científicas, voltadas para um público mais amplo, porém especializado (STUMPF, 1996; FREITAS, 2006).

A *Philosophical Transactions* é reconhecida como a primeira revista voltada para comunicação da ciência, é o protótipo dos atuais periódicos especializados. Criada por Henry Oldenburg, secretário da Royal Society em 1665 em Londres, visava à criação do registro público de contribuições originais e desempenhava a função de um escritório de

patentes. O interesse de Oldenburg consistia em atrair autores europeus para registrar suas descobertas na *Philosophical Transactions*, nesse período Londres tornou-se o centro universal da comunicação científica. No mesmo ano da criação da *Philosophical Transactions*, nasce em Paris o *Journal des Sçavans*, precursor do periódico moderno de humanidades que tinha como foco temas mais variados e informativos. Percebe-se então, que ambos periódicos surgem com diferenças de conteúdo e intenção (MEADOWS, 1999; GUEDÓN, 2001; VOLPATO, 2008).

As razões para o surgimento dos periódicos científicos estão fundamentadas na crença de que os editores teriam lucro e que para fazer novos descobrimentos era necessário um debate coletivo. Entretanto, o real motivo de sua criação foi à necessidade de uma comunicação eficaz que atendesse a clientela interessada em novos conhecimentos (MEADOWS, 1999).

A comunicação científica está sustentada no processo de revisão por pares, mecanismo em vigor a mais de 350 anos. Nesse processo, especialistas avaliam os textos originais de seus pares geralmente desconhecendo a autoria dos artigos, com a missão de fazer críticas, emitir parecer, aprovar ou reprovar e assim garantir a confiabilidade dos textos publicados (MEADOWS, 1999; ABADAL, 2013).

Os periódicos (revistas) constituem o principal canal de comunicação na ciência, é por meio dele que pesquisadores divulgam os resultados de suas pesquisas, conferem o estudo de seus pares, recebem o crédito pelas pesquisas desenvolvidas e se mantém atualizados (MEADOWS, 1999, SAYÃO, 2010, RODRIGUES; OLIVEIRA, 2012).

Diante do valor atribuído aos periódicos científicos, Guedón (2001, p.31) explica que esses funcionam como um dispositivo imbuído de três funções, “ferramenta que atribui prestígio ao pesquisador, elemento chave para título de propriedade e instrumento de avaliação do desempenho individual dos pesquisadores”. Os periódicos ainda atuam como filtros de qualidade em todas as áreas de conhecimento, num processo de validar ou rejeitar as comunicações e relatos de pesquisa, as revistas tornaram-se o principal meio para a visibilidade científica (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2012).

A comunicação entre os pesquisadores pode ocorrer de maneiras distintas, é comum na academia fazer distinção de canais formais e informais. Constituem canais informais aqueles que possuem um caráter mais pessoal, particular, usados quando as pesquisas ainda não estão concluídas, caracterizam-se como canais informais as trocas de e-mails, conversas face a face, apresentações em congressos, conferências e preprints. Já os canais formais são estudos já concluídos publicados em

livros e artigos científicos, dissertações e teses, apresentando uma ampla divulgação do conhecimento (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2007).

Mueller (2007) destaca que o conhecimento só assume status científico quando ele é aprovado pelos pares. Esse processo de validação acontece em dois momentos, o primeiro na chamada avaliação prévia, um teste de qualidade no qual os manuscritos são submetidos antes da publicação, o segundo momento na publicação do artigo científico. Ao publicar o artigo, tornando público o conhecimento, esse serve de insumo para pesquisas futuras contribuindo na geração de novos conhecimentos. O processo de revisão por pares reflete um movimento cíclico de avaliação e publicação.

A relevância da comunicação científica é reiterada por Mueller (2007, p.128) quando expressa que a “comunicação desempenha papel central na ciência”, o que vai ao encontro da afirmação de Meadows colocada na introdução desta dissertação. No discurso de ambos subentende-se que no fazer da ciência, a comunicação é processo imprescindível, ou seja, a ciência e comunicação estão interligadas, são dependentes uma da outra. A velocidade do avanço científico está relacionada à eficiência com que os cientistas comunicam seus estudos aos pares e a sociedade, os resultados divulgados incidem no desenvolvimento de novas tecnologias e práticas (BJÖRK, 2007).

Independente do campo de conhecimento, a comunicação científica é elemento estruturante de sua institucionalização cognitiva e social. A existência dos periódicos demonstram a organização e consenso dos membros de uma área científica e reiteram o seu espaço de atuação.

Apresentaram-se aqui os conceitos básicos da CI, no qual foi evidenciada sua estreita relação com a comunicação científica. Na seção seguinte será abordado o desenvolvimento da ciência, por meio de diversas concepções.

## 2.2 A CIÊNCIA E SEU DESENVOLVIMENTO

Para compreender a constituição de um campo científico ou como ocorre o desenvolvimento científico é necessário buscar fundamentos na sociologia da ciência e na filosofia do conhecimento. Existem muitas visões sobre como se constitui e desenvolvimento científico. Nesta pesquisa, apresentam-se noções de desenvolvimento científico conforme a visão de alguns autores como, Robert K. Merton, Thomas Khun, John Ziman, Richard Whitley, Pierre Bourdieu e Mario Bunge, para que se possam buscar subsídios para analisar os dados levantados na pesquisa



com maior propriedade.

### 2.2.1 O Desenvolvimento Científico Segundo Robert King Merton

Para Merton (2013), a palavra *ciência* pode ser utilizada em muito sentidos, como, por exemplo, para apontar:

(1) um conjunto de métodos característicos por meio dos quais o conhecimento é certificado; (2) um estoque de conhecimento acumulado que se origina da aplicação desses métodos; (3) um conjunto de valores e costumes culturais que governam as atividades denominadas científicas; ou (4) qualquer combinação das três anteriores. (MERTON, 2013, p. 183).

Apesar de reconhecer tal abrangência, o interesse desse autor volta-se para a ciência como instituição social, considerando a estrutura cultural da ciência. O sistema mertoniano de abordagem da sociologia da ciência compreendeu dois períodos: o primeiro relativo às suas publicações cujo foco de interesse eram o puritanismo e a ciência e o segundo relativos à reorientação de seu programa de pesquisa e à identificação da estrutura normativa da ciência (MATTEDI, 2006).

A obra *Ensaio de Sociologia da Ciência* sintetiza as ideias desse importante sociólogo da ciência. Nessa obra, Merton (2013) mostra que no final do século XVII o sistema puritano de valores tem relação com o aumento do interesse pela ciência, marcando esse viés o primeiro período de sua abordagem. A ética puritana canaliza os interesses ingleses nesse período, tornando-se um elemento importante para a ciência. O autor ressalta que

Os interesses religiosos profundamente enraizados na época demandavam, em suas forçosas implicações, o estudo sistemático, racional e empírico da natureza para glorificação de Deus em sua obra e para o controle da corrupção no mundo. (MERTON, 2013, p. 16).

No *éthos* puritano dois dogmas estavam presentes, à glorificação/divinização de Deus e o desejo do bem-estar social que representava “o bem da maioria como um objetivo a ter sempre em mente.” (MERTON, 2013, p. 20). O puritanismo articulava valores para a ciência e evitava o

ócio já que esse pode levar os indivíduos a pensamentos pecaminosos e desnecessários. Por meio dessa influência puritana, a ciência incorporou o utilitarismo e o empirismo em suas práticas, exaltando assim a racionalidade, “a combinação de racionalismo e empirismo que é tão pronunciada na ética puritana que constituiu a essência do espírito da ciência moderna.” (MERTON, 2013, p.23). Os conhecimentos teológicos tornam-se insuficientes para responder questões científicas, pois os fatos devem ser comprovados por meio da observação, experimentação e ancorados por uma ótica racional, a fé já não bastava (MERTON, 2013).

A ênfase no utilitarismo e empirismo reflete o tipo de educação que os puritanos introduziram e fomentaram, esses instituíram um grande número de academias discentes no qual a ênfase estava direcionada para ciência e tecnologia em consonância com questões da vida prática. Nos centros educacionais puritanos tinham destaque as disciplinas de mecânica, hidrostática, física, anatomia e astronomia. Tais estudos realizavam-se com a ajuda de experimentos e observações reais reforçando assim a aplicação prática dos ensinamentos (MERTON, 2013).

As academias puritanas divergiam das universidades católicas já que essas focavam uma educação clássica, teológica, com estudos culturais e pouco úteis. As academias puritanas, por sua vez, sustentavam uma educação liberal, “uma educação que estava “ligada à vida” e que deveria, portanto, incluir tanto quanto possível assuntos utilitários.” (MERTON, 2013, p. 34). Os mesmos valores e princípios destacados pelo puritanismo são quase idênticos aos defendidos pelo pietismo que se desenvolve na Alemanha, “se nossa hipótese de associação entre o puritanismo e o interesse na ciência e tecnologia for válida, esperar-se-ia encontrar a mesma correlação entre os pietistas.” (MERTON, 2013, p. 38). Devido a essas circunstâncias, há uma inserção maior de indivíduos protestantes na ciência, gerando assim uma porcentagem maior de cientistas protestantes do que católicos (MERTON, 2013). Para Merton, “o puritanismo não cria a ciência, mas contribui para sua institucionalização. [...] Os elementos da ética protestante teriam impregnado o ambiente científico, determinando, assim, a conduta dos cientistas em relação a seus trabalhos” que deveriam enaltecer o grande autor da natureza (MATTEDI, 2006, p. 97).

No segundo período de sua abordagem, Merton passou a associar progressivamente, “a ciência, considerada como esfera institucional, parcialmente autônoma, a um conjunto de prescrições normativas” (MATTEDI, 2006, p. 99), o qual denominou de *éthos da ciência*.

O *éthos da ciência* é entendido como um conjunto de normas e crenças respeitadas e seguidas pelos cientistas, membros da comunidade científica. O *éthos* é algo implícito e acordado entre os cientistas, compreendido em quatro normas: universalismo, comunismo, desinteresse e ceticismo organizado (MERTON, 2013). No *Universalismo*, as alegações de verdade devem ser julgadas de acordo com a observação e com os conhecimentos anteriormente confirmados. Aceitar ou rejeitar alegações de verdades científicas não depende de atributos pessoais ou sociais de seus idealizadores. No universo científico, isso não importa. Na ciência não existe espaço para particularidades, o universalismo está enraizado no caráter impessoal. A ciência por sua vez é internacional (MERTON, 2013). Pelo *Comunismo*, as descobertas da ciência são um produto da colaboração social, sendo assim, direcionam-se a sociedade num âmbito geral. O pesquisador, cientista não é visto como proprietário do conhecimento ou da descoberta, cabe a ele apenas ser reconhecido e estimado por seu trabalho. As atividades científicas devem ser de livre acesso, os resultados de pesquisa precisam ser divulgados e compartilhados. O pesquisador ao publicar, tornar pública a sua descoberta obtém registro de sua autoria. Publicar deve ser meta do cientista; portanto suprimir as descobertas científicas é condenável no universo científico (MERTON, 2013). O *Desinteresse* é visto como um componente institucional básico na ciência, não está relacionado com o altruísmo nem ação ligada ao egoísmo. O *interesse* decorre da paixão do cientista pelo conhecimento, pela curiosidade, na preocupação com os benefícios sociais e humanos, são esses aspectos que motivam o pesquisador em sua vida acadêmica. “A demanda por desinteresse tem uma base firme no caráter público e testável da ciência e pode-se supor que essa circunstância tem contribuído para integridade dos homens de ciência.” (MERTON, 2013, p. 195). O *ceticismo organizado* apresenta inter-relação com os outros elementos do *éthos* já citados. “Ele é um mandato tanto metodológico como institucional.” (MERTON, 2013, p.197). Todo o conhecimento deve ser examinado de forma imparcial acima das crenças, deve envolver assim critérios empíricos e lógicos. Como afirma Merton (2013, p. 197), “o investigador científico não preserva a clivagem entre o sagrado e o profano, entre o que requer respeito sem crítica e o que pode ser analisado objetivamente”. Acredita-se assim, que esse conjunto de normas de conduta está presente diariamente na vida de todos os indivíduos que participam e constituem a ciência moderna.

Ao estudar a dinâmica social que se processa na ciência, Merton (2013) identificou padrões e comportamentos da comunidade científica.

Assim, revelou que pesquisadores eminentes obtêm muito mais créditos por suas contribuições na ciência do que pesquisadores relativamente desconhecidos que obtêm menos créditos. Os cientistas reconhecidos pelos seus pares, detentores de uma trajetória/contribuição em determinada área de conhecimento, tendem a ser mais prestigiados e referenciados do que cientistas ainda pouco conhecidos. Ao analisar esse padrão de reconhecimento do trabalho científico, que, entre muitos outros fatores, gera alocação de recursos, Merton (2013) denominou o fenômeno de *efeito Mateus*, expressão de origem bíblica que se fundamenta na passagem do *Evangelho segundo Mateus* em que está expressa a máxima “para todo aquele que tem, mais será dado e ele terá abundância; mas daquele que não tem, será tirado inclusive o que tem”. Merton (2013, p.205-206) afirma que o efeito Mateus constitui

a intensificação dos incrementos de reconhecimento pelos pares dos cientistas de grande reputação por suas contribuições particulares, em contraste com a minimização ou recusa desse reconhecimento para os cientistas que ainda não deixaram a sua marca.

Diante dessa analogia cria-se uma parábola sociológica que demonstra a maneira de distribuição de recursos no universo científico. Independente do contexto, o efeito Mateus sugere que os ricos ficam mais ricos e que os pobres ficam cada vez mais pobres. Aspecto esse que interfere na acumulação de vantagem e acarreta a priori desvantagem para cientistas sem experiências (MERTON, 2013).

Apesar de a ciência ser universal, a realidade científica não é homogênea. A realidade de pesquisa dos cientistas vai estar condicionada a sua formação, área de atuação, seu país e com a prioridade social do local da produção de conhecimento. Os cientistas apresentam níveis de produtividade distintos que variam conforme as particularidades de cada campo, mas no geral os que se destacam como produtivos obtêm mais visibilidade e recursos, criando assim uma vantagem em relação aos cientistas com produtividade menor (MERTON, 2013).

Merton (2013) aponta que o número de artigos publicados pelos cientistas varia, enquanto alguns publicam muito durante sua vida profissional outros publicam pouco. Para avaliar a produtividade dos cientistas, Lotka (1926) desenvolveu uma lei, que Price (1986) aperfeiçoou. Conforme esses autores, um pequeno número de

pesquisadores são os mais produtivos em um campo e um grande número de pesquisadores são os menos produtivos. Além de valorizar a produtividade dos cientistas, o universo científico também aprecia e pratica o princípio da precocidade. A ciência valoriza os cientistas precoces, recompensando suas habilidades por meio de premiações, bolsas de estudos e verbas. Aqueles que apresentam suas habilidades no período considerado adequado vão concentrar os investimentos e chamar atenção para si, enquanto os demais considerados com atuação medíocre são esquecidos. Essa concepção falha ao desconsiderar que o tempo de desenvolvimento de cada indivíduo é distinto e que o contexto social influi nesse processo, tendo em vista que habilidades podem florescer e se desenvolver num tempo mais tarde do que o tido como padrão, mas devido essa cultura muitos talentos são desperdiçados (MERTON, 2013).

No universo científico, as vantagens advindas da precocidade fortalecem um grupo que vai sempre se sobressair devido os investimentos conquistados, “começa um processo de vantagem cumulativa na qual aqueles indivíduos tendem a adquirir sucessivamente oportunidades ampliadas para fazer avançar ainda mais o seu trabalho.” (MERTON, 2013, p. 217). Instituições que dispõem de grandes investimentos em pesquisa permitem que seus integrantes aumentem seu potencial de adquirir vantagens cumulativas. Merton (2013, p. 217) destaca que

os processos de vantagem e desvantagem cumulativa acentuam as desigualdades na ciência e no aprendizado: desigualdades de reconhecimento dos pares, desigualdade de acesso ao recursos e desigualdades de produtividade científica.

Uma vez que os centros de pesquisa e instituições renomadas que ao longo da história produziram realizações de destaque na ciência atraem muito mais recursos humanos e materiais do que as organizações que não tiveram uma contribuição de peso e ainda não deixaram sua marca (MERTON, 2013). Em suma

o sistema de recompensa, a locação de recursos e outros elementos da seleção social operam assim para criar e manter uma estrutura de classe na ciência, ao proporcionar uma distribuição estratificada, entre os cientistas, das chances de

trabalhos científico significativo. (MERTON, 2013, p. 218)

As vantagens na ciência estão concentradas nos agentes (cientistas e instituições) que se destacam, mas nada impede que no rolar dos anos os desfavorecidos conquistem seu espaço e passem a gozar desse ciclo de vantagens cumulativas.

O simbolismo da propriedade intelectual na ciência tem como fundamento o “reconhecimento público, por pares qualificados, das contribuições científicas individuais.” (MERTON, 2013, p.224). Tal simbolismo pode se dar de diversas formas, na nomeação de cátedras e instituições de ensino e pesquisa, nas eleições para sociedades científicas honoríficas, na entrega de medalhas e prêmios. A atribuição de epônimos (era newtoniana), a conquista do Prêmio Nobel, a nomeação de uma lei ou teoria com o nome de seu criador refletem essa cultura de reconhecer a contribuição dada pelo cientista. Entretanto, a forma mais difundida e completa de reconhecimento acadêmico ocorre quando o trabalho de um cientista é utilizado por outros sendo citado e referenciado. A prática institucionalizada das citações e referências no ensino contribui para energizar o avanço do conhecimento (MERTON, 2013).

Merton (2013) argumenta que a riqueza da ciência reside na constante troca e interação dos estoques de conhecimento e que o lucro psíquico dos cientistas advém com o reconhecimento dos pares. No universo científico, a propriedade intelectual é marcada com o registro das publicações. Essa atividade de doação é uma “contribuição científica: um oferecimento que é aceito, embora provisoriamente, para um fundo comum de conhecimento.” (MERTON, 2013, p. 225).

A aceitação pelos pares é a principal forma de reconhecimento extrínseco na ciência, ao adquirir prestígio o cientista atrai outros reconhecimentos, tais como financeiro e político. Nesse sistema de comunicação aberta e de avaliação contínua são exigidas reciprocidades normativas que incide no consenso de tornar o trabalho comunitariamente acessível e de reconhecer o mesmo quando utilizado, atribuindo créditos a pesquisa e seus responsáveis. Essa prática de reconhecimento garante os direitos de propriedade dos cientistas, fato esse que reflete uma apropriação legítima, distinta da cópia, do plágio que caracteriza como uma apropriação ilegítima. Contudo, o uso institucional das citações e referências fundamenta a comunicação na ciência, pois elas são “centrais para o sistema de incentivos e para um sentido subjacente de justiça distributiva, que contribui muito para

energizar o avanço do conhecimento.” (MERTON, 2013, p.226).

As referências e citações são partes integrantes do sistema de propriedade intelectual científico e apresentam funções cognitivas e instrumentais, pois induz o leitor a fonte de conhecimento utilizado, permitindo um contato direto com o conteúdo o que possibilita uma interpretação fidedigna. Outros materiais que não tinham sido citados na fonte intermediária podem ser aproveitados, ao consultar as referências o leitor é dirigido a outras fontes primárias que foram obliteradas nas publicações intermediárias. De forma geral, as citações e referências contribuem na recuperação da informação e estruturam os trabalhos científicos. Institucionais simbólicas, pois atuam na manutenção da tradição intelectual e proporcionam o reconhecimento dos pares, a essência dessa função está explícita na fala de Newton “se pude ver mais longe, foi por estar sobre os ombros de gigantes”, o que infere uma fundamentação e reconhecimento no trabalho de cientistas precedentes (MERTON, 2013).

Os periódicos científicos são caracterizados como uma invenção sociocognitiva que transformaram a maneira de compartilhar o conhecimento na ciência. Merton (2013) já considerava uma violação a utilização de qualquer texto original que não fosse referenciado, citado, a apropriação indébita era tida como roubo, plágio.

Do ponto de vista de Merton, fica claro que a comunidade científica tem se estruturado normativamente. A importância da publicação reside na garantia da propriedade intelectual, e a comunicação dos trabalhos científicos validados incrementa o fundo de conhecimento acessível que estimula a construção de novos saberes.

## **2.2.2 O desenvolvimento científico segundo Thomas Kuhn**

O estadunidense Thomas Samuel Kuhn (1922-1996) ao escrever *A estrutura das revoluções científicas*, em 1962, apresenta conceitos-chaves no entendimento do que é ciência e de como ocorrem as transformações científicas. Tinha formação em física, contudo os conceitos propostos por Kuhn estenderam-se a todos os demais campos do saber, delineando uma noção geral de ciência.

Segundo Kuhn (2009), o progresso científico não ocorre por meio do acúmulo do conhecimento, mas sim por um processo de revoluções. As revoluções podem entendidas como momentos de transformações, mudanças que levam os cientistas a rever suas práticas, teorias e problemas.

O conceito de paradigma norteia todo o seu entendimento de

ciência para esse autor, os paradigmas são “as realizações científicas universalmente conhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. (KUHN, 2009, p. 13). Os paradigmas compreendem os valores e as crenças compartilhados entre os membros de uma comunidade científica, esses não são eternos transformam-se em novos paradigmas que vão redirecionar as pesquisas da área. O paradigma perde sua relevância quando não se consegue com seu uso responder ou solucionar problemas (KUHN, 2009).

Conforme Kuhn (2009), os períodos denominados de ciência normal não são caracterizados por produção de novidades e de novas teorias. Nesses períodos os pesquisadores estão em sua zona de conforto, desenvolvem suas pesquisas com base em conhecimentos já existentes e, assim, articulam fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma vigente, refletindo e reafirmando o que já se conhece. A “ciência normal significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica” (KUHN, 2009, p.13), sendo elas que vão fundamentar as práticas de pesquisa.

Kuhn (2009) destaca que os livros constituem os manuais da ciência normal já que definem e expressam teorias, problemas e métodos de um campo. Kuhn faz uma analogia ao afirmar que na ciência normal o cientista atua como uma peça de um jogo de quebra-cabeça e cada peça possui um lugar definido, não existindo espaço para equívocos e novidades. Diante disso, os cientistas e as pesquisas desse período de ciência normal reafirmam o paradigma já existente.

As anomalias são os agentes responsáveis pela mudança de paradigma, provocando uma crise no paradigma existente. Quando uma *pesquisa normal* não atinge os seus resultados esperados, isso significa que existe algo de *errado* que o paradigma existente não dá conta de amparar. Uma descoberta pode se dar a partir da detecção de uma anomalia já “a descoberta começa com a consciência da anomalia, isto é, com o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal.” (KUHN, 2009, p. 78). Instaurada a crise, um novo paradigma emerge e os pesquisadores passam a adotar novas teorias e renunciam as velhas teorias.

As crises abrem caminho para as revoluções científicas, o que Kuhn (2009, p. 125) chama de “episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente



substituído por um novo, incompatível com o anterior”. O sentimento de funcionamento defeituoso ocasionado pelo paradigma antigo é um pré-requisito para revolução, esse sentimento é crescente e inicialmente pertence a uma pequena subdivisão da comunidade científica.

Ao se adotar um novo paradigma é possível observar um novo mundo, são aceitos novos instrumentos e os olhares são orientados para novas direções. Em meio às revoluções científicas, os cientistas veem coisas novas e diferentes que antes não conseguiam observar devido o antigo paradigma. Esse período é constituído de ciência extraordinária, no qual se observa uma concorrência entre os paradigmas, assim, a adoção de um novo paradigma pode até conceber uma nova área ou ciência (KUHN, 2009).

De forma geral, o que Kuhn (2009) afirma é que a ciência é formada por momentos distintos, caracterizado pela alternância entre ciência normal e ciência extraordinária. Entretanto, o período de ciência normal é muito mais extenso do que período de ciência extraordinária e nesse intervalo ocorrem as revoluções científicas que culminam em transformações, mudanças de paradigmas.

Os paradigmas são fundamentais no processo de constituição das comunidades na ciência. Kuhn (2009, p. 221) designa paradigma o que “os membros de uma comunidade partilham, e inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”. Essa afirmação denota um compartilhamento cognitivo que se estabelece em cada área de conhecimento com o consentimento de seus integrantes.

Portanto, as comunidades científicas se organizam em torno de um paradigma, pois é esse que determina qual o objeto de estudo das pesquisas, quais as teorias e técnicas empregadas, como também define os problemas a serem discutidos. O que aproxima os membros da comunidade, caracterizados como cientistas são suas afinidades de pesquisa, interesses e objetivos em comum, situados em um mesmo contexto, familiarizados com os mesmos fenômenos e objetos sua linguagem evolui para um patamar especializado que só é compreendido dentro do limite de cada grupo (KUHN, 2009). Ao abordar a formação das comunidades Kuhn (2009, p. 222) ressalta que,

Uma comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas. Neste

processo absorveram a mesma literatura técnica e dela retiraram muitas das mesmas lições. Normalmente as fronteiras dessa literatura padrão marcam os limites de um objeto de estudo científico e em geral cada comunidade possui um objeto de estudo próprio.

É a literatura padrão compartilhada e estudada desde o início da formação dos cientistas que vai delimitar o objeto de estudo científico, no entanto há comunidades que abordam o mesmo objeto com visões distintas o que origina uma competição entre elas. Como consequência disso, os “membros de uma comunidade científica veem a si próprios e são vistos pelos outros como os únicos responsáveis pela perseguição de um conjunto de objetivos comuns, que incluem o treino de seus sucessores.” (KUHN, 2009, p. 223). No âmbito de cada grupo, a comunicação é aberta e os julgamentos profissionais são praticamente unânimes, mas quando a comunicação passa a ocorrer em nível mais abrangente entre os grupos ela torna-se árdua, pois cada comunidade foca assuntos distintos (KUHN, 2009).

As comunidades científicas podem existir em vários níveis, uma comunidade global é aquela que reúne cientistas ligados a ciências da natureza, partindo dessa comunidade derivam outras que se formam a partir da área de conhecimento e das suas especialidades. Os atributos requeridos para o cientista integrar uma comunidade contemplam: a) uma alta titulação; b) a participação em sociedades profissionais, c) como também atualização por meio da leitura constante de periódicos especializados. Os indícios do surgimento de uma comunidade científica iniciam com os contatos pessoais e troca de informações em conferências, com a distribuição dos manuscritos nas redes formais e informais de comunicação, como também na análise das ligações entre autores citantes e citados. Tais indícios revelam afinidades e interesses semelhantes refletindo a constituição das comunidades que podem possuir cem membros ou um número menor, no entanto os cientistas mais capazes participam de vários grupos simultaneamente (KUHN, 2009).

Kuhn (2009) destaca que antes de acontecer a transição do período pré-paradigmático para o pós-paradigmático no desenvolvimento do campo científico várias escolas competem por um determinado campo de estudo, mas com o acontecimento de alguma realização científica notável apenas uma escola passa a deter o domínio desse campo. Nesse sentido, inicia-se a prática científica, o trabalho do

grupo “inicia quando seus membros estão seguros a respeito dos fundamentos de seu campo de estudos.” (KUHN, 2009, p.224). Esse processo de transição denota a maturidade no qual o que se modifica é a natureza do paradigma e sua relação com a solução de problemas. Partir da premissa que o objeto de estudo tem prioridade em relação ao paradigma do campo quando se analisa a formação de comunidades é tido como errôneo, pois

Um paradigma governa, em primeiro lugar, um grupo de praticantes da ciência. Qualquer estudo de pesquisas orientadas por paradigmas, ou que levam a destruição do paradigma, deve começar pela localização do grupo ou grupos responsáveis. (KUHN, 2009, p. 226).

A comunicação e o julgamento profissional que se desenvolvem nas comunidades científicas só se concretizam por meio de um paradigma ou conjunto de paradigmas. Para evitar enganos, Kuhn (2009) prefere denominar esse de matriz disciplinar, porque se

refere a uma posse comum aos praticantes de uma disciplina particular; matriz porque é composta de elementos ordenados de várias espécies, cada um deles exigindo uma determinação mais pormenorizada. (KUHN, 2009, p. 228).

Kuhn (2009) apresenta os principais tipos de componentes de uma matriz disciplinar, destacando em primeiro lugar as generalizações simbólicas que “funcionam em parte como leis e em partes como definições de alguns dos símbolos que estas empregam” O segundo componente é modelo que integra os *paradigmas metafísicos* ou *partes metafísicas dos paradigmas* que refletem os compromissos coletivos com crenças em determinados modelos. Nesse sentido,

auxiliam a determinar o que será aceito como uma explicação ou como uma solução de quebra-cabeça e, inversamente, ajudam a estabelecer a lista a lista dos quebra-cabeças não solucionados e a avaliar a importância de cada um deles. (KUHN, 2009, p. 231).

O terceiro elemento da matriz é constituído por valores, que

proporcionam aos especialistas em ciências naturais um sentimento de pertencerem a uma comunidade global. A importância dos valores reside no fato deles contribuírem para que os membros de uma comunidade possam identificar crises ou escolher maneira de praticar a sua disciplina. O quarto elemento presente na matriz disciplinar são exemplares (paradigmas), essa expressão indica as soluções concretas de problemas que os estudantes encontram no início de suas formações. As soluções encontradas na literatura e na prática durante a vida profissional indicam, por meio de exemplos, como o trabalho deve ser realizado (KUHN, 2009).

De forma geral pode-se sintetizar que os paradigmas governam e modulam as comunidades científicas e suas práticas. A adoção de um novo paradigma influi em mudanças teóricas e práticas, aspectos esses que caracterizam um campo.

### **2.2.3 O desenvolvimento científico segundo John Ziman**

Ziman (1979) entende que a ciência é um produto da consciência humana, apresentando escopo e conteúdo bem definidos, como também praticantes profissionais que fundamentam suas atividades por meio da avaliação, da crítica, da aprovação e cooperação. A ciência é “precisa, metódica, acadêmica, lógica e prática.” (ZIMAN, 1979, p. 17). Na sua concepção, a ciência também é o conhecimento científico publicado, resultante do consenso da comunidade científica. Ao longo da sua obra o autor demonstra os agentes e os veículos envolvidos na construção do conhecimento e destaca que “para bem compreendermos a natureza da Ciência precisamos observar a maneira como os cientistas se comportam uns com os outros, como se organizam e como transmitem as informações entre si”. (ZIMAN, 1979, p. 25). As dinâmicas de produção e transmissão da informação são vitais para geração do conhecimento que, por conseguinte, irão constituir a literatura científica.

A literatura de um campo é tão importante quanto o trabalho de pesquisa, pois ela fundamenta e complementa os resultados de pesquisa, coletar dados e descrever é apenas uma etapa, após é preciso refletir os dados com uso de literatura. Os veículos de publicação da produção científica, os autores citados, as críticas recebidas e os resultados apresentados subsidiam a constituição do próprio campo. Sem a existência da literatura dificilmente existiria comunicação e, conseqüentemente, ciência. As bibliotecas desempenham a função de armazéns da memória, já que seus itens estão sempre sendo reescritos na medida em que novos resultados são apresentados (ZIMAN, 1979).

O que permite reavivar a memória da ciência são as produções científicas (livros, artigos) que registram e disseminam o conhecimento validado, é por meio das citações que se torna possível validar as afirmações desejadas. Ziman (1979) relaciona o desenvolvimento do método científico com a criação dos periódicos científicos, pois para tornar público os resultados de pesquisa, o uso de métodos aceitos pelos pares é imprescindível.

No que diz respeito ao surgimento das revistas científicas, Ziman (1979) destaca a importância das sociedades reais e academias nacionais no desenvolvimento da ciência. É creditada à Royal Society de Londres a iniciativa de estimular a comunicação entre os cientistas, processo esse que teve início com as reuniões científicas e com a utilização de atas para informar e lembrar os participantes das questões abordadas nos encontros. A utilização e troca de atas entre os membros das associações científicas originou os periódicos.

Ziman (1979) destaca que as publicações periódicas proporcionam uma rápida divulgação dos resultados de um grande número de pesquisas que individualmente não teriam muito significado, mas concatenadas entre si ganham um sentido maior, é por meio dessas pequenas e minuciosas observações que se alicerçam os grandes avanços da ciência. A criação de uma revista científica representa muito mais que um eficiente mecanismo de comunicação, indica, contudo o surgimento ou crescimento de uma disciplina:

A própria existência de uma revista implica um certo grau de sociabilidade entre os que assinam. O carimbo de aprovação de uma nova disciplina é o aparecimento de uma revista especialmente dedicada aos interesses dos seus expoentes. Ela representa um ato de solidariedade e confraternidade e polariza o assunto. (ZIMAN, 1979, p. 118).

Ziman (1979) lembra que quanto antes um pesquisador publicar sua pesquisa, mais rápido será conferido a sua originalidade. A descoberta científica é creditada ao pesquisador que publicar antes que seus *concorrentes*. A publicação de periódicos e livros nada mais é do que a comunicação formal da ciência, conhecimento consolidado e de amplo acesso.

Já a comunicação informal entre os pesquisadores se desenvolve nas conversas de café, nas viagens de estudos, nos eventos e reuniões

científicas. Materializa-se na troca de correspondências, de dados e de manuscritos entre um pequeno e seletivo grupo de pesquisadores. Tais aspectos dão base para o colégio invisível, “São esses os elos que prendem os membros do “colégio invisível”, profissionais que tem consciência de que trabalham num mesmo campo, como colegas e rivais, em todas as partes do mundo.” (ZIMAN, 1979, p. 121).

Segundo Ziman (1979), quando um autor publica um artigo em uma revista conceituada ele contribui para o consenso do saber público. O autor, na sua visão

não deve afirmar nada que não seja passível de ser comprovado, não deve criticar o trabalho alheio desnecessariamente, mas deve dar o devido crédito a todo trabalho anterior do qual dependa [...] O artigo individual não é a forma final do consenso, mas um dos tijolos que ajudarão a formar todo o edifício. (ZIMAN, 1979, p. 122).

Assim, as revistas científicas funcionam como filtros de qualidade, os artigos quando publicados além de representar a opinião do autor também carregam consigo a *marca* da revista no qual foram publicados: a publicação de trabalhos científicos

não é feita irrestritamente. Um artigo publicado em uma revista conceituada não apresenta apenas a opinião do autor; leva também o selo de autenticidade científica através do imprimatur dado pelo editor e os examinadores que ele possa ter consultado. (ZIMAN, 1979, p. 124).

A função desempenhada pela revisão dos pares é base para a constituição da ciência, tudo gira em torno do árbitro que opina sobre o valor do trabalho submetido à revista. “Ele deve dizer se os resultados empregados pelo autor são de interesse científico, se foram autenticados e se merecem créditos os métodos empregados para alcançá-los.” (ZIMAN, 1979, p.124). Cabe ao avaliador indicar o uso de fontes de informação e opinar no formato e conteúdo do texto.

Entretanto, o julgamento e avaliação das produções científicas devem partir de toda a comunidade científica, essa árdua missão não é responsabilidade apenas dos editores e avaliadores. Quando encontrada uma *anomalia* que tenha passado pelo crivo dos avaliadores, aconselha-se não criticar e apontar publicamente o erro alheio, a alternativa é dar

entender que as afirmações contidas no trabalho não têm fundamentação científica (ZIMAN, 1979).

O comportamento e atitude científica são preestabelecidos pela comunidade e são frutos de uma longa formação. Ziman (1979) destaca o modelo científico alemão e a influência das cátedras no desenvolvimento da ciência. Reitera que “atitude científica não é uma virtude inata e sim o reflexo de normas intelectuais impostas pela comunidade à qual pertence o cientista.” (ZIMAN, 1979, p. 128).

No âmbito geral, o sistema de comunicação científica é uma representação da própria ciência, o fluxo e a dinâmica das publicações fortalece o consenso científico. Segundo Ziman (1979), as únicas instituições da comunidade científica que têm força e base sólida são as revistas, pois o sistema instituído por elas garante a manutenção dos padrões científicos. Enfatizada a função da comunicação na ciência, é interessante apontar algumas características dos membros da comunidade científica e de suas relações.

É pertinente destacar que os cientistas são profissionais da pesquisa. Na sua grande maioria estão vinculados às organizações burocráticas sejam universidades, ou outras organizações públicas ou privadas. Sendo assim, seus rendimentos mensais ficam subordinados a autorização do Tesouro e pressões do mercado. No entanto, ao longo da carreira profissional os cientistas adquirem status e autoridade científica perante seus colegas com a ocupação de cargos de chefia, conferencista, editor, entre outros. Se comparados com outras categorias profissionais os membros da comunidade científica passam a impressão de compor um sistema burocrático. Mas, essa impressão é enganosa, pois depois de possuir o título de doutor o cientista adquire liberdade e autonomia nas escolhas relacionadas à pesquisa, tornando-se o seu próprio patrão (ZIMAN, 1979).

Ziman (1979) destaca o ideal de *devoção à ciência* no qual o cientista fica encantando pelo seu trabalho e sente *amor* pelo que faz, característica essa dos recém-doutores, uma vez que esse estado de espírito tem vida curta. Na sua trajetória profissional, os cientistas tomam caminhos distintos, alguns se afastam da pesquisa para atuar em outras atividades. De outro modo, constata-se “a relutância dos cientistas em participar de conselhos das faculdades e o desejo de criar uma cadeira de ciência pura, sem outros encargos e responsabilidades” (ZIMAN, 1979, p. 141), isso demonstra o repúdio por atividades que não sejam a de pesquisa.

O cientista tem como coisa prioritária na sua vida a vontade de fazer pesquisa, “é fiel à comunidade científica, em particular ao *colégio*

*invisível* do seu específico campo de estudo. Toda sua lealdade está dirigida a instituições informais que apoiam e sustentam a busca do conhecimento.” (ZIMAN, 1979, p.142). A única coisa que os membros desses grupos possuem em comum é o interesse por assunto puramente intelectual. Nessa fraternidade não existe normas, regras, regulamentos, certificados e tão pouco hierarquias (ZIMAN, 1979).

O ingresso em um colégio invisível ocorre pelo patrocínio de um membro, o convite pode partir do professor para seus alunos e colegas. Um diploma renomado, uma publicação importante ou o título de pesquisador visitante contribuem para admissão no grupo. No meio acadêmico é importante conhecer pessoas e se fazer conhecido, essa é uma das funções desempenhas pelos seminários e encontros profissionais e acadêmicos, é nesse meio que o jovem pesquisador tem a oportunidade de se familiarizar com membros mais velhos do colégio invisível (ZIMAN, 1979).

A academia impõe implicitamente uma série de *ritos*, aqueles que desejam fazer parte dela devem consentir e partilhar dos mesmos valores e padrões. Ser contra um sistema já instituído e reconhecido implica em danos pessoais para a própria carreira. No entanto, isso não significa que todos devem pensar da mesma forma, bem pelo contrário, aprecia-se a diversidade de opiniões e os diferentes tipos de conhecimento, pois estes enriquecem o fundo público de conhecimento disponível (ZIMAN, 1979).

Diante do exposto, a comunicação científica pode ocorrer por meio de canais formais e informais. Tais canais permitem a difusão do conhecimento, garantem a confiabilidade das informações e intensificam as relações de troca entre os pesquisadores. Uma comunicação ativa e dinâmica reflete o perfil do próprio campo e mantém estáveis seus processos informacionais.

Com base no *ethos* científico formulado por Merton, Ziman faz uma releitura desse conjunto normativo e acrescenta mais uma norma, denominando-a de *originalidade* (ZIMAN, 1984 apud REIS, 2011).

Na concepção do autor, a originalidade é o que energiza o empreendimento científico, pois

*A ciência é a descoberta do desconhecido. Isso quer dizer que os resultados da pesquisa científica devem ser sempre novos. Uma investigação que não adiciona nada de novo ao que já é conhecido e entendido não traz contribuição à ciência. Essa norma coloca ênfase no elemento da descoberta na*



epistemologia científica. (ZIMAN, 1984, p. 85 apud REIS, 2011, p. 203, grifo do autor).

Ziman é o responsável por elaborar o conceito de ciência pós-acadêmica. Esse conceito se traduz em uma nova forma de gestão e organização da atividade científica contemporânea no qual os valores sociais e epistêmicos praticados no meio acadêmico são suplantando por valores advindos de uma cultura industrial e burocrático. Isso implica e transforma o sistema científico, pois o cientista se torna um profissional dependente de interesses do estado e de empresas (indústrias), suas ações orientam-se de acordo com a vontade de tais instituições. Os princípios normativos sociais e filosóficos de Merton passam a ser relegados (ZIMAN, 1983 apud REIS; VIDEIRA, 2013).

Essa nova forma de fazer pesquisa, segundo esse autor, tem início nos anos de 1970 e seu surgimento está relacionado com a consolidação dos ideais (modelos) da Big Science e Pesquisa & Desenvolvimento. Entretanto, o motor dessa nova forma de produção de conhecimento está baseado no “processo de coletivização” sendo decorrente das práticas científicas oriundas na Segunda Guerra Mundial. A ciência não é constituída pelo agir do cientista isolado, mas sim de sua cooperação e coletividade entre os pares e a sociedade, por isso a ciência é uma atividade social. A ciência encontra-se na posse de grupos organizados que desenvolvem pesquisas sob o prisma acadêmico e tecnológico, ciência básica e aplicada (ZIMAN, 1983 apud REIS; VIDEIRA, 2013).

Ziman (1983) destaca que a coletivização da ciência alterou sua função social externa e as práticas sociais internas do mundo da pesquisa. O autor afirma que

Dois efeitos podem ser observados. Houve uma mudança na profissão e no papel social do trabalhador científico individual, bem como houve uma mudança na distribuição dos riscos e das responsabilidades na pesquisa de inovação. (ZIMAN, 1983, p. 7 apud REIS; VIDEIRA, 2013, p. 599).

Ziman (1996) também propôs os conceitos de consensibilidade e consensualidade. O primeiro diz respeito à possibilidade de uma mensagem contribuir para o consenso, o segundo se refere a uma afirmação testada, objeto resultante de um acordo universal. Portanto, a consensualidade tem como meta o consenso e a consensualidade busca mais informações consensível.

Ziman também resgata e reconhece a importância do ethos científico para manter a vitalidade das práticas científicas. Mesmo caracterizado como um ideal de conduta científica que não se aplica totalmente na realidade contemporânea em virtude das novas relações entre a ciência e sociedade.

#### 2.2.4 O desenvolvimento científico segundo Pierre Bourdieu

Nas obras *O campo científico* (1983) e *Os usos sociais da ciência* Bourdieu (2004) explicita a sua visão de ciência, relacionando-a com a luta de poderes no ambiente acadêmico/universitário. A noção de campo é usada para representar o espaço de concorrência entre os cientistas, refletindo as dinâmicas e processos que constituem o fazer científico. O campo científico é “o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial.” O que está em jogo é o monopólio da autoridade científica, que se define inseparavelmente pela capacidade técnica e poder social dos agentes. Afirmar que o campo é um local de lutas rompe com a ideia de paz universal entre os membros da comunidade científica e lembra que “próprio campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse.” (BOURDIEU, 1983, p. 122).

O campo científico é o universo no qual estão inseridos os agentes, as instituições que produzem e difundem a ciência. Esse universo é um mundo social que obedece a leis mais ou menos específicas. A noção de campo é utilizada para designar um espaço relativamente autônomo, mas que sofre de algum modo interferências de um ambiente macro, externo. A autonomia de um campo é percebida pela sua capacidade de refratar as pressões e demandas externas, nesse caso a politização é indício de pouca autonomia. (BOURDIEU, 2004).

O campo científico, entendido como um local de luta política pela dominação científica tem por base a posição que o cientista ocupa no campo, dependendo dessa posição a ele são designados problemas, métodos e estratégias científicas que equivalem a estratégias políticas. As *escolhas* científicas representam uma estratégia de investimento que visa o lucro científico, ou seja, o reconhecimento dos pares-concorrentes. O campo da pesquisa, o método empregado, o local de publicação, a escolha por publicar imediatamente os resultados da pesquisa ou tardar a publicação visando o controle da pesquisa refletem a estratégia política dos agentes (BOURDIEU, 1983).

O campo científico é um campo de forças e um campo de lutas, no qual existem dominantes e dominados. Quanto maior a força, maior o poder de dominação, “os dominantes são aqueles que conseguem impor

uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem.” (BOURDIEU, 1983, p.128). As estruturas objetivas estabelecidas entre os agentes é que vai determinar as ações do tipo: o que pesquisar, onde publicar e os objetos de interesse a se investigar. “É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer” (BOURDIEU, 2004, p. 23), ou seja, é a posição que os agentes ocupam no campo a característica determinante de poder.

Segundo Bourdieu (2004), a estrutura do campo é determinada pela distribuição do capital científico, nesse os agentes (pesquisadores e instituições de fomento) caracterizados pelo seu volume de capital determinam a estrutura do campo. “A estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 133). No domínio da pesquisa científica são os agentes que fazem seus os objetos de interesse

os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que e, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto e, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, *compensar* determinando uma concentração de esforços de pesquisa. (BOURDIEU, 2004, p. 25).

O campo científico, segundo Bourdieu (1996, p. 159), exige daqueles que estão nele envolvido um saber prático das leis de funcionamento desse universo, isto é “um *habitus* adquirido pela socialização prévia e/ou por aquela que é praticada no próprio campo”. O *habitus* funciona como um manual de condutas, permitindo aos participantes do campo científico ter a dimensão do que podem fazer e o que deve feito no campo.

O capital social proveniente da autoridade científica exerce poder sobre as estruturas que constituem o campo e pode ser transformado em outros tipos de capital. Em um campo autônomo, um cientista tende a receber o reconhecimento por suas produções diante da percepção dos pares-concorrentes. Na luta pela autoridade científica os agentes atribuem valores que estão relacionados com suas produções e com a sua própria autoridade de produtor, nesse contexto, vigora o poder de

impor uma definição de ciência que abarque as teorias, os métodos e os problemas considerados científicos, visando interesses específicos (BOURDIEU, 1983).

O capital científico é um capital simbólico, esse se relaciona com o status proporcionado pelos atos de conhecimento e reconhecimento capaz de manipular os meios constitutivos do campo. O reconhecimento consiste nos créditos que uma determinada comunidade de pesquisadores atribui a um cientista (BOURDIEU, 2004).

O capital científico é conquistado em um jogo de concorrência, os agentes que utilizam estratégias específicas conseguem concentram poder. Alguns pesquisadores usufruem de sua competência e reconhecimento enquanto outros precisam recorrer a meios políticos, tais como, cargos políticos em instituições visando justamente uma aproximação com o poder (BOURDIEU, 2004).

No geral, todas as práticas científicas estão dirigidas para a obtenção da autoridade científica, o interesse pela atividade científica apresenta uma dupla face. O interesse dos cientistas reside em aspectos intrínsecos e extrínsecos, pois uma pesquisa não basta ser atraente e importante somente para quem a realiza, é necessário que ela chame a atenção dos pares e seja reconhecida como importante. Assim, os esforços científicos organizam-se tendo por base o que vai proporcionar lucro simbólico, buscam solução para problemas considerados como os mais pertinentes pela comunidade (BOURDIEU, 1983).

Não existe ciência neutra, há sempre interesses envolvidos no desenvolvimento das pesquisas. Segundo Bourdieu (2004, p. 35), "os campos são o lugar de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico": o poder temporal (político) e o poder específico (prestígio). O primeiro como seu próprio nome infere, se relaciona com a ocupação de posições representativas nas instituições, tais como: direções de laboratórios, de departamentos, nomeação para comissões etc. O segundo poder é mais independente, está relacionado com o reconhecimento científico proveniente dos pares. Esses dois tipos de capital apresentam leis de acumulação bem distintas: "O capital científico *puro* adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas." (BOURDIEU, 2004, p.36). Um exemplo é a publicação de um artigo em uma revista renomada, respeitada. Já o capital institucionalizado (temporal) é constituído e fortalecido com o tempo, sua aquisição ocorre basicamente por "estratégias políticas (específicas) [...] participação em comissões, bancas (de teses, de concursos), colóquios mais ou menos

convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões.” (BOURDIEU, 2004, p. 36).

No que diz respeito à transmissão do capital científico, cada um se processa de maneira distinta. O capital científico *puro* está ligado a um carisma, ou seja, ao *dom* da pessoa. O “capital científico institucionalizado tem quase as mesmas regras de transmissão de um capital burocrático”, exemplo disso são os concursos realizados de forma pré-ajustada aos candidatos desejados (BOURDIEU, 2004, p. 37). O capital científico está no cerne da disputa dos agentes, o capital denota poder e quanto mais se acumula capital mais domínio se exerce sobre o campo científico. Quanto mais capital um cientista acumular mais propriedade esse tem para definir o que é válido ou não em sua área (BOURDIEU, 2004).

Ao tratar das descobertas científicas, Bourdieu (1983, p. 128) destaca que se desenvolvem de duas formas. Na primeira, ocorre quando o cientista descobre o fenômeno sob a forma de uma anomalia ou uma falha nas teorias existentes, na segunda, ocorre quando o cientista “faz do fato desconhecido um fato científico novo”. Portanto, as discussões acerca da propriedade científica apresentam dois princípios de hierarquização: um que prioriza a observação e a experimentação e “outro que privilegia a teoria e os *interesses* científicos correlativos”.

Ao abordar funcionalismo da ciência e as relações que transcorrem na comunidade científica, Bourdieu (1983, p. 128-129) explica que

A ciência oficial não é o que, frequentemente, dela faz a sociologia da ciência: o sistema de normas e valores que a *comunidade científica*, grupo indiferenciado, imporia e inculcaria a todos os seus membros, a anomia revolucionária só podendo, assim, ser imputada aos que fracassaram na socialização científica. Essa visão *durkheimiana* do campo científico poderia não ser mais que a transfiguração da representação do universo científico que os detentores da ordem científica têm interesse em impor, sobretudo aos seus concorrentes.

Em relação ao exposto, Bourdieu (1983) adverte que o *funcionalismo* americano diz respeito ao interesse dos dominantes em dar continuidade a um sistema que corresponda aos seus interesses, a comunidade científica torna-se o sujeito das práticas impregnadas de

interesses.

Se uma comunidade científica inicia por meio de uma formação comum entre seus membros, o processo de acumulação de capital científico e suas formas de reconversão também iniciam nesse mesmo período, uma vez que “a carreira científica *bem-sucedida* torna-se um processo *contínuo* de acumulação no qual o capital inicial, representado pelo título escolar, tem um papel determinante.” (BOURDIEU, 1983, p.131). Então, o indivíduo que estuda em uma instituição renomada tem mais chances de criar uma rede de contato com pesquisadores prestigiados e de conseguir boas colocações profissionais, além de atrair bolsas de pesquisa e conquistar bons alunos.

Na dinâmica da ciência, o reconhecimento dos pares-concorrentes vem em função do valor distintivo dos produtos científicos e da sua originalidade. Esses são reconhecidos coletivamente e incrementam os recursos científicos já existentes na comunidade. Já a autoridade científica de descoberta é atribuída ao cientista que fizer primeiro a descoberta, tornando-a conhecida e reconhecida, caso vários nomes estejam ligados à mesma o prestígio dessa será partilhado entre todos os cientistas, se for apenas um nome todo o prestígio será desse. No contexto da autoridade científica observa-se uma corrida pela publicação a fim de que os trabalhos não fiquem ultrapassados ou sejam antecipados pelos pares-concorrentes, pois é a materialização dos trabalhos publicados que proporciona visibilidade ao cientista (BOURDIEU, 1983).

A visibilidade que o pesquisador detém contribui para que seu *nome* seja *conhecido* no campo, o que vai diferenciá-lo dos demais pares-concorrentes, ou seja, constituir a sua *marca*. No entanto, é comum que autores renomados sejam citados na primeira ordem, pois atraem mais atenção da comunidade em virtude do seu capital científico acumulado. Tais aspectos demonstram os valores e tradições vigentes na comunidade científica (BOURDIEU, 1983).

Em decorrência, na comunidade científica são identificados membros de vários níveis de poder, já que o campo é um lugar de luta mais ou menos desigual entre dominantes e dominados, mas na medida em que crescem os recursos científicos acumulados eleva-se o grau de homogeneidade entre os pares-concorrentes do campo. Na luta travada entre dominantes e dominados na busca pelo capital científico ambos recorrem a estratégias distintas “Os dominantes consagram-se às *estratégias de conservação*, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam.” (BOURDIEU, 1983, p.137). Os dominantes censuram as produções heréticas, rejeitam e

desencorajam os novatos a publicar tudo o que não faça parte do consenso na área.

Por fim, a ciência tem como base a crença coletiva nos fundamentos que o próprio campo científico produz e supõe, esses estão institucionalizados e presentes desde a formação dos cientistas, aspecto esse que vai resultar em consenso acerca de problemas, métodos e soluções entendidos como científicos pelo campo e que vão ser sempre defendidos pelos agentes dominantes (BOURDIEU, 1983).

Na visão de Bourdieu (1983), acreditar na neutralidade genuína dos agentes científicos seria ilusão, o campo é um ambiente de disputa, no qual o cientista que conseguir acumular mais capital científico tem o poder de influenciar todo o campo. Essa hegemonia implica em um estado no qual as novas ideias e concepções são analisadas constantemente e refreadas quando ameaçam os dominantes. Os pesquisadores dominantes visam manter a estrutura do campo a seu favor, suas decisões vão estar pautadas em estratégias políticas e não na noção do bem estar coletivo dos demais pesquisadores. Aos dominados resta reivindicar e lutar por mais espaço, na medida em que aumentarem seu capital científico e político poderão alterar as estruturas do campo.

### **2.2.5 O desenvolvimento científico segundo Richard Whitley**

Richard Whitley aborda o desenvolvimento científico considerando o processo de institucionalização. Para tanto, é imprescindível verificar o modelo de institucionalização proposto pelo autor, publicado em 1974 na obra *Social processes of scientific development*. No âmbito da Ciência da Informação sua teoria é bem aceita pelos pesquisadores, subsidiando as análises de institucionalização em diversos estudos, como por exemplo, os estudos de Bazi e Silveira (2007), Loureiro-Alves (2010), Menezes, Oddone e Café (2012).

Para esse autor, o grau de institucionalização é um fator importante no processo do desenvolvimento científico, pois reflete a coerência e a articulação das ideias científicas, a institucionalização possibilita ao *campo* sua autonomia. Com um olhar mais estruturalista Whitley (1974, p. 70, tradução nossa) destaca que, “a ciência consiste de uma variedade de estruturas cognitivas com diferentes níveis de fechamento, e a coerência, a articulação e o modo de variação dessas estruturas tem consequências no seu desenvolvimento”.

Na concepção de Whitley (1974), o conceito de institucionalização está relacionado à padronização de ações e

significados. Para tanto, é o grau de coerência e organização das ações, a percepção e a articulação das ideias que constituirão o grau de institucionalização. Quando os membros integrantes de uma mesma comunidade científica compartilham objetivos, métodos, problemas, ideias, resoluções e ações práticas e teóricas, isso reflete um alto grau de institucionalização.

Whitley (1974) apresenta duas dimensões para processo de institucionalização, denominando-as de institucionalização social e institucionalização cognitiva. As duas perspectivas estão entrelaçadas, mas nada impede que apresentem diferentes níveis de desenvolvimento, os quais o autor denomina de baixo ou alto nível de institucionalização.

A institucionalização cognitiva contempla os objetos de pesquisa, conceitos, teorias, técnicas, métodos, leis e problemas próprios de uma disciplina. Por sua vez, a institucionalização social refere-se às instituições formais que constituem o próprio campo, abrangendo a comunidade científica, por meio dos grupos de pesquisa, cursos de graduação e pós-graduação, periódicos, eventos/reuniões acadêmicos e associações/sociedades científicas. O desenvolvimento da dimensão cognitiva reflete na institucionalização social, e quando as estruturas formais do campo estão fortalecidas e consolidadas a tendência é que a dimensão cognitiva acompanhe esse movimento (WHITLEY, 1974).

Ao analisar a correlação entre a dimensão social e cognitiva de um determinado campo, deve-se estudar e compreender o contexto histórico, e as manifestações das instituições e agentes que compõem o próprio campo, atesta Whitley (1974).

O campo só irá conquistar um alto grau de institucionalização científica a partir do momento que seus pesquisadores, compartilharem de posturas comuns no que diz respeito aos objetivos, métodos e ideias. Esse estágio é alcançado por meio de dois aspectos da institucionalização cognitiva: o primeiro refere-se à clareza e ao consenso da área diante da relevância de seus problemas, dos métodos, técnicas e instrumentos utilizados, da definição e aceitabilidade de suas soluções; o segundo aspecto é definido pelo consenso oriundo da atividade desempenhada pelo cientista, assim obter reputação de seus pares deve ser uma meta a ser alcançada com critérios claramente estabelecidos. Áreas com alto nível de institucionalização cognitiva permitem prever o que o cientista irá pesquisar, que modelos e técnicas utilizará, que resultados pretende alcançar e quais as explicações serão aceitas pela comunidade (WHITLEY, 1974).

Um alto nível de institucionalização cognitiva denota um entendimento coerente acerca das normas estabelecidas em relação aos



problemas e técnicas de pesquisa utilizadas. Existe um acordo entre a comunidade científica no que diz respeito ao universo e à forma de estudá-lo (WHITLEY, 1974).

Segundo Whitley (1974), em um contexto de alta institucionalização cognitiva, não é necessário a explicar formalmente o objetivo almejado e o caminho utilizado para tal realização. A formalização se desenvolve por meio das atividades e da produção científica dos cientistas. O que garante alto nível de institucionalização é o conhecimento tácito. Desse modo, são necessários acordos no nível básico e técnico possibilitando assim uma compreensão cognitiva coesa. Para existir uma ciência empírica, é desejável um consenso sobre o nível básico de conhecimento.

Um baixo nível de institucionalização cognitiva refere-se a um baixo nível de ordem intelectual, pois reflete pouco compromisso e ausência de consenso. Nesse caso, o trabalho dos cientistas será desconexo e desarticulado, mesmos que eles tenham aderido valores básicos comuns e crenças sobre a natureza do empreendimento científico (WHITLEY, 1974). O baixo nível de institucionalização tem consequência na atividade individual dos cientistas, sua identidade será pouco informativa sobre o que ele pesquisa e estuda, quais seus interesses ou que tipo de entendimento pretende obter. Nesse caso, o cientista deverá ser mais explícito, demonstrando o significado de suas atividades e justificando-as. Quanto mais institucionalizada, o campo em que o cientista atua, mais definidas são sua identidade cognitiva e sua área de atuação (WHITLEY, 1974).

A institucionalização social refere-se “à criação e manutenção de estruturas formais que demarcam os membros da estrutura cognitiva”. (WHITLEY, 1974, p. 75, tradução nossa). Essa dimensão também apresenta dois aspectos, o primeiro está relacionado com a organização interna do campo, diretamente ligado com a constituição e configuração dos periódicos científicos, grupos de pesquisa, cursos graduação e pós-graduação, eventos científicos e profissionais, associações e sociedades científicas. O segundo diz respeito à integração social do campo com outras comunidades científicas, seu grau de legitimação/reconhecimento e locação de recursos.

A institucionalização social representa o conjunto de características da área, compondo a identidade social, quando observada remete a uma visão total dos agentes que compõem o campo. Nesse âmbito relacionam-se as sociedades profissionais das quais os cientistas fazem parte, as redes de contato que estabelecem, os eventos científicos que participam, os cursos que atuam, os periódicos que avaliam e

publicam seus artigos. Com base nesses elementos o cientista é capaz de definir seu círculo social e profissional. Nas áreas não institucionalizadas existem problemas de configuração e na estrutura dos periódicos, eventos e reuniões profissionais, como consequência, têm-se poucos encontros anuais e periódicos com problema de consistência nas abordagens e dificuldades para se manterem em atividade. A indefinição e desorganização das fronteiras sociais são características de áreas não institucionalizadas (WHITLEY, 1974).

Em um cenário de baixa institucionalização social o autor enfatiza:

os cientistas podem formar grupos sociais relativamente pequenos, bastante coesos em torno de um problema ou o modo de entendimento comum como um meio de lidar com a falta de estrutura externa. Contatos pessoais serão mais importantes como um meio de obtenção de informações e de legitimação do próprio trabalho e de outras de pesquisas. (WHITLEY, 1974, p. 75, tradução nossa).

Diferente do que ocorre nas áreas com baixo nível de institucionalização, em áreas institucionalizadas os avaliadores/revisores dos periódicos científicos são capazes de aplicar padrões consistentes e coerentes na avaliação dos produtos científicos, isso decorre da clareza e coerência cognitiva adjacente. Quando o nível de institucionalização social é pequeno, é necessário aplicar o mecanismo de validação pessoal que consiste na confiança depositada nos colegas - coleguismo (WHITLEY, 1974).

A institucionalização social requer uma base cognitiva compartilhada entre os membros da comunidade científica, sendo nítida o bastante para que suas ações reflitam na constituição da organização interna do campo. Whitley (1974) destaca que a institucionalização social pode ocorrer em um período mais tardio. O autor exemplifica essa noção de organização social desenvolvido na universidade e destaca etapas.

Primeiro, alguns alunos de pós-doutorado são autorizados a trabalhar na área e obter sua certificação. Em segundo lugar, um posto no departamento é reservado para um especialista. Em terceiro lugar, uma cadeira pessoal é criada

por um profissional distinto. Em quarto lugar, uma cadeira de assunto é criada. (WHITLEY, 1974, p. 76, tradução nossa).

A partir das considerações de Whitley (1974) subentende-se que o reconhecimento acadêmico é um fator determinante no processo de institucionalização social, contudo, os níveis de institucionalização cognitiva e social são processos de longa duração e sofrem influência do macrocosmo.

O autor estende as dimensões de institucionalização científica para os conceitos de especialidade e área no âmbito da ciência. Na concepção de Whitley (1974) a especialidade é vista como um “agrupamento de áreas de pesquisa ou um conjunto de situações-problemas” (WHITLEY, 1974, p. 77, tradução nossa). Por sua vez, “a área de pesquisa tem sido caracterizada como um conjunto de situações-problema” no qual estão imersos os agentes e seus processos científicos (WHITLEY, 1974, p. 77, tradução nossa). As especialidades e áreas de pesquisa interagem de acordo com pontos de convergência, que se direcionam para os fenômenos estudados, os materiais analisados e as técnicas utilizadas.

O nível de institucionalização cognitivo constitui-se na medida em que os agentes concordam com o modo de apropriação do modelo no que tange sua compreensão, extensão, articulação e elaboração. Portanto, o nível de institucionalização cognitivo nas especialidades e áreas de pesquisa está relacionado com a clareza, coerência e aplicabilidade de modelos teóricos e metodológicos.

Ao abordar a institucionalização social das especialidades Whitley (1974, p. 86, tradução nossa) explica que essa “refere-se à organização formal de comunicação, associação e demarcação de uma especialidade a outra”. Portanto, fica a critério do grupo de agentes especialistas determinarem o valor de importância dos periódicos e eventos profissionais. Observa-se que as especialidades com baixo nível de institucionalização social apresentam um pequeno número de títulos e eventos ativos. Quando o nível de institucionalização cognitiva é baixo fica difícil diferenciar as revistas por assunto e enfoque.

No contexto da institucionalização cognitiva e social, é o nível de institucionalização do campo que indica o seu estado real. Dependendo da realidade que se encontra, são apresentados modelos conceituais e estruturas profissionais: claras ou confusas, definidas ou indefinidas.

## 2.2.6 O desenvolvimento científico segundo Bunge

Bunge (1989) procura discutir a relação da ciência e da tecnologia e o desenvolvimento de uma nação. Segundo o autor, não existe desenvolvimento fragmentado, pois a sociedade é um sistema embasado em quatro subsistemas: biológico, econômico, político e cultural. Portanto, todos esses subsistemas estão integrados e dependentes um do outro, o desenvolvimento constante de uma nação é integral. O autor destaca que é enganoso utilizar apenas um indicador para medir o grau de desenvolvimento, uma vez que gera uma visão distorcida da realidade. Para haver desenvolvimento integral é necessário focar em ciência e tecnologia.

Bunge (1989) busca distinguir a pesquisa científica de atividades relacionadas a ela, conceitua a ciência básica, aplicada e técnica. Segundo o autor, a ciência básica busca enriquecer o repertório de conhecimento humano sobre determinado assunto. Já a ciência aplicada procura utilizar de forma prática os conhecimentos obtidos em pesquisas básicas. Por sua vez, a técnica está interessada no desenvolvimento de artefatos úteis, no aperfeiçoamento de um procedimento ou técnica. A ciência é um meio e não o fim (BUNGE, 1989).

Tanto as pesquisas básicas como a pesquisas aplicadas utilizam o método científico para conseguir novos conhecimentos. O pesquisador de ciência básica trabalha com problemas de interesse pessoal e seu planejamento é indeterminado. Já o pesquisador de ciência aplicada trabalha com problemas de interesse social, conseguindo planejar e estipular o prazo de suas pesquisas (BUNGE, 1989). O autor explica que

A diferença entre ciência (básica ou aplicada) e técnica resume-se nisso: enquanto a primeira se propõe a descobrir leis que possam explicar a realidade em sua totalidade, a segunda se propõe a controlar determinados setores da realidade, com a ajuda de todos os tipos de conhecimento, especialmente os científicos. Tanto uma quanto a outra partem de problemas, só que os problemas científicos são puramente cognoscitivos, enquanto que os técnicos são práticos. (BUNGE, 1989, p. 31).

De forma genérica, é possível afirmar que a pesquisa científica limita-se a conhecer e seu objetivo é produzir conhecimento. Já a técnica se apropria de parte de conhecimento científico e de outros

conhecimentos para produzir artefatos e planejar linhas de ação com uma finalidade prática. A técnica se caracteriza pela aplicação em diversos segmentos da sociedade (BUNGE, 1989).

Toda pesquisa desenvolvida na ciência, independente de sua classificação, consiste na investigação de alguma propriedade ou objeto. Por sua vez, o processo de pesquisa é responsável pela constituição do campo, já que expressa um sistema de ideias que determinam o seu estatuto científico. (BUNGE, 1989). Para um campo existir é necessário apresentar os seguintes componentes (ideias):

(1) *uma base filosófica ou visão geral*, constituída por suposições gerais acerca do mundo, do conhecimento e da boa conduta; (2) *uma base formal*, conjunto de teorias lógicas e matemáticas utilizáveis; (3) *base específica*, conjunto de teorias, hipóteses e dados obtidos de outros campos de pesquisa; (4) *fundo de conhecimento*, corpo de conhecimento obtido no campo em épocas passadas; (5) *domínio*, o conjunto de objetos; (6) *problemática*, conjunto de problemas; (7) *Objetivos*, conjunto de metas da pesquisa, (8) *metódica ou métodos regulares*, utilizados na abordagem de problemas e objetos. (BUNGE, 1989, p. 35-36).

Para esse autor, os campos que não apresentam esses componentes são considerados como pseudociência. Ressalta ainda, que os campos científicos compartilham de uma visão geral, base formal, metodologia e objetivo.

Bunge (1989) defende a tese de que o conjunto de conhecimento científico e a comunidade científica são caracterizados como sistemas. No seu entendimento, “um sistema é um objeto complexo cujos componentes estão ligados entre si, de maneira que qualquer mudança em um dos componentes afeta os outros e, com isso, todo o sistema” (BUNGE, 1989, p.41). Uma pesquisa não existe isoladamente, para ser desenvolvida é necessário embasá-la em outras já realizadas. Da mesma forma, um cientista isolado não cria uma comunidade, é preciso estar interligado a outros membros de sua especialidade.

Um sistema pode ser caracterizado como conceitual ou como concreto (social). Na ciência um sistema conceitual é composto por dados, hipóteses, teorias e técnicas. Já o sistema concreto é formado por pesquisadores, equipes de pesquisa, laboratórios, instrumentos e livros.

A ciência é um objeto complexo constituído por unidades independentes, e não se refere apenas ao conglomerado ou conjunto de elementos (BUNGE, 1989).

A ciência vista sob o sistema conceitual, é composta por especialidades que se interligam por meio do compartilhamento de suposições filosóficas e metodológicas, por utilizarem uma linguagem universal (matemática), pela necessidade de integrarem diversos enfoques e pela permanente circulação de ideias, técnicas e dados entre as diferentes disciplinas. As interdisciplinas da ciência são entendidas como subsistemas que compõem o sistema conceitual (BUNGE, 1989).

A ciência também é considerada um sistema social (concreto). Um centro de pesquisa é um sistema social, um subsistema da cultura e de uma comunidade. Uma vez que o centro de pesquisa integra cientistas, técnicos administrativos, bibliotecários e professores. Esse por sua vez interage direta e indiretamente com outros membros e institutos de pesquisas. Essas interações ocorrem por meio das próprias pesquisas e publicações científicas (BUNGE, 1989).

Feres (2010, p. 33), com base em Bunge, considerou que os elementos sociais da ciência são representados por: “Entidades profissionais e/ou acadêmicas; Agências de fomento; Periódicos científicos especializados; Eventos profissionais e científicos; Colégios invisíveis; e Frente de pesquisa”.

Há que se destacar que os cientistas são os responsáveis por desenvolver e disseminar os componentes conceituais. Mas para que isso seja concretizado, precisam estar vinculados aos componentes sociais.

Segundo Bunge (1989), no universo científico vários tipos de comunidades científicas estão presentes, essas podem ser divididas em comunidades de especialidades regionais, nacionais e internacionais. Verifica-se que nos países desenvolvidos os “sistemas científicos locais e nacionais possuem um elevado grau de integração ou coesão, fomentado por sociedades e publicações profissionais, por reuniões periódicas e pelo fluxo constante de pesquisadores.” (BUNGE, 1989, p. 43). As publicações periódicas de nível internacional demonstram a força e a autossuficiência do sistema científico nacional.

Outro aspecto levantado pelo autor é a dependência científica dos países de terceiro mundo com os países de ponta. Diante da hegemonia científica dos países desenvolvidos, os cientistas de países em desenvolvimento sentem a necessidade de manter contato com as comunidades internacionais. Esse movimento acarreta uma depreciação dos canais de comunicação nacionais e regionais, assim como

enfraquecimento dos próprios centros de pesquisa. Ocorre então, um fortalecimento da relação com os colegas estrangeiros e dos centros de pesquisas internacionais (BUNGE, 1989).

Pesquisadores bem sucedidos de países subdesenvolvidos com produção científica internacional contribuem diretamente com o sistema de conhecimentos, mas não conseguem fortalecer o crescimento e a integração entre os membros do seu país. Eles encontram dificuldades para formar equipes vigorosas atuantes tanto em nível nacional com internacional. Quando o cientista tem dificuldade para desenvolver sua pesquisa, ou ele muda de tema ou acaba assumindo outras atividades (administrativas e/ou políticas). O afastamento da comunidade científica leva a um isolamento, fazendo com que o pesquisador sintase inútil e desestimulado (BUNGE, 1989).

Bunge resume a analogia feita entre sistema, ciência e comunidade científica,

(a) Ciência, considerada como um conjunto de ideias, é um sistema conceitual, toda ciência particular é um subsistema deste sistema. (b) a comunidade científica internacional é composta por subsistemas de diversos tipos: associações internacionais, regionais e locais e por comunidades científicas mistas em nível local, nacional e regional. (BUNGE, 1989, p. 45).

Bunge (1989) apresenta algumas conclusões a respeito do desenvolvimento do conhecimento científico e das comunidades científicas. Chama atenção para a necessidade de especialização do pesquisador; a participação do cientista em diferentes comunidades científicas; o desenvolvimento da multidisciplinaridade; a colaboração internacional (direta indiretamente); o fortalecimento e cooperação dos centros de pesquisa, o estímulo e troca de informações científicas, como também de experiências entre os membros.

A pesquisa científica é uma tarefa da comunidade científica. Mas para que os cientistas possam fazer pesquisa é necessário que disponham de condições básicas, tais como, saúde e salários regulares, livre acesso à informação, liberdade de intercambio com os pares, liberdade acadêmica para escolher os temas de pesquisa, como também para difundir seus resultados. Em resumo, essas são condições biológicas, econômicas, políticas e culturais (BUNGE, 1989).

Bunge (1989) destaca que condições biológicas, econômicas,

políticas e culturais são imprescindíveis e desejáveis para se fazer pesquisa científica, como também para manter uma comunidade científica endógena em qualquer país. Como parte integrante da condição cultural, o autor arrola a institucionalização. Nesse quesito, entende que o treinamento dos cientistas ocorre com sua incorporação a uma comunidade científica ativa. Além da leitura de livros e artigos a formação do pesquisador requer intercâmbio com os pares. As interações permitem estímulo e autocorreção. Por fim, a atividade científica se institucionaliza em centros de pesquisa, de ensino e nas sociedades profissionais.

Para uma comunidade científica surgir e se perpetuar, é preciso existir cérebros originais e laboriosos, como também líderes que consigam transmitir e estimular com entusiasmo as atividades que envolvem o processo de construção de conhecimento. As rivalidades pessoais devem ser superadas e ignoradas, pois os cientistas farão parte do mesmo sistema, atuando em universidades, institutos e associações que requerem uma ação coletiva (BUNGE, 1989). Uma vez que, as lutas de ego tendem a enfraquecer o coletivo, gerando disparidades.

Bunge (1989) destaca que a comunidade científica tem a função de regulamentar o comportamento de seus integrantes, ela os vigia para que as pressões externas não influenciem a conduta desses. Aponta quatro aspectos do comportamento científico: (1) fazer uma ciência honesta; (2) difundir os conhecimentos e métodos científicos; (3) criticar as crenças anticientíficas e pseudocientíficas; (4) não servir aos opressores políticos, econômicos ou culturais.

Tais premissas induzem acreditar que forjar os resultados de pesquisa, monopolizar métodos e impedir a disseminação do conhecimento retarda o desenvolvimento da ciência. A crítica e a racionalidade são imprescindíveis no processo de construção do conhecimento. A ciência não deve ficar subordinada a interesses e influências externas, sua função é o conhecer desinteressado. O compartilhamento de regras comuns de comportamento só avança o fazer científico (BUNGE, 1989).

De forma geral, o que Bunge coloca é que para haver desenvolvimento é necessário investir em uma ciência autônoma, voltada para as particularidades de seu país e aberta as contribuições do sistema internacional. A noção de sistema permeia a noção de ciência, uma vez que, para esse autor, é constituída de subsistemas conceituais e sociais.

Visto os diferentes aspectos do desenvolvimento científico, na seção a seguir são ressaltados os principais componentes envolvidos no



processo de institucionalização científica nesse estudo.

### 2.3 COMPONENTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Muitas são as visões sobre o desenvolvimento científico, acima foram destacadas algumas delas.

Dentre os autores analisados, Merton e Khun representam duas linhas de pensamento essenciais para os estudos da ciência. Merton identificou normas e valores que regiam as atividades científicas, o éthos científico, um conjunto de valores e normas de caráter social e filosófico que regulam o funcionamento da atividade científica. Merton (2013) também estudou as relações de produção científica entre os integrantes da comunidade científica e designou de efeito Mateus o processo no qual constatou a existência de desvantagem dos pesquisadores novatos em relação aos que são estabelecidos no campo, pois esses são mais reconhecidos e prestigiados e obtém mais financiamentos. Sua obra está focada nas relações sociais entre os agentes, que até então não eram consideradas objeto de estudo científico. Esse autor tem uma visão idealizada da atividade científica como uma instituição social autônoma.

Khun (2009) defendeu que o desenvolvimento da ciência acontece em dois períodos denominados de ciência normal e ciência revolucionária, ressaltou a importância das comunidades e dos paradigmas. Na visão de Kuhn (2009), a ciência avança por meio de saltos qualitativos entre períodos de ciência normal e ciência revolucionária, quando um paradigma é amplamente aceito pela comunidade científica suas pesquisas desenvolvem-se na fase de ciência normal, a transição de paradigmas caracteriza a ciência revolucionária causando transformações práticas e teóricas no campo. Para Kuhn (2009), uma comunidade científica é caracterizada por indivíduos que receberam a mesma formação, que estudaram teorias semelhantes e que compartilham um mesmo objeto de estudo, problemas e soluções. Portanto, as comunidades se configuram em torno de um paradigma.

Ziman vislumbrou novas formas de organização e gestão da ciência contemporânea, a qual caracterizou como ciência pós-moderna, resultante do processo de coletivização da ciência que emerge nos anos de 1970. Nesse sentido, considera que valores gerenciais e burocráticos alteraram as práticas científicas, como também a relação da ciência e sociedade (REIS, 2011). Essa visão de mudança da prática científica contemporânea, é sustentada na crença de que a

confiabilidade do conhecimento científico reside no caráter social dessa instituição, cujos membros compartilham de uma mesma cultura (entendida, grosso modo, como um conjunto de valores, epistêmicos ou não, responsáveis pela unidade, mesmo que imperfeita, da comunidade científica) e que seguem os princípios da consensibilidade e da consensualidade. (REIS; VIDEIRA, 2013, p. 583).

Bourdieu advogou que “o sujeito da ciência não é o cientista singular, mas o campo científico, a partir das relações de concorrência, comunicação, baseadas na argumentação e na verificação.” (PRAXEDES, 2008, p. 1). É no cerne das comunidades científicas que se concentram as disputas de poder entre os agentes da ciência. Observando o jogo existente entre os cientistas na busca pelo reconhecimento e prestígio científico, Bourdieu (1983; 2004) introduziu o conceito de campo científico: um ambiente de concorrência cuja finalidade é o monopólio da autoridade científica, definida pela capacidade técnica e poder social dos agentes. Para participar do campo é necessário o estar ciente do *habitus*, isto é das normas tácitas de condutas vigentes no campo, proveniente de um saber prático. A estrutura do campo é determinada pelos agentes de acordo com seu volume de capital, os agentes dominados ficam subordinados aos agentes dominantes que conduzem as decisões do campo, como o que pesquisar e que teorias utilizar. O autor explica que o capital científico é um capital simbólico e pode ser dividido em capital puro e temporal. O reconhecimento da comunidade científica que advém das contribuições cognitivas com as publicações científicas constitui o capital puro, e confere competência ao cientista. Já o capital temporal advém de posições ocupadas na estrutura do campo, como a participação de comissões, direção de departamentos e laboratórios. Contudo, o agente que deter mais capital científico é facultado competência para agir e falar. Essa relação de dominação entre os agentes mostra semelhança ao efeito Mateus de Merton (2013).

Whitley (1974) e Bunge (1989) fornecem elementos pontuais a respeito da institucionalização científica. Na visão desses autores é ressaltada a importância conferida às instituições, as pessoas e ao que é produzido no campo e reconhecido pela comunidade científica. Whitley (1974) tratou dessa questão sob o ponto de vista de duas dimensões: a social e a cognitiva. Bunge (1989) considera que a ciência é formada por

sistemas conceituais e sociais. Para ambos os autores a dimensão cognitiva/conceitual abarcaria certos componentes, tais como: os conceitos, teorias, técnicas, metodologias, objetos de estudo, problemas e soluções. No que diz respeito à dimensão social, são abarcados os locais de formação, canais de comunicação e entidades de classe, ou seja, os cursos de graduação e pós-graduação, os periódicos científicos, as sociedades e associações, as reuniões e eventos científicos/profissionais. A diferença destacada entre os autores reside na forma de abordagem, Whitley (1974) preocupa-se com o processo de institucionalização retratando seus níveis em alto e baixo graus, enquanto Bunge (1989) refere-se à constituição de áreas. Ressalta-se que para uma ciência constituir e se institucionalizar é necessário apresentar os referidos componentes, uma vez que eles que conferem um status científico ao campo.

Cabe esclarecer, que as visões apresentadas de Merton, Khun, Ziman, Bourdieu, Whitley e Bunge evoluíram com as mudanças ocorridas na sociedade, portanto não são totalmente divergentes e ainda apresentam pontos de convergência, por exemplo, todos esses estudiosos reconhecem o papel de literatura científica e enfatizam a importância do reconhecimento e aceitação dos pares no processo de construção do conhecimento científico. Direta ou indiretamente, os autores ressaltam as relações e as posições dos agentes no campo científico, reconhecem que as comunidades científicas promovem o desenvolvimento do campo, uma vez que seus integrantes estão sempre dependendo de reconhecimento e aceitação, vivem buscando incansavelmente o consenso.

Em síntese, após a explanação realizada chega-se a conclusão que Whitley poderá fornecer subsídios pontuais para o desenvolvimento desta pesquisa, visto a forma sistematizada de abordar a institucionalização e os demais autores e suas abordagens poderão contribuir para o entendimento da institucionalização científica do campo da moda no Brasil, campo visto como emergente no mundo científico. Acredita-se que a realidade científica do campo é resultante das ações dos cientistas, tanto no nível pragmático como epistemológico.

Na seção a seguir o foco reside em compreender o fenômeno da moda e sua inserção no universo científico nacional. O progresso do campo da moda está relacionado a elementos cognitivos e sociais que proporcionaram seu processo de institucionalização.

## 2.4 A MODA COMO FENÔMENO E A INTRODUÇÃO DO ESTUDO DESSE FENÔMENO NO MUNDO ACADÊMICO.

Lipovetsky em 1987 quando lançou a obra *o Império do Efêmero* relatou que nas sociedades primitivas a tradição de manter o modelo das vestes impedia o aparecimento da moda. O presente não era visto como um momento suscetível para inovar a maneira de se trajar, não existia culto pela novidade, tão pouco a instabilidade e a temporalidade da moda. Mesmo com o aparecimento do Estado e da divisão de classes o modelo de vestimenta não sofre alterações, durante séculos a indumentária permaneceu praticamente a mesma e se perpetua no Egito, Grécia, Roma, China e Índia sem inovação. É claro que ocorreram influências ocasionais ou relações de dominação na maneira de se vestir, mas que não se comparam ao reino sistemático do efêmero, com suas rápidas flutuações estéticas (LIPOVETSKY, 2009). No que diz respeito ao advento da moda, Lipovetsky (2009, p. 24) explica que:

Só a partir do final da idade média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente: a moda nasceu.

O fenômeno da moda primeiramente se manifesta no vestuário, considerado o teatro das inovações até os séculos XIX e XX, mas abrange também os objetos decorativos, o mobiliário, a linguagem e as maneiras, os gostos e as ideias. Influência artistas e obras culturais. No entanto, esse fenômeno não se restringe a um objeto em específico, o que lhe caracteriza é o fato de ser um dispositivo de distinção social que afeta diversos setores da vida coletiva (LIPOVETSKY, 2009). O estilo de vida das pessoas pode ser considerado um indicador de posição social dentro da hierarquia de classes.

Ao abordar o fenômeno da moda no manuscrito *A filosofia da moda* em 1905, Simmel (2008) relaciona a dualidade humana, o fazer parte de um grupo social e busca pela individualidade. Explica que o processo de imitação entendido “como a transição da vida do grupo para a vida individual” condiciona a manifestação do fenômeno da moda, pois a imitação satisfaz a necessidade de apoio social e atende a

necessidade de distinção/diferenciação. O autor menciona o paradigma de distinção de classes ao explicar que e

as modas são sempre modas de classe, porque as modas de classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas se começa a apropriar. Por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças a qual a tendência para a igualização social se une a tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário. (SIMMEL, 2008, p. 24).

No entendimento de Simmel (2008), a moda é um produto da divisão de classes e possui uma dupla função, a de formar um círculo social fechado e isolá-lo de outros, ou seja, o unir e o diferenciar.

No entanto, Lipovetsky, (2009) faz uma crítica ao paradigma sociológico da moda (distinção de classes) e expressa a necessidade de se reinterpretar globalmente o fenômeno, reconsiderando o papel histórico das classes e das suas rivalidades. O autor pontua que

A interrogação da moda exige uma modificação radical de paradigma. [...] as reviravoltas perpetuas da moda são, antes de tudo, o efeito de novas valorizações sociais ligadas a uma nova posição e representação do indivíduo em relação a um conjunto coletivo. A moda não é corolário *conspicuous consumption* e das estratégias de distinção de classes; é o corolário de uma nova relação de si com os outros, do desejo de afirmar uma personalidade própria que se estruturou ao longo da segunda idade média nas classes superiores. (LIPOVETSKY, 2009, p. 67).

O primordial no fenômeno da moda é o poder da individualização, da unicidade, a emancipação da personalidade. Uma forma de se destacar no coletivo, de desprender do tradicional em busca do novo, haja vista que o presente é mais prestigioso e o *moderno* passa a ser aceito e desejado. Nesse fenômeno, a estética impera e a vestimenta é instrumento de sedução explorado na dinâmica de interação entre os seres (LIPOVETSKY, 2009).

Na transição do século XIX para o século XX a moda passa a ser

objeto de estudo das ciências humanas. Esse acontecimento foi impulsionado com os trabalhos de Hebert Spencer (1883), Gabriel Tarde (1890) George Simmel (1895) e Thorstein Veblen (1899), tais pensadores possibilitaram a problematização da moda relacionando aspectos histórico-sociais. Suas obras foram escritas em momento vigoroso da moda, pois é no século XIX que surge a alta-costura; aparece a produção têxtil em larga escala; ocorre o aprimoramento da máquina de costura; roupas prontas são vendidas em lojas de departamento; colunas e seções especializadas em jornais femininos difundem as tendências de cada estação (RAINHO, 2010). Inseridos nesse contexto os cientistas sociais dedicam “sua atenção a pensar relações de poder, diferenças de classe, sociabilidades e estilos de vida sob a perspectiva da roupa e da moda.” (RAINHO, 2010, p. 148).

Até os anos de 1960, grande parte dos intelectuais franceses ignorava a moda, os mais interessados nas formas de vestir eram os historiados da indumentária, arqueólogos e arquivistas. Dois autores foram fundamentais para que a moda fosse introduzida como assunto de pesquisa universitária, segundo Rainho (2010), e são eles Roland Barthes e sua obra *Sistema da moda publicada em 1967* e Pierre Bourdieu e sua obra *A distinção* publicada em 1979. Na primeira, foi enfatizada a moda do ponto de vista da semiologia e na segunda, estudada a moda na perspectiva da sociologia do gosto. Igualmente, As publicações de Baudrillard (1976) e Lipovetsky (1987) também contribuem para que a moda alcance legitimação acadêmica na França, pois até então não era vista como uma área científica (MAGNUS et al., 2006 apud CARNEIRO et al, 2010).

Para Godart (2010), a definição da moda é ambígua, pois pode ser entendida de duas maneiras: a primeira como a indústria do vestuário e do luxo e a segunda como um tipo de mudança social regular e não cumulativa, manifestando-se em diversos domínios da vida social. “Essas duas concepções da moda estão ligadas porque a moda, como indústria, produz estilos que são caracterizados por mudanças regulares e não cumulativas”. (GODART, 2010, p. 12).

No Brasil, o ensino de moda começa a se estruturar depois da década de 80, buscando resolver uma lacuna de mão de obra qualificada (PIRES, 2002; MARINHO, 2005). Os primeiros cursos profissionalizantes em moda surgem no início década de 80 nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Os cursos de nível superior são criados no fim da década de 80, o primeiro surge em São Paulo na Faculdade Santa Marcelina. A partir de então, outros cursos são criados nos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul,

Rio de Janeiro e Ceará com a finalidade de atender a indústrias dessas regiões. (PIRES, 2002). O aparecimento dos cursos esteve atrelado ao

aquecimento da economia daquele período, à instalação de novas indústrias de fiação, de têxteis e de confecção de vestuário, da posterior política de abertura de mercado e do surgimento de muitos cursos de design de moda, sobretudo nos países do hemisfério norte. (PIRES, 2002, p. 2).

A integração da moda com o design não ocorreu concomitantemente com o surgimento dos cursos, a acolhida do design acontece no início de século XXI. Observa-se que de 1988 até 2000 as instituições de ensino ofertavam cursos que formavam profissionais para atuar na concepção de produtos de moda sob a perspectiva do estilismo e não do design (PIRES 2008). Na visão de Puls (2010), o entendimento que se tinha do estilista divergia do designer, pois o estilista era um criador de moda com formação acadêmica. “Seu trabalho [...] era considerado como um processo de trabalho criativo, artístico, autoral, com preocupação estética e não como uma atividade projetual.” (PULS, 2010, p. 7).

A relação da moda e do design começa se intensificar a partir do ano de 2002, quando o MEC considera a moda um conteúdo específico do design, ou seja, é uma de suas habilitações (BONADIO, 2010). Uma decisão acadêmica que altera o cenário da moda no Brasil, já que passa receber contribuições oriundas do design (ANDRADE NETO et al, 2012). Portanto, constata-se que

essas diretrizes provocaram mudanças na academia de Moda no Brasil, pois conhecimentos e práticas do campo do Design foram integrados às pesquisas e aos estudos da Moda, assim como o Design também se apropriou das experiências específicas dessa outra área. (ANDRADE NETO et al, 2012, p. 2).

Percebe-se uma convergência entre a moda e o design, uma interação que abrange a busca de referenciais estéticos, visuais e metodológicos. O design passa a buscar no universo da moda elementos de inspiração como cores, formas e estampas. Já a moda busca no design uma fundamentação metodológica e científica (CARNEIRO et al., 2010). O design de moda constitui

um dos ramos do design, o qual tem como objetivo o desenvolvimento de vestuários ou acessórios para o ser humano, respeitando as características culturais, técnicas, mercadológicas e de moda ou tendências. (CARNEIRO et al, 2010, p. 291).

Pires (2008) explica que o histórico preconceituoso do design em relação à moda uma especialidade no âmbito acadêmico está praticamente dissolvido. Essa evidência advém do fato da moda estar sob a ótica do design na tabela de áreas do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e do segundo Encontro de Planejamento Estratégico do Programa Brasileiro de Design considerar a moda como prioridade no período de 2007 a 2012. Conforme relata Pires (2008, p. 14), “o documento utilizado durante os trabalhos, intitulado Demanda de estratégias do design no setor produtivo brasileiro, apontava a moda em primeiro lugar entre os sete segmentos priorizados”.

Estudos acerca do surgimento dos cursos de moda no Brasil foram desenvolvidos por Dorotéia Baduy Pires. Em artigo publicado na revista *Ciência e Cultura*, a autora evidencia o crescimento desse campo no Brasil, por meio de dados referentes ao número de cursos em nível superior em Moda no país. Conforme pesquisa no ano de 2002 existiam apenas 20 cursos de moda em funcionamento, já no ano de 2010 o número de cursos bacharelados e tecnológicos em modalidade presencial passa a ser de 150. Um total de 131 instituições ofertam cursos superiores para atuar na área da moda no Brasil, dos 150 cursos existentes 96 apresentam apenas a denominação design de moda, “21 simplesmente têm o nome de moda e os outros 33 são focados em: produção, têxtil, gestão, negócios, modelagem, marketing, desenho, estilismo e, ainda, um único curso de figurino.” (PIRES, 2010, p. 38).

Carli (2011, p. 5), ao abordar o perfil dos cursos que formam os profissionais da moda, explica que os cursos superiores voltados à área de moda abrangem

diversos setores desde o processo produtivo e tecnologia até as áreas de artes e comunicação, sendo que, independente para qual área o curso é dirigido é necessário que se vincule a teoria à prática. Contudo, o que se percebe é que frequentemente os cursos superiores enfocam mais o processo produtivo da indústria da moda



em si em detrimento da produção de conhecimento.

Caldas (2006) entende que principal entrave do desenvolvimento cognitivo da moda acadêmica reside na falta de investimentos na pesquisa de base por parte das universidades privadas e do universo empresarial. Criou-se uma lógica no qual as necessidades do mercado interferem e priorizam o ensino. Configura-se uma realidade no qual as universidades são vistas como empresas, os cursos são produtos e alunos são clientes. O autor explica que

O afã de oferecer novos produtos no mercado de cursos contrasta com a inexistência, até o presente momento, nas principais escolas de moda do país, de um centro de pesquisa e de publicações que venha de encontro dos reais interesses dos públicos docentes e discentes e da sociedade como um todo. (CALDAS, 2006, p. 191).

Entende-se que cabe às universidades a função de desenvolver a dimensão teórica da moda, tendo em vista sua tradição nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. As universidades públicas apresentam uma autonomia e liberdade maior se comparada com instituições de ensino privada, que além de sofrer uma pressão direta do mercado, seus docentes e pesquisadores ficam subordinados as políticas de cada instituição.

Bonadio (2010), ao mapear as dissertações e teses no campo da moda, conclui que muitas são os campos de conhecimento nas quais as pesquisas foram desenvolvidas. Seu estudo indicou que os campos de: Administração, Comunicação, Design e Engenharia da Produção apresentam maior concentração de dissertações e teses. Entretanto, destaca que a Ciências Humanas e Artes apresentaram um crescimento pesquisas oriundas da Sociologia, Artes, História e Educação. Tais informações evidenciam a acelerada propagação do tema na última década no universo acadêmico (BONADIO, 2010).

Por meio de busca nos sites dos programas de Pós-Graduação em CI do Brasil e com base no estudo de Bonadio (2010), foram identificadas oito pesquisas que versaram sobre Moda, desenvolvidas no âmbito da CI. Dentre os anos de 1998 a 2013 duas teses e seis dissertações foram defendidas, esse dado evidencia a possibilidade de diálogo entre as duas áreas, reforçando assim a proposta desta pesquisa. O quadro 1 contém informações a respeito das referidas pesquisas.

Quadro 1 - Pesquisas sobre Moda nos Programas de CI do Brasil

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Orientador</b>	<b>Instituições</b>	<b>Ano</b>
Teresa Cristina Toledo de Paula	Inventando moda e costurando história: pensando a conservação de têxteis no Museu Paulista. (dissertação)	Maria Helena Pires Martins	USP	1998
Astrid Sampaio Façanha	A moda em ação: entre pigmentos, scrap books e passarelas. (dissertação)	Maria de Nazaré F. Pereira e Lena Vania R. Pinheiro	UFRJ	1999
Maria Eugênia Albino Andrade	A informação tecida na moda: o campo das micro e pequenas indústrias do vestuário em Minas Gerais. (tese)	Regina Maria Martelete	UFRJ	2000
Marta Catarina Kasznar Feghali	A informação de moda: mecanismos de poder, sedução e status na sociedade.	Regina Maria Martelete	UFRJ	2002
Teresa Cristina Toledo de Paula	Tecidos no Brasil: um hiato. (tese)	Maria Helena Pires Martins	USP	2004
Daniella Dalla Maestri	Modelo de gestão da informação para a indústria da moda: o aglomerado das indústrias de Colatina. (dissertação)	Raimundo Nonato Macedo dos Santos	PUECAMP	2004
Marcia Regina Paiva	Compartilhamento da informação e do conhecimento na Universidade Estadual de Maringá: contribuições de um repositório temático institucional em Moda e Design. (dissertação)	Maria Júlia Giannasi Kaimen	UEL	2011
Claudia Finardi	O fluxo da informação no processo do Design de Moda: uma análise aplicada em pequenas empresas de confecção da grande Florianópolis. (dissertação)	Edna Lúcia da Silva	UFSC	2011

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No Brasil, a tendência é que as pesquisas sobre moda

concentrem-se na área de Design. Os cursos de graduação alteraram suas grades curriculares e nomenclaturas de estilismo/moda para design de moda, por conta da exigência do Ministério da Educação (MEC), seguindo às Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Design, legitimando, dessa forma, que esse campo no país passava a pertencer ao campo do design. Os eventos científicos do design abriram espaços de estudo para questões relacionadas ao objeto têxtil e do vestuário, abarcando seus processos, valores e significados. Contudo, a incorporação da moda e do design é observada com a inclusão de objetos e processos de produção da indústria têxtil e do vestuário no conjunto de conhecimentos específicos do design (CHRISTO; CIPINIUK, 2012). Entretanto, isto não impede que outros estudos ocorram em outras áreas com diferentes abordagens.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento de todos os tipos e formas de pesquisa existem métodos e técnicas apropriados, depende da habilidade do pesquisador escolher o que for mais adequado para o seu estudo (SANTOS, 2012). Uma vez que as pesquisas sempre tem início com a busca de respostas para questões, perguntas ou dúvidas (MINAYO, 2010), torna-se necessário que se trace um caminho para se encontrar respostas e atingir os objetivos da pesquisa. Assim, para sistematizar o desenvolvimento da pesquisa é fundamental a estruturação da metodologia que vai representar “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.” (MINAYO, 2010, p. 14). A metodologia abrange os métodos, as técnicas e abordagens empregadas, contribuindo diretamente na construção do conhecimento.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com os objetivos traçados, essa pesquisa possui caráter descritivo e exploratório, fazendo uma abordagem quali-quantitativa (mista) com uso de técnica de pesquisa documental. É uma pesquisa de caráter exploratório-descritiva, na medida em que se busca aproximação do problema e descrever as relações, fatos e atores envolvidos na temática estudada. Segundo Gil (2002, p. 41), as pesquisas exploratórias “têm por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Na visão de Triviños (1987, p. 109), os estudos de natureza exploratória

permitem ao investigador aumentar a sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seus estudos nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimentos para em seguida planejar uma pesquisa descritiva [...] Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa

Como sua própria nomenclatura indica as pesquisas descritivas objetivam descrever e identificar características e fenômenos. Nos estudos descritivos o foco “reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas.” (TRIVIÑOS,

1987, p. 110). O autor explica que esse tipo de estudo descreve fatos e fenômenos de determinada realidade. (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa possui abordagem quali-quantitativa, a esse tipo de enfoque Creswell (2010) denomina de pesquisa de métodos mistos, pois emprega a combinação de abordagens. Nesse sentido,

A pesquisa de métodos mistos é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso é mais que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada. (CRESWELL, 2010, p. 27).

É uma pesquisa documental, pois fez uso dos registros de dados sobre a institucionalização científica retirados da base de dados, plataformas, sites e outros documentos que ainda não tinham recebido tratamento analítico. Conforme Severino (2007, p. 123), a pesquisa documental é caracterizada por apresentar uma diversidade de materiais informacionais (jornais, fotos, documentos legais, gravações), independente de estar no suporte físico ou digital. O autor destaca que nesse tipo de pesquisa “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda a matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise”.

### 3.2 CORPUS DA PESQUISA

O universo da pesquisa foi formado pelo conjunto das instituições, dos pesquisadores, dos cursos de graduação e pós-graduação, pela associação de pesquisa, pelas dissertações e teses, pelos periódicos, e eventos científicos em moda do Brasil. O corpus da pesquisa foi constituído de registros retirados das seguintes fontes: Bases de dados: E-Mec e Web-Qualis; Plataforma Lattes: Diretório dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) e Currículo Lattes; Sites: Capes, Cursos, Associação, Revistas e Anais de eventos, etc.

A cobertura temporal compreendeu os anos de 1988 a 2013. Esse período registrou o nascimento dos cursos de graduação e pós-graduação em moda no Brasil

### 3.3 DESCRIÇÃO E INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados, conforme objetivos desta pesquisa, para buscar indícios da institucionalização científica do campo da moda no Brasil. Então, com base no referencial teórico foi escolhida a abordagem de Whitley (1974), organizou-se a coleta em duas etapas: 1ª etapa: dados sobre a institucionalização social e 2ª etapa: dados sobre a institucionalização cognitiva.

#### **1ª etapa - institucionalização social - Cursos de Graduação**

Para levantar e identificar os cursos de graduação em moda ou design de moda em atividade no Brasil foi consultado o sistema do Ministério da Educação (MEC) denominado de e-MEC, criado em 2007 para facilitar a tramitação eletrônica dos processos de regulamentação de cursos no país. O sistema opera via internet e torna possível que as instituições de educação superior façam o credenciamento e o recredenciamento, busquem autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos (BRASIL. Ministério da Educação, 2014). Para tabulação dos dados foram consideradas as variáveis – bacharelado, licenciatura e tecnológico e nessas considerando-se três situações: em atividade, em extinção e extinto. A estratégia de busca foi a pesquisa avançada com os termos *design de moda* e moda. O bacharelado, segundo o MEC, é o curso superior que “confere ao diplomado competências em determinado campo do saber para o exercício de atividade acadêmica ou profissional”. A licenciatura, por sua vez, prepara o estudante para dar aula como professor na educação básica e tem matérias específicas focadas em aspectos pedagógicos. O tecnológico tem a função de preparar o profissional para o mercado de trabalho. Para fins verificação da institucionalização científica do campo da moda no Brasil, nesta dissertação, a análise manteve o foco nos cursos de graduação em nível de bacharelado, visto que são os que preparam os estudantes para as atividades acadêmicas.

#### **1ª etapa - institucionalização social - Cursos de Pós-graduação**

Para levantar e identificar os cursos de pós-graduação em moda ou design de moda em atividade no Brasil foi consultado o sistema da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que disponibiliza uma relação dos programas de mestrado e doutorado existentes no Brasil. Uma das suas principais finalidades consiste na avaliação da pós-graduação *stricto sensu*, os programas são divididos por áreas de conhecimento e a cada três anos passam por uma

avaliação e recebem um conceito de acordo com sua estrutura científica, corpo docente e produção científica. Para a tabulação dos dados foram consideradas como variáveis os cursos que apresentam área de concentração em Moda ou que possuem linhas de pesquisa em Moda. Primeiramente, foi verificado se os programas da grande área: Ciências Sociais Aplicadas, área: Desenho Industrial apresentavam as variáveis desejadas. Depois desse levantamento, o foco residiu em analisar em que programas as dissertações e teses orientadas pelos 144 pesquisadores foram desenvolvidas, tais dados foram extraídos do Currículo Lattes dos pesquisadores. Com base nesses dados foi possível conhecer os programas e linhas de pesquisa atuais e extintas em moda.

### **1ª etapa - institucionalização social - Revistas**

Visando identificar as revistas do campo da moda foi utilizado como parâmetro os artigos relacionados à moda produzidos pelos 144 pesquisadores entre os anos de 1988-2013. O mapeamento dos artigos possibilitou a elaboração de um índice das revistas mais produtivas, depois de identificadas foi traçado o perfil dos periódicos científicos desse campo. Considerou-se, a entidade editora, país de origem, a periodicidade, data de criação, plataforma, o idioma, a indexação em diretórios e bases de dados, o Qualis Capes e o tipo de acesso da revista (acesso aberto ou restrito). Para certificar da existência da revista foi consultado o WebQualis, esse sistema disponibiliza uma lista dos periódicos científicos nacionais e internacionais no qual os pesquisadores publicam seus artigos. No sistema está cadastrado o ISSN, título do periódico, estrato, área de avaliação e classificação. Quando o periódico não estava cadastrado no WebQualis pesquisou-se diretamente no site da revista e em outras bases para validar sua existência. O estrato Qualis considerado na pesquisa respeitou a área de avaliação Interdisciplinar, uma vez que o único mestrado em Moda no país faz parte dessa Área.

### **1ª etapa - institucionalização social - Eventos**

Os eventos considerados como genuínos do campo da Moda foram localizados no site da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda (ABEPEM) e no site do Departamento de Moda da UDESC. Para identificar os eventos científicos mais eminentes no campo da moda foram mapeadas as publicações de trabalhos em eventos no Currículo Lattes dos pesquisadores, os registros bibliográficos indicaram os eventos no qual a temática moda se faz presente. Identificados tais eventos realizou-se uma comparação entre os eventos



que possuem maior índice de apresentação de trabalhos.

### 1ª etapa - institucionalização social - Grupos de Pesquisa

Os grupos de Pesquisa em Moda foram recuperados no Diretório de Pesquisa do CNPq. Portanto, no dia 15/2/2014 usando o termo “Moda” realizou-se uma busca textual no Diretório do CNPq, no qual a estratégia de busca empregada foi a mais genérica, visando recuperar o maior número possível de grupos e pesquisadores.

Criado em 1992 o Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil é caracterizado como uma fonte de informação em Ciência e Tecnologia. Suas informações referem-se a grupos de pesquisa em atividade no Brasil, nele é possível identificar os pesquisadores, as linhas de pesquisa em andamento, especialidades de conhecimento, cursos de mestrado e doutorado com o qual interagem os integrantes do grupo e a produção científica desses (SILVA et al, 2006).

Como resultado da referida pesquisa, foram recuperados 59 grupos. Na figura 1, apresenta-se os dados levantados.

Figura 1 - Levantamento dos grupos de pesquisa em Moda

The screenshot shows a web browser window with the URL 'dgp.cnpq.br/buscaoperacional/'. The page title is 'Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil'. The search criteria are 'Busca textual de grupos certificados na base atual do Diretório' and 'Buscar por: moda'. The results show a total of 59 groups. The first three results are:

- Gr: [ARGO: Estudos em Arte e Ciências Humanas](#) - UFJF  
LI: [Raquel Quinet de Andrade Pifano](#)  
AP: Artes
- Gr: [ARTE, DESIGN E MODA](#) - UNICAMP  
LI: [Luciano Migliaccio](#)  
AP: Artes
- Gr: [Arte, Design e Moda](#) - USP  
LI: [Cláudia Regina Garcia Vicentini](#)  
AP: [Artes e Design Industrial](#)

On the left sidebar, there are links for 'Grupos', 'Pesquisadores', 'Líderes', and 'Estudantes'. At the bottom left, it says 'Total de consultas: 3.810.855' and 'GrupoStela'.

Fonte: Diretório do Cnpq.

Diante desse resultado, foram definidos critérios para selecionar os grupos e seus pesquisadores:

a) Inclusão de grupos que tivessem doutores em seu quadro, entendendo que esses são em tese os responsáveis pela formação de novos pesquisadores e pela maior parte da produção científica publicada.

b) O termo moda deveria estar descrito no título do grupo; ou no nome das linhas de pesquisa, ou no texto informativo do grupo; ou na descrição das linhas dos grupos; ou nas palavras-chave.

Aplicando esses critérios foram excluídos 17 grupos e a amostra ficou composta de 42 grupos de pesquisa. A partir de então, foram listados os pesquisadores doutores pertencentes aos grupos, os nomes dos grupos de pesquisa, as linhas de pesquisa focada em moda e as instituições pertencentes.

## **2ª etapa - institucionalização cognitiva - Pesquisadores e sua produção bibliográfica**

Para levantar e identificar os pesquisadores que pesquisam a Moda foram utilizadas duas bases de dados, sendo elas, o Diretório de Grupos do Cnpq e a Plataforma Lattes. O levantamento foi realizado em dois momentos.

No primeiro momento, buscou-se levantar os grupos de pesquisa que a abordassem a Moda, como também identificar seus integrantes doutores. Como já mencionado anteriormente a pesquisa ocorreu no dia 15/2/2014 usando o termo “Moda” por meio de busca textual no Diretório do Cnpq.

Com base nos 42 grupos de pesquisa foram listados todos os pesquisadores. Excluindo os doutores que estavam duplicados, pois participavam de mais de um grupo, chegou-se a um total de 165 pesquisadores.

Nos meses de junho e julho de 2014 foram realizadas simulações do levantamento da produção científica desses pesquisadores no Currículo Lattes de cada um dos 165, objetivando uma familiaridade com as características do campo, dos seus pesquisadores e da sua produção.

Nessa primeira análise do currículo Lattes foi percebida a necessidade de verificar se o número dos pesquisadores correspondia a realidade de atuação no campo. Objetivando aproximar o máximo possível os dados da realidade do campo da moda no Brasil, optou-se por levantar via Currículo Lattes os pesquisadores interessados na temática e que atuavam no campo da moda. Estratégia essa que permitiu confrontar esses novos dados com os dados obtidos no levantamento do diretório de Grupo de pesquisas e possibilitar, como já explicado anteriormente uma aproximação do universo da pesquisa com a realidade dos fatos.

Já o segundo momento de levantamento de dados ocorreu no dia 11/8/2014, quando se realizou a busca por assunto no Currículo Lattes.

Destaca-se que “o Currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país.” (CNPq, 2013). Por meio do Currículo Lattes tem-se acesso a informações sobre a produção científica e técnica dos pesquisadores como também informações relativas à atuação acadêmica e profissional. Sua função consiste em:

registrar as atividades profissionais de pesquisadores, visando fornecer dados para avaliação da competência de candidatos para obtenção de bolsas e auxílios, seleção de consultores, membros de comitês e grupos assessores; subsídios à avaliação da pesquisa e à pós-graduação no Brasil. (SILVA et al, 2006).

A busca textual foi realizada com a expressão *design de moda* e os filtros aplicados foram: Pesquisadores doutores; Currículos atualizados nos últimos 48 meses; Informações bibliográficas sobre artigos, livros e capítulos, trabalhos em eventos; Período de produção a partir de 1988. Essa estratégia resultou na recuperação de 228 currículos que atendiam aos critérios de seleção pré-estabelecidos.

No que se refere aos dois levantamentos de pesquisadores realizados, 44 doutores tinham seus nomes repetidos nas duas bases de dados. Assim, o universo de pesquisadores atingiu o somatório de 349 pesquisadores.

Identificados os sujeitos da pesquisa, o passo seguinte foi o levantamento de sua produção bibliográfica. Os produtos científicos considerados para fins de levantamento foram: artigo científico, livro, capítulo de livro e trabalho completo publicado em evento, publicados entre 1988 a 2013.

Para o registro dos dados foi criada uma planilha no software Excel, o qual apresentou o número de publicações de acordo com a tipologia documental. Num primeiro momento, observou-se que documentos apresentavam relação com a moda. A figura 2 ilustra o formulário utilizado.

Figura 2 - Tabulação dos dados

PESQUISADOR	Total de Artigos 88-13	Artigos de moda 88-13	Total de livros 88-13	Livros de moda 88-13	Total de cap. 88-13	Cap. de moda 88-13	Total de trabalhos 88-13	Trabalhos de moda 88-13
Abilio Garcia dos Santos Filho	10	0	1	1	2	1	111	2
Agda Regina de Carvalho	6	1	0	0	5	3	19	9
Airton Cattani	19	0	10	0	4	0	52	1
Alberto Cipiniuk	18	1	2	0	6	3	41	10
Alice Theresinha Cybis Pereira	31	0	11	0	17	0	178	2
Aline Moreira Moncores	2	1	0	0	3	3	9	9

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Os procedimentos seguidos para a análise da produção científica do pesquisadores, incluiu:

1 Acessar o Currículo Lattes, observar suas características como um todo: a formação, local de atuação, interesses de pesquisa.

2 Listar toda a sua produção de artigo, livro, cap. de livro e trabalho de evento de 1988 – 2013.

3 Classificar a produção científica em geral e relacionada a Moda. Uma vez que o que nos interessa é volume de conhecimento voltado a essa temática.

Como o Currículo Lattes só disponibiliza as referências é impossível recuperar todos os documentos existentes, portanto, determinou-se o seguinte método para a análise da produção científica.

Com base nas palavras-chave: moda, vestuário, têxtil e roupa, utilizadas por Bonadio (2010) na recuperação de dissertações e teses começou-se a pensar nos termos que literatura acadêmica em Moda apresentaria nas suas produções bibliográficas. Depois dessa primeira noção, foram verificadas as ementas dos grupos de trabalho do Colóquio de Moda, sendo possível um entendimento maior das abordagens que poderiam integrar o assunto moda, para fins desta pesquisa. A partir desse raciocínio, entendeu-se que todos os termos presentes nos título que apresentassem referência ao sistema de moda, seus processos, produtos, materiais, personalidades e o próprio fenômeno social seriam considerados como parte do corpus desta pesquisa.

Primeiramente, foi realizada uma leitura no currículo de todos os autores dos itens publicados nas categorias analisadas, procurando os termos que indicassem a relação com a temática. Quando a referência não deixava claro do que se tratava o documento, o passo seguinte era recuperar o mesmo, quando disponível, analisar seu resumo, palavras-chave e o próprio conteúdo.

No que se refere à categoria artigos, não foram considerados: resenhas, entrevistas, editorias, relatos, coluna informativa e artigos de site ou jornal. Para auxiliar na certificação dos títulos de periódicos foi utilizado o sistema WEBqualis que indica o nome da revista, ISBN e

estrato. Algumas revistas não estão nesse sistema, sendo necessário o acesso ao site para confirmar sua existência.

Na categoria livros e capítulos de livro, foi necessária a busca de mais informações sobre as obras quando não era possível identificar o assunto tratado. Nessas buscas, foram incluídos resumos nos sites de livrarias, resumos indicativos na internet, comentários em blogs, quando não se encontrava nenhum indicativo claro, era consultado o catálogo da Biblioteca Nacional no qual era observado o registro catalográfico que apresenta os termos utilizados na indexação, que, via de regra, sugerem o assunto do documento.

Na categoria trabalhos publicados em eventos, observou-se a edição do evento no qual o trabalho foi apresentado. Em caso de dúvidas foram necessários outros procedimentos como: acesso ao site do evento, recuperação do documento, análise de seu resumo, das palavras-chave e do corpo como um todo.

Cabe esclarecer que, em todas essas categorias, os registros bibliográficos que foram inseridos duas vezes no sistema por engano, foram contabilizados apenas uma vez. Registros bibliográficos inseridos em campos errados foram realocados, por exemplo, apresentação de evento listada na categoria de artigo. No caso de livros com mais de uma edição, só foi considerada a última edição.

Definidos e aplicados tais critérios outras planilhas no Excel foram criadas, contendo nome do pesquisador, número de publicação e as referências extraídas do Currículo Lattes. Como mostra a figura 3.

Figura 3 - Tabulação da produção científica

1	PESQUISADOR	TOTAL	ARTIGOS
2001			RECH, S. R., CINQUELHA, G. S. As Tendências e o Masculino: a importância da pesquisa de tendências direcionada para o homem. DAPesquisa, v. 2, p. 01-06, 2009.
2002			RECH, S. R., MORATO, F. S. O Sistema de Moda e o Coolhunting. DAPesquisa, v. 2, p. 01-06, 2009.
2003			RECH, S. R., NUNES, D. F. O Branding como Vantagem Competitiva para Marcas do Setor de Moda. DAPesquisa, v. 2, p. 01-05, 2009.
2004			RECH, S. R. Modelo Conceitual para Prespeção de Tendências. DAPesquisa, v. 2, p. 01-07, 2009.
2005			RECH, S. R., GECIATO, P. Marcas de Moda e Co-Branding. DAPesquisa, v. 2, p. 01-06, 2009.
2006			RECH, S. R., SOUZA, R. K. R. de. Ecológico e Sustentabilidade: um novo comportamento do consumidor. DAPesquisa, v. 2, p. 01-07, 2009.
2007			RECH, S. R., CAMPOS, A. O. Como se Faz Tendência? O desenvolvimento de um modelo conceitual para a pesquisa prospectiva. DAPesquisa, v. 2, p. 01-07, 2009.
2008			RECH, S. R. Estrutura da Cadeia Produtiva da Moda. Modapalavra E-periodico, v. 01, p. 07-19, 2008.
2009			RECH, S. R. Cadeia Produtiva da Moda: um modelo conceitual de análise da complexidade no eixo confecção. DAPesquisa, v. 1, p. 3, 2008.
2010			RECH, S. R. O Gestor de Design de Moda: agente diferenciador no mercado globalizado. Actas de Design, v. 2, p. 209-215, 2007.
2011	Sandra Regina Rech	26	RECH, S. R. Qualidade na Criação e Desenvolvimento do Produto de Moda nas Malhanas Retilneas. Estudos em Design, v. 9, p. 112-113, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Para cada categoria, foi criada uma planilha com a relação das referências, número de publicação e pesquisador. Esse processo de coleta de dados ocorreu na segunda quinzena de agosto, nos meses de setembro e outubro de 2014.

Quantificada a produção dos 349 pesquisadores, definiu-se que aqueles que apresentaram uma produção inferior a duas publicações gerais (artigo, livro, capítulo de livro, trabalho), seriam excluídos por não apresentar um vínculo efetivo com o campo. Portanto, 205

pesquisadores foram retirados da amostra, pois os dados levantados em seus currículos não registravam o número mínimo de publicações estabelecidas nos critérios de seleção. Nesse caso, a amostra ficou composta por 144 pesquisadores e suas respectivas produções.

Cabe esclarecer, que o sistema de recuperação de informações do Currículo Lattes não respondeu a contento a estratégia de busca delimitada, e recuperou os currículos de doutores que apresentaram o termo *moda* em qualquer parte do currículo. Por exemplo, o sistema recuperou currículos cuja expressão *moda* estava em dados de participação em bancas e não na produção bibliográfica do pesquisador, conforme tinha sido delimitado.

Para identificar os pesquisadores mais produtivos e as revistas mais relevantes aplicaram-se as leis bibliométricas de Lotka e de Bradford. Para identificar os eventos, editoras mais influentes e os anos mais frequentes, a estatística descritiva foi usada. Para o tabulamento de dados, foi necessário padronizar as entradas referentes às revistas, editoras e eventos, para a aplicação da tabela dinâmica no Excel e realizar um ranking de frequência.

No mês de novembro foi levantado o número de orientações concluídas de dissertações e teses relacionadas e anos à *Moda* no período de 1988-2013 no Currículo Lattes dos 144 pesquisadores. As coorientações não foram consideradas, evitando a duplicidade de dados. O título, as palavras-chaves, o resumo das dissertações e teses serviram de base para a análise do tema. O Lattes indica as palavras-chave, quando não identificada a temática do documento foi necessário acessar o mesmo em catálogos de bibliotecas, permitindo assim, um identificação da indexação de seu conteúdo.

Nesse mesmo período, foram identificados os pesquisadores no Currículo Lattes que recebem bolsa de produtividade de pesquisa pelo CNPq, informação essa constante no perfil dos pesquisadores contemplados.

Em dezembro de 2014, um novo levantamento de teses foi realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT e na base de Dissertações e Teses da CAPES. Com a expressão *moda* e utilizando a busca por assunto foram recuperados os documentos, excluindo-se os itens que estavam repetidos nas duas bases. A análise dos documentos considerou o título, palavras-chave e resumo. Depois de concluída a busca, os dados obtidos foram comparados com as teses orientadas pelos pesquisadores da amostra visando verificar se existia compatibilidade entre os dados levantados.

As limitações da pesquisa devem-se ao preenchimento

inconsistente dos currículos pelos pesquisadores e à falta de um mecanismo de busca que permitisse a recuperação somente de dados desejados. A ausência de uma base de dados especializada no campo da Moda também impossibilitou a realização da análise de citação dos artigos recuperados, pois nem todos estão em livre acesso e no meio digital.





## 4 RESULTADOS

Para facilitar o processo de descrição e análise dos dados optou-se em apresentar os resultados desta pesquisa a partir dos pressupostos de Whitley (1974) sobre a institucionalização científica, conforme proposição explanada nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados. Considerando-se que para conhecer o estágio de institucionalização científica de um campo de conhecimento é importante discorrer sobre a dimensão social desse campo que, segundo Whitley (1974), abarcaria as instituições formais. Portanto, será iniciada a apresentação dos resultados com o relato de dados compilados sobre a situação atual no Brasil dos cursos de graduação, pós-graduação, revistas, eventos científicos e grupos de pesquisa, hoje estabelecidos no campo da moda. Depois, com esse mesmo intuito, serão relatados os dados que poderão refletir a dimensão cognitiva desse campo, que segundo Whitley (1974) incluiria levantar os conceitos, as teorias, os problemas, os métodos, próprios dessa ciência. No caso específico do campo da moda, nesta dissertação, foram levantados e analisados dados sobre a produção bibliográfica desse campo, respeitando as delimitações já descritas nos procedimentos metodológicos.

As dimensões e, conseqüentemente, as estruturas sociais e cognitivas podem variar de campo para campo e a delimitação dos limites de cada uma é uma tarefa bastante difícil. Portanto, é relevante lembrar que tal divisão nesta dissertação foi realizada para fins de organização na apresentação dos resultados, cabendo esclarecer que aqui há o entendimento de que tais dimensões mantêm relações dinâmicas entre si, e existe reciprocidade de influências entre as mesmas. A reconstrução da história, especialmente das instituições científicas, poderá facilitar o entendimento dessa relação (WHITLEY, 1974) e, neste caso, no campo da moda no Brasil.

Os demais autores (Merton, Khun, Ziman, Bourdieu e Bunge), presentes no referencial teórico trarão subsídios para análises mais pontuais sempre que for pertinente.

### 4.1 O CAMPO DA MODA NO BRASIL: HISTÓRIA E SITUAÇÃO ATUAL COMO INDÍCIOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO SOCIAL

Whitley (1974) recomenda o estudo histórico das estruturas formais do campo, para que possa facilitar a compreensão da conexão existente entre a dimensão social e cognitiva no processo de institucionalização do campo científico. No entendimento desta pesquisa

consideram-se como partes das estruturas formais: os cursos de graduação, pós-graduação, revistas, eventos, associação e grupos de pesquisa do campo. Dessa forma, passamos a descrição dos dados compilados que poderão fornecer indícios da própria institucionalização social do campo, bem como das relações existentes entre essa e a institucionalização cognitiva.

#### **4.1.1 Institucionalização social: os cursos de graduação e pós-graduação em Moda no Brasil**

A moda brasileira por muito tempo esteve ligada a uma indústria familiar e amadora. O processo de criação era incipiente, pois a cultura que predominava era a réplica de modelos existentes nas revistas especializadas de moda e de conceitos advindos do exterior. Na década de 70, Dener e Clodovil foram os costureiros mais famosos da alta costura, as revistas Guia Oficial da Moda Brasileira e Noticiário da Moda informavam as tendências mundias e os bureaux de moda apresentavam as novidades para a indústria. É nesse contexto que a formação em moda passa a ser requisitada, visando a profissionalização neste importante setor da economia do país (BISMARA, 2011).

Em 1980, surgem os cursos livres voltados para os profissionais do setor, oferecidos pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP e CEBRAFAM atual Universidade Anhembi Morunbi (BISMARA, 2011). Pires (2002, p. 2) esclarece que

no início da década de 80 as capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com a iniciativa do próprio setor e o apoio de algumas instituições de ensino, inauguraram os primeiros cursos profissionalizantes.

No ano de 1984, o Senai-Cetiqt lança o primeiro curso de criação de moda, em nível técnico. Em 1986, a UFMG inaugura um curso de extensão em criação de moda. No entanto, a disciplina de desenho de moda havia sido implantada em 1967 por Eugenie Jeanne Villien nos cursos de bacharelado e licenciatura em Desenho e Plástica da Faculdade Santa Marcelina (SP) (PIRES, 2002). Eugenie é considerada “a primeira pessoa que se preocupou com a criação do ensino na área acadêmica de moda no Brasil (POULS, 2010, p. 11).

Os cursos superiores só apareceram, em sua maioria, a partir da década de 80 e representam

um momento de aprendizado e evolução na cadeia têxtil brasileira e na área acadêmica. Foi também o início da luta para que a moda conquistasse respeito como área de conhecimento que estuda o comportamento humano e todos os conceitos de evolução social e antropológica. (BISMARA, 200, p. 26).

Antes desse período, as pessoas interessadas em estudar moda e aprender seus ofícios teriam que sair do país, sendo a França o lugar mais frequentado, por denotar tradição e escolas conceituadas. Os primeiros brasileiros a estudar em Paris foram: Rui Spohr (RS), em 1952, e José Gayegos (SP), em 1971. Até então, as pessoas que desempenhavam a função do design de moda eram pessoas leigas e autodidatas que aprenderam com a prática e exercício profissional (PIRES, 2002).

A cronologia da *moda na acadêmica* brasileira ocorre em quatro instâncias, primeiro surge a disciplina de criação de moda, em seguida aparece o curso de extensão, que depois se transforma em graduação. Com os cursos consolidados o enfoque passa a ser a pós-graduação, visando a formação de docentes (PIRES, 2002).

São poucos os estudos que abordam a epistemologia da campo da Moda no Brasil, tendo em vista o recente ingresso dessa disciplina no universo acadêmico. Nesse sentido, Pouls (2010, p. 7) afirma que “estudar moda em academias no Brasil é um fato recente”.

Ao analisar o surgimento dos cursos superiores no cenário nacional percebe-se que São Paulo é o berço da moda acadêmica, pois é nessa cidade que surgem os primeiros cursos de graduação e pós-graduação. É nesse contexto histórico e social que ocorrem as primeiras experiências integradoras entre a moda e a ciência, relação essa que possibilita a formação e qualificação dos primeiros profissionais e docentes. Pires (2002) e Marinho (2005) explicam que na década de 1990 a cidade de São Paulo já dispunha de três cursos consolidados, todos fundados por instituições privadas. Tais cursos foram ofertados pela Faculdade Santa Marcelina (1988), Universidade Anhembimorumbi (1990) e Universidade Paulista (1991).

Marinho (2005) aponta três fatores que justificariam o surgimento dos cursos citados. O primeiro fator relaciona a carência de profissionais com formação em moda para atuar no setor de confecção e têxtil. Portanto, o ensino superior em moda surge com a finalidade de respaldar as novas demandas mercadológicas e tecnológicas. É na década de 80

que se intensifica o treinamento e qualificação de uma mão de obra especializada. Com a crise da indústria têxtil ocorrida na década de 90 é requerido a atuação de um profissional capacitado, pois muitas empresas não estavam preparadas para lidar com a concorrência e padrões de qualidade internacional, intensificados com a abertura do mercado.

O segundo fator diz respeito a expansão da indústria cultural e a constituição de um mercado de bens simbólicos concentrados em São Paulo e Rio de Janeiro explicando o interesse pela moda. Devido a ascensão da classe média que passa a ser um segmento significativo no que tange ao seu poder de compra e consumo de informação, os padrões estéticos são alterados e recebem influências americanas e européias (MARINHO, 2005).

O terceiro fator está relacionado com a expansão do ensino superior privado na década de 80, muitas instituições de ensino tornam-se universidades e passam a oferecer uma gama maior de cursos. Portanto, interesses econômicos, transformações culturais, a globalização e a expansão de universidades privadas possibilitaram o surgimento dos cursos de moda (MARINHO, 2005).

Ao analisar a institucionalização dos cursos de moda em São Paulo, Marinho (2005) classifica-os como uma *carreira recentíssima*. Destacando que a implantação desses obedeceu as

estratégias mercadológicas das instituições particulares de ensino superior: diversificação da oferta de cursos, com o objetivo de aumentar a clientela, a partir da identificação de novas oportunidades de mercado, com pequenos investimentos em infra-estrutura. (MARINHO, 2005, p. 25-26).

A situação atual dos cursos de graduação em moda no Brasil, conforme dados do *E-mec*, é a seguinte: ao longo de quatro décadas foram criados 191 cursos tecnológicos, de licenciatura e bacharelado em moda. Desses 125 (65,44%) cursos são tecnológicos, 112 estão em atividade, 5 estão em extinção e 8 foram extintos. Em nível de bacharelado foram criados 65 (34,03%) cursos, 54 estão em atividade, 4 em extinção e 7 foram extintos. Em nível de licenciatura 1 (0,52%) curso que está em extinção. Ressalta-se que o levantamento foi realizado por meio de pesquisa avançada como as expressões *design de moda* e *moda*, garantindo uma recuperação de todos os cursos desse campo.

A quantidade expressiva de cursos tecnológicos pode representar

uma demanda por profissionais de cunho prático que atendam os interesses do mercado, essa tendência influenciou na construção de um perfil mais tecnicista no campo. No entanto, os cursos de bacharelado além de formar o profissional também permite que o aluno explore um viés mais teórico e opte pela carreira de ensino e pesquisa, endossando a dimensão social do campo.

No que se refere ao ensino superior em moda no país, Bismara (2011) acredita que a educação em moda atingiu a sua maioridade, resultado esse oriundo do esforço de todas as instituições que formam esses profissionais e promovem uma educação acadêmica mais sólida e conceitual. No estágio atual, o Brasil exporta criadores que atuam em marcas internacionais, assim como, sua própria moda. Em trabalho apresentado no Encontro Latino Americano de Desenho, Pouls (2010) descreve que o Brasil encontra-se entre os países com maior número de cursos de Design de Moda do mundo.

A quantidade de cursos de graduação e pós-graduação interfere no crescimento da comunidade científica, já que os cursos absorvem docentes e pesquisadores. Todavia, é a afinidade e o entrosamento entre os agentes do campo que reforça os grupos de pesquisas e, conseqüentemente, a própria comunidade. Segundo Whitley (1974) e Bunge (1989) tais elementos configuram a dimensão social (componentes sociais) e compõem as estruturas internas do campo.

Uma comunidade íntegra e coesa além de sustentar a estrutura do campo, é capaz de introduzir novos objetos de pesquisa, reinventar métodos, técnicas e soluções para seus problemas de pesquisa. As mudanças de paradigmas são destacadas por Kuhn (2009), um paradigma é o que rege um campo, quando ele deixa de responder a necessidades do campo, um novo paradigma emerge, esse período é caracterizado de ciência revolucionária, alterando a forma de fazer pesquisa e de se observar os fenômenos e objetos. Esse período de transição de paradigmas não ocorre de imediato, inicialmente a comunidade científica precisa reconhecer que o novo paradigma é fidedigno, caso contrário o antigo continuará vigente.

É prudente lembrar que o interesse da pesquisa concentra-se em dados de institucionalização científica, por isso será realizada, a seguir, uma descrição mais detalhada dos cursos de graduação em moda – *bacharelado* – existentes no Brasil em 2014. A literatura da área descreve que os dois primeiros cursos surgiram nos anos de 1988 e 1990, mas ao consultar os registros do E-mec, outras datas foram encontradas. Como recorte temporal para o início da análise da institucionalização adotou-se o ano de 1988.

Com base em dados levantados no e-mec ficou constatado que são 54 os cursos de graduação em nível de bacharelado, criados no período de 1974 a 2011 (quadro 2). Dos 54 cursos em nível de bacharelado em atividade, apenas 10 (18,51%) cursos são ofertados por instituições públicas (estaduais e federais), os demais 44 (81,48%) são ofertados por instituições privadas de ensino. Desde o surgimento dos primeiros cursos de moda evidencia-se essa tendência, isto é um interesse maior por parte do ensino privado na criação e manutenção desses cursos, como atesta Marinho (2005) e ficou evidenciado nos dados levantado nesta pesquisa. Na esfera pública, o primeiro curso de moda implantado ocorreu no ano de 1994 na Universidade Federal do Ceará. O ano de 2004 foi o que teve maior incidência quanto à criação de cursos, sendo que 7 cursos foram implementados nesse ano, e em 2007 foram abertos 5. Nos anos de 2002, 2003, 2005 e 2008 implantaram-se 4 cursos em cada ano.

Quadro 2 - Cursos de Graduação em Design de Moda - Bacharelado, em atividade - Brasil, 2014

<b>INSTITUIÇÕES DE ENSINO</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>ENSINO</b>
FACULDADE SANTA MARCELINA	FASM	1974 [1988]	Privado
FACULDADE PAULISTA DE ARTES	FPA	1982 [1990]	Privado
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI	UAM	1990	Privado
UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA	UVA	1994	Privado
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	UFC	1994	Federal
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	UFG	1996	Federal
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	UDESC	1996	Estadual
UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU	FURB	1997	Privado
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	UEL	1997	Estadual
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	UTP	1997	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA	CUML	1998	Privado

Continua

Continuação

<b>INSTITUIÇÕES DE ENSINO</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>ENSINO</b>
CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC	SENAC SP	1999	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ	UNICES UMAR	1999	Privado
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	UNIVALI	2000	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS	FMU	2000	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO	FEBASP	2001	Privado
FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITO SANTENSES	FAESA I	2001	Privado
UNIVERSIDADE FUMEC	FUMEC	2001	Privado
UNIVERSIDADE FEEVALE	FEEVAL E	2002	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO	UNIRP	2002	Privado
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	UEM	2002	Estadual
CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI	UNIASSE LVI	2002	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO - CATÓLICA DE SANTA CATARINA EM JARAGUÁ DO SUL	-	2003	Privado
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS	UEMG	2003	Estadual
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO	UNITRI	2003	Privado
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA	UNIVERSO	2003	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE	UNIFEBE	2004	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA	UMA	2004	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO	UNISAL	2004	Privado
FACULDADE METROPOLITANA DE GUARAMIRIM	FAMEG	2004	Privado
FACULDADE CIMO	FAC	2004	Privado

Continua

Continuação

<b>INSTITUIÇÕES DE ENSINO</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>ENSINO</b>
FACULDADE CIDADE DO SALVADOR	FCS	2004	Privado
FACULDADE DO VALE DO ITAJAÍ MIRIM	FAVIM	2004	Privado
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	USP	2005	Estadual
FACULDADE DE ARTE E DESIGN	FAD	2005	Privado
UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE	UNIPLA C	2005	Privado
FACULDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL	FADIRE	2005	Privado
UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA	UNIVAP	2006	Privado
FACULDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE	FAPEPE	2006	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA	IPA	2006	Privado
FACULDADE DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR PAULISTA	FAIP	2007	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS	UNIRITT ER	2007	Privado
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI	UAM	2007	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE	UNIAND RADE	2007	Privado
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA	UNAMA	2007	Privada
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE	UNINOR TE	2008	Privado
CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DE SÁ DE SANTA CATARINA	FESSC	2008	Privado
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ	UNESA	2008	Privado
FACULDADE DE ARTES PLÁSTICAS DA FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO	FAAP	2008	Privado

Continua



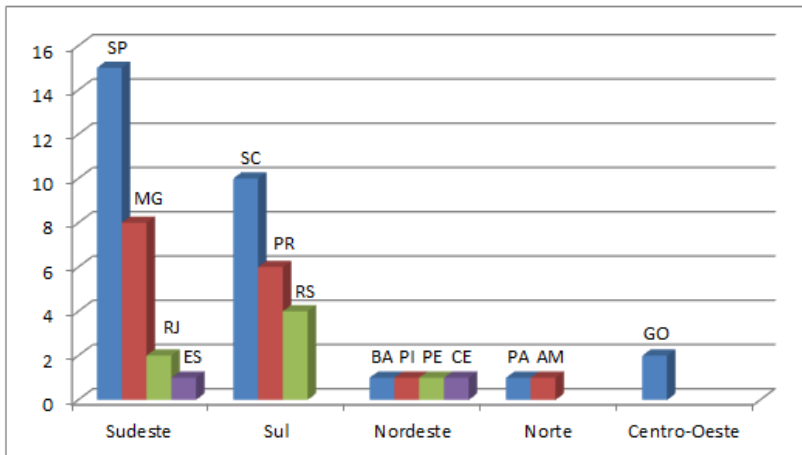
Continuação

<b>INSTITUIÇÕES DE ENSINO</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>ENSINO</b>
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	UFMG	2009	Federal
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	UFPI	2009	Federal
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ	PUC PR	2010	Privado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	UFJF	2011	Federal
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	UNISINOS	2011	Privado

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. e-Mec. Brasília ( 2014).

Como já apontado pela literatura, os estados que concentram o maior número de cursos estão localizados na região sudeste e sul, fato esse também constatado nesta pesquisa. O estado de São Paulo além de ser o pioneiro nesse tipo de curso, é também o que apresenta o maior número de instituições com 15 cursos (27,77%), na segunda posição está Santa Catarina com 10 cursos (18,51%), Minas Gerais na terceira posição apresenta 8 cursos (14,81%), Paraná possui 6 cursos (11,11%) e Rio Grande do Sul 4 cursos (7,40%). Esses estados possuem pólos de confecção e têxtil, ou seja, têm forte presença da indústria. No estado de São Paulo, ocorrem muitos eventos de moda, por exemplo a maior semana de moda do Brasil, o São Paulo Fashion Week – SPFW. Todos esses fatores estimulam a criação e manutenção de cursos nesse campo. No entanto, a região Norte e Centro-Oeste apresentam a menor representatividade de cursos de moda, esse indicador tem relação com o desenvolvimento e a vocação econômica da região. O gráfico 1 mostra os estados e o respectivos números de cursos.

Gráfico 1-Cursos de Graduação em Design de Moda - Bacharelado, por região e estado da federação - Brasil, 2014



Fonte: dados da pesquisa, 2014.

As cidades com maior número de curso bacharelado em Design de Moda são: São Paulo (9), Belo Horizonte (4), Curitiba (3), Porto Alegre (3), Brusque (2), Goiânia (2) e Rio de Janeiro (2). As demais 29 cidades contam com apenas 1 curso.

No que tange aos cursos em nível de pós-graduação no campo da Moda, o mestrado de *Moda Cultura e Arte* do Centro Universitário Senac – SP foi o primeiro mestrado específico em moda a existir no Brasil, entretanto, seu tempo de vida foi curto, a primeira turma ingressou no ano de 2005 e a última turma ingressou no ano de 2008, depois foi desativado (BONADIO, 2010). Esse foi o primeiro mestrado em moda da América Latina (PIRES, 2012). Igualmente, O Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi já foi composto por uma linha de pesquisa focada em moda, quando criado em 2006 a linha de pesquisa denominava-se “Design, Arte e Moda: Inter-Relações”. Apesar da linha de pesquisa estar atualmente desativada, um número significativo de pesquisas foram concluídas nesse programa (BONADIO, 2010).

Em 2011, a Universidade de São Paulo passou a oferecer o mestrado em *Têxtil e Moda*, atualmente o único no país voltado em seus objetivos para o campo da moda (BONADIO, 2010; PIRES, 2012). “O objetivo principal do programa é a formação de professores, pesquisadores e profissionais de alto nível capazes de atuar na área têxtil e da moda com propostas inovadoras e diversificadas”

(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014, p. 1). O corpo docente do programa é composto por 18 professores permanentes e 2 colaboradores.

No que se refere as linhas de pesquisa, o programa é formado por duas linhas de pesquisa *Materiais e Processos Têxteis e Projeto de Têxtil e Moda*. A linha *Projeto de Têxtil e Moda*, mais voltada para o interesse desta pesquisa, busca estudar técnicas e metodologias do processo criativo, a prática do projeto, a modelagem, a aplicação no projeto do perfil antropométrico dos consumidores de vestuários, a sociologia da moda, os acessórios, aplicação da usabilidade e conforto do vestuário. Engloba “investigações que resultem na criação e desenvolvimento de produtos relacionados ao têxtil e à moda, tais como as mais recentes aproximações da criação e da tecnologia”. Compõe essa linha os seguintes docentes: Antonio Takao Kanamaru Beatriz, Helena Fonseca Ferreira Pires, Cláudia Regina Garcia Vicentini, Francisco Javier, Sebastian Mendizabal Alvarez, José Jorge Boueri Filho, Luís Cláudio Portugal do Nascimento, Luiz Barco, Maria Sílvia Barros de Held, Suzana Avelar e Waldenyr Caldas. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014, p. 1).

O curso foi avaliado com conceito 3 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de Sociais e Humanidade - Interdisciplinar (CAPES, 2013). O programa está sediado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Destina-se “a graduados em várias áreas do ensino superior como engenharia, arquitetura, administração, moda, design, artes visuais, comunicação e outras formações do conhecimento relacionadas às áreas têxtil, vestuário e moda”. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014, p. 1),

É pertinente destacar algumas observações feitas pelo comite de área na avaliação trienal de 2013 (2011/2012) no que diz respeito ao referido programa. A primeira turma do mestrado em Têxtil e Moda ingressou em março de 2011 e as três primeiras defesas ocorreram em 2012. Os 20 professores vinculados ao programa apresentam formação em 14 diferentes áreas de conhecimento, apresentando coerência com a diretrizes interdisciplinares da área (CAPES, 2013). Nesse breve período, o comite considerou que

O Programa apresenta perspectiva de evolução favorável a partir do ingresso de alunos de diferentes partes do país e mesmo do exterior, especialmente da América Latina. Aponta convênios estabelecidos com instituições

nacionais e internacionais e circulação do corpo docente e até mesmo do discente. O Programa teve apenas 3 egressos, dos quais 2 são professores em instituições privadas e 1 já ingressou no doutorado. (CAPES, 2013, p. 1-2).

No segundo ano de atuação, o programa apresentou índice elevado de produção intelectual discente para os parâmetros da Área, no entanto, a publicação dos artigos se concentrou nos estratos: B1, B2, B3, B4 e B5. A “ maior produção discente está concentrada em publicações em anais de eventos” (CAPES, 2013, p. 3).

A produção intelectual dos docentes mostrou-se semelhante aos discentes, no qual “constata-se maior produção em trabalhos completos em anais de eventos” (Capes, 2013, p. 3). No que se refere a publicação de artigos, a distribuição se concentrou em estratos altos e medianos A1, B1, B2, 1B3, B4, B5. A recomendação da comissão de avaliação está direcionada para a produção docente, visando um melhor distribuição entre os pesquisadores e cumprimento dos índices da área (CAPES, 2013).

Além do programa citado, foram identificadas 2 linhas de pesquisa focadas na temática moda em diferentes programas. O Mestrado em Design da UNIRITTER apresenta a linha de pesquisa *Design, Moda e Inovação* e o Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF possui a linha *Arte, Moda: história e cultura*. Ambos os programas são recentes, o de Design foi criado em 2009 e o mestrado em Artes, Cultura e Linguagens em 2013, os referidos programas estão classificados com conceito 3 pela Capes.

Acredita-se que a institucionalização social tenderá a se fortalecer com a implantação de mais cursos de graduação em universidades públicas visto que essas têm mais vocação para o trabalho de pesquisa o que, conseqüentemente, implementará a criação de cursos de mestrado e doutorado nesse campo, visto que atualmente existe um programa de mestrado específico em moda no Brasil. A formação de pesquisadores fomentará a produção de conhecimento científico e incrementará os fluxos de informação entre a comunidade científica, reforçando assim a institucionalização social e, conseqüentemente, a cognitiva desse campo.

#### **4.1.2 Institucionalização social: os periódicos científicos do campo da Moda no Brasil**

Os periódicos científicos refletem a vivacidade da área e

conferem cientificidade ao campo. O campo da moda no Brasil apresenta três periódicos consolidados, são eles as revistas *Dobras*, *ModaPalavra E-periódico* e *Iara: revista de Moda, Cultura e Arte*.

No ano de 2007, a revista *Dobras* (ISSN 1982-0313) da editora Estação das Letras e Cores, mostra no seu perfil que a revista tem a intenção de trazer conhecimentos científicos e de caráter mais geral no campo da moda, abrigando colunas temáticas, artigos acadêmicos e entrevistas. Conforme suas editoras, Kathia Castilho Cunha (presidente Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda - ABEPEM) e Tula Fyskatoris (PUC-SP), a revista caracteriza-se como

inovadora na disseminação de estudos e reflexões construídos por profissionais e pesquisadores que articulam e analisam a contemporaneidade e privilegiam a compreensão da dimensão cultural, social e econômica do universo da moda. Tem por objetivo contribuir para a difusão e consolidação da cultura acadêmico-científica de moda no Brasil. (DOBRAS, 2014).

Kathia Castilho Cunha possui a seguinte formação: graduação em Ciências Sociais pela UNIBAN, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Atuou como docente no curso de moda e no programa de Pós-graduação em Design da UAM.

A revista tem comitê editorial formado por professores doutores de universidades brasileiras e estrangeiras, profissionais, pesquisadores e estudiosos com atuação nacional e internacional: Ana Claudia de Oliveira (PUC-SP), Ana Cristina Broega (UMinho), Ana Paula Cavalcanti Simioni (IEB-USP), Ana Paula de Miranda (UFPE), Andrea Semprini (IULM), Christine Greiner (PUC-SP), Denise Berruezo Portinari (PUC-RIO), Dorotéia Baduy Pires (UEL), Fausto Viana (ECA-USP), Giulia Ceriani (Universitá di Siena), Helena Katz (PUC-SP), Isabella Pezzini (Universidade La Sapienza), Joana Luisa Cunha (UMinho), Kathia Castilho (ABEPEM), Laura Novick (PUC-CHILE), Marcelo Machado Martins (UFRPE), Maria Claudia Bonadio (UFJF), Maria de Fátima Mattos (CUMML), Maria Gabriela Azevedo Alves Carneiro Gama (UMinho), Mirian Goldenberg (UFRJ), Mônica Moura (UNESP-BAURU), Nizia Villaça (ECO/UFRJ), Regina Root (William & Mary), Rita Andrade (UFG), Suzana Barreto Martins (UEL), Tarcisio D'Almeida (UFMG), Tula Fyskatoris (PUC-SP), Vitalina Alves de Lima (DOBRAS, 2014).

Atualmente, são 16 os números publicados dessa revista entre 2007 e 2014, sendo publicado em média 2 exemplares por ano. Destina-se aos “profissionais, pesquisadores, estudantes e interessados no conhecimento, estudo e pesquisa do universo da moda e design” (DOBRAS, 2014, p. 1).

A revista fornece algumas coordenadas aos autores sobre os artigos que poderão fazer parte de seus números, explicando da seguinte maneira:

O projeto editorial da dObra[s] abriga colunas temáticas, artigos acadêmicos e entrevistas. Aborda moda, design, arte e consumo e suas interfaces com múltiplas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Comunicação, a História, o Marketing, a Sociologia, entre outras. (DOBRAS, 2014, p. 1).

Após um ano do surgimento da revista Dobras são lançados mais dois títulos interessados em discutir e disseminar conhecimentos relativos ao campo da moda, ModaPalavra E-periódico e Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte.

No Brasil, as revistas científicas em que os cursos de pós-graduação veiculam suas publicações são qualificadas pela Capes e passam a fazer parte do sistema Qualis. Na definição desse órgão, “Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação.” (CAPES, 2014, p. 1). Apesar de concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação do país, a avaliação disponibiliza um indicador de qualidade para as revistas científicas. “A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização.” (CAPES, 2014, p. 1). Os estratos indicativos da qualidade no quais as revistas podem ser enquadradas são - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero e são atribuídos pelas diversas áreas de avaliação, assim um periódico pode receber diferentes conceitos dependendo da área em que for avaliado. Considerando que o único mestrado de moda pertence à área Interdisciplinar na avaliação da Capes, usaremos essa área como referencial para a classificação dos periódicos analisados nesta pesquisa. Os critérios de avaliação das revistas utilizados na área interdisciplinar são elencados no documento da área referente à avaliação trienal divulgada em 2013 e são:

i) classificação na área principal e secundária, onde a revista tem o escopo mais caracterizado, quando pertinentes e identificáveis; ii) média ponderada da avaliação em todas as áreas da CAPES (indicador Q); iii) fator de impacto no atual JCR normalizado e ponderado (indicador J\*); iv) normalização do fator de impacto; v) a atual classificação no SJR- SCImago; vi) presença na base SciELO; vii) presença na base SCOPUS; viii) número e importância de bases específicas; ix) pluralidade ou multidisciplinaridade do corpo editorial e das linhas editoriais (CAPES, 2013, p. 37).

Portanto, é segundo tais parâmetros que as revistas são julgadas e recebem o qualis. Para melhorar o conceito é necessário esforço por parte do corpo editorial visando atender ao máximo os critérios apresentados.

O periódico *Dobras* está classificado nesse âmbito como B4.

No editorial de 2008, número 1 da revista *ModaPalavra E-periódico* (ISSN 1982-615-x), sua editora demonstra a razão do seu surgimento, ao explicar que periódico é uma transformação do livro *ModaPalavra* (ISBN 85-7474-229-5) editado de 2002 a 2012 pelo Departamento de Moda da UDESC, o qual disseminava a produção científica dos seus docentes. Conforme descreve sua editora, nasce uma revista aberta “às contribuições das mais diferentes origens e mantendo a missão inicial de seu par, a de promover e difundir o conhecimento acadêmico, científico e consistente no campo.” (SANT’ANNA, 2008, p. 2). A revista visa

socializar ao mundo acadêmico e empresarial, através de trabalhos inéditos, as mais distintas investigações no âmbito do ensino, pesquisa e produção relacionadas à moda, entendida como campo de conhecimento e indissociável da sociedade contemporânea. (MODAPALAVRA, 2014, p. 2).

A editora da revista é Mara Rubia Sant’ Anna e possui a seguinte formação: graduação em História - Licenciatura e mestrado em História pela UFSC e doutorado em História pela UFRGS. Atualmente é docente do curso de moda da UDESC e do Programa de Pós-graduação em História. O Comitê editorial é formado por mestres e doutores: Claudia

de Oliveira (UCAM) Cláudia Schemes (FEEVALE), Dulce Maria Holanda Maciel (UDESC), Icléia Silveira (UDESC). Ivana Guilherme Simili (UEM), José Alfredo Beirão Filho (UDESC), Lilyan Guimarães Berlim (UVA), Lourdes Puls (UDESC), Rochelle Santos (UNIASSELVI/ASSEVIM) Sandra Regina Rech (UDESC), Silvia Helena Zanirato (USP). Tatiana Messer Rybalowski (PUC-RIO).

A revista, a partir do número 7, passa a ser organizada em torno de dossiês e artigo variados (variata), definidos dessa forma:

Os temas dos dossiês são definidos com um ano de antecedência e sua organização é confiada a especialistas que irão realizar o convite diretamente aos futuros autores. Para a seção variata todos interessados poderão enviar seus trabalhos, escritos em português e espanhol, sob a forma de artigos, entrevistas, resenhas de livros e ensaios de pesquisa em andamento. (MODAPALAVRA, 2014, p. 1).

No Qualis considerando a área de avaliação Interdisciplinar o periódico *ModaPalavra E-periódico* foi classificado como B4.

Neste mesmo ano foi criado o periódico *Iara: revista de moda, cultura e arte* (ISSN 1983-7836). Conforme relata sua primeira editora Profa. Dra. Maria Eduarda Araújo Guimarães, a revista é concebida pelo “Programa de Pós-graduação em Moda, Cultura e Arte do Centro Universitário Senac, bem como uma demonstração da importância da moda numa discussão sobre cultura contemporânea.” (BUENO, 2008, p. 1). A revista objetiva incentivar a produção e divulgação de artigos multidisciplinares, também “pretende refletir a grande diversidade teórica, bem como a metodológica, no campo da pesquisa em moda, cultura e arte, contemplando perspectivas das ciências humanas e das artes.” (IARA, 2014, p. 1).

A editora atual da revista continua sendo a Profa. Dra. Maria Eduarda Araújo Guimarães, graduada em Direito e Ciências Sociais pela PUC-SP, mestrado em Ciências Sociais pela PUC-SP e Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, atua no Centro Universitário Senac, de São Paulo. O comitê científico dessa revista é formado por doutores professores de universidades brasileiras e estrangeira e profissionais de entidades importantes no campo do exterior: Aldrin Moura Figueiredo (UFPA); Alexandre Bergamo (UFSC); Lilian Amaral Nunes (UNESP); Antônio Albino Canelas Rubim (UFBA); Ludmila Brandão (UFMT);



Christopher Breward (Victoria & Albert Museum); Maria Celeste Mira (PUC-SP); Edward de Alencar Castelo Branco (UFPI); Maria Cristina Volpi Nacif (UFRJ); Evelise Anicet Ruthschilling (UFRG); Maria Eunice Maciel (UFRG) Francesca Polese (Università Bocconi); Maria Lúcia Bueno (UFJF); Joanne Entwistle (London College of Fashion) Maria Luísa Malato da Rosa Borralho (Universidade do Porto); Kathia Castilho (BEPEN); Nizia Vilaça (UFRJ); Lars Fr. H. Svendsen (University of Bergen); Regina Root (Clémence Jouët-Pastré); Silvia Cristina de Souza Martins (UEL) e Andrea Saltzman (Universidad de Buenos Aires).

No Qualis considerando a área de avaliação Interdisciplinar o periódico *Iara* foi classificado como B4.

As funções que os cientistas assumem em uma revista científica caracterizam seu prestígio e denotam reconhecimento obtido por sua reputação no campo. Portanto, quando o pesquisador atua como editor ou integra o conselho editorial de alguma revista, ele está acumulando capital temporal (político), pois suas decisões embasam o que é será aceito ou rejeitado para publicação. Concepções inovadoras que contrapõem o pensamento dos pesquisadores dominantes podem ser boicotadas durante o processo de submissão (BOURDIEU, 1983).

Os periódicos científicos são o reflexo da institucionalização social do campo, pois atuam na delimitação das fronteiras entre as áreas e integram a identidade social e cognitiva do campo. Áreas institucionalizadas apresentam um número de periódicos suficiente que atendem as demandas do campo, sua periodicidade é regular e seus focos de interesses são claros, bem definidos. Já as áreas com baixo grau de institucionalização possuem poucos periódicos, com problemas de periodicidade e pouca nitidez, nesse caso torna-se difícil encontrar avaliadores, enfraquecendo a revista e tardando seu fluxo editorial (WHITLEY, 1975).

Os periódicos constituem o principal canal de comunicação na ciência e atuam como filtros de qualidade em todas as áreas do conhecimento. A revisão por pares é fundamental na manutenção do sistema científico (ZIMAN, 1979, MEADOWS, 1999, MUELLER, 2007, SAYÃO, 2010, RODRIGUES; OLIVEIRA, 2012).

Ziman (1979) e Guedón (2001) ressaltam o prestígio e a visibilidade que as publicações em periódicos proporcionam aos cientistas. Na comunidade científica os periódicos são classificados de acordo com conceitos de qualidade, portanto, eles representam uma marca. Se os manuscritos são aceitos e publicados por revistas conceituadas, isso denota que o trabalho do pesquisador é de nível igual

ou superior à revista. Para Ziman (1979), a criação de um novo título no campo indica o surgimento ou crescimento de uma disciplina.

Bunge (1989) defende a ideia de que as publicações periódicas devem alimentar o sistema científico nacional, permitindo que as revistas nacionais mantenham ou conquistem um nível de qualidade semelhante às revistas que compõem o sistema internacional. Se os pesquisadores publicarem somente em periódicos renomados e internacionais, dificilmente os periódicos menos qualificados e periféricos vão mudar sua realidade, o que inibe a submissão de artigos por pesquisadores eminentes.

Ao vincular os componentes da dimensão cognitiva (conceitual) presentes nos artigos científicos, os periódicos também estão fortalecendo o paradigma vigente do campo. Durante o período de ciência normal o paradigma é unanimemente aceito pela comunidade científica, Kuhn (2009) defende a tese que o conhecimento científico não é contínuo e cumulativo, mas descontínuo e baseado em saltos qualitativos. Santos (1978, p. 34) explica que “os saltos qualitativos tem lugar nos períodos de desenvolvimento da ciência em que são postos em causa e substituídos os princípios e conceitos básicos em que se funda a ciência até então produzida”.

#### **4.1.3 Institucionalização social: a associação de pesquisa em moda no Brasil**

O campo da Moda no Brasil tem uma associação de pesquisa atuante, a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda (ABEPEM) fundada em 2009. Sua fundadora foi Kathia Castilho Cunha e é sua atual presidente. Em seu currículo Lattes consta que é:

Graduada em Ciências Sociais com mestrado (1998) e doutorado (2003) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É fundadora e presidente da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda (ABEPEM) responsável pelo Colóquio de Moda [...], Fórum das Escolas de Moda [...], entre outros. Coordena o grupo de pesquisas: Moda, consumo e cidade no Centro de Pesquisas Sociosemióticas - PUC-SP. É vice-coordenadora do grupo de pesquisa ETHOS, COS-UFRJ. Leciona em diferentes instituições como professora convidada e possui experiência na área

de Artes, com ênfase em Moda, atuando principalmente nos seguintes temas: moda, design, comportamento, comunicação e cultura. Possui livros e artigos publicados. É editora responsável pela Editora Estação das Letras e Cores e revista dObras. (CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS, 2014, p. 1).

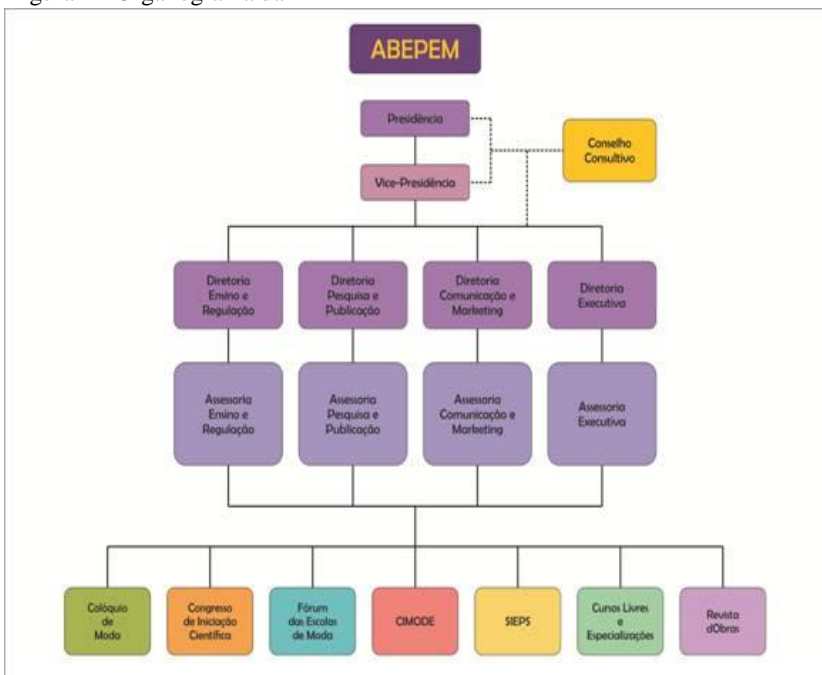
#### A ABEPEM é uma organização sem

fins econômicos, de caráter filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de atender a todos a que ela se associem, independentemente da classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor e crença religiosa. (ABEPEM, 2014, p. 1).

A estrutura organizacional da ABEPEM pode ser visualizada no organograma abaixo (figura 4). No organograma pode-se constatar a importância dessa associação para a institucionalização social e cognitiva do campo da moda no Brasil. A associação é responsável pela organização de grande parte dos eventos do campo, como: Colóquio de Moda (anual), Congresso de Iniciação Científica (anual), Fórum de Escolas de Moda (anual), CIMODE (bienal) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Moda (anual) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Consumo (anual). A existência dos eventos, em si, colabora com a institucionalização social no momento que criam um espaço de encontro e discussão das questões do campo e contribui com a institucionalização cognitiva na medida em que definem eixos temáticos e grupos de trabalho que são em tese norteadores da produção científica da área.

Os cargos ocupados pelos agentes nas associações e sociedades científicas denotam o capital temporal conquistado em virtude de seu prestígio e competência. Os detentores desse capital visam perpetuar e garantir suas posições na estrutura do campo uma vez que compactuam com hierarquia vigente e com suas relações de poder. Destaca-se que o capital temporal é convertido mais rapidamente do que o capital puro (BOURDIEU, 2004).

Figura 4 - Organograma da ABEPEM



Fonte: Colóquio de Moda (2015).

É importante destacar que antes da ABEPEM existir, já havia sido criada a Sociedade Brasileira de Estudos em Moda (SBEM).

Esta instituição foi criada a partir do I Fórum de Estudiosos em Moda, promovido e realizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina, em 1998. Nesta ocasião, realmente como um fórum de avaliação e proposição de novos rumos para as escolas de Moda e para os profissionais de moda, o evento se propôs congregar esforços para que as discussões em torno da normalização da profissão de estilista e suas proximidades com o Design fossem definidas. (SANT'ANNA, 2008).

Fizeram parte de sua primeira diretoria Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC), Maria Isabel Costa (UDESC), Cleusa Fornerolli (UEL) e outros. A referida sociedade de estudo funcionou até a terceira gestão por volta do ano de 2004, presidida por Kathia Castilho Cunha

(ABEPEM). Depois desse período a sociedade não teve continuação devido a problemas de ordem administrativa (SANT'ANNA, 2008).

As associações e sociedades científicas constituem as estruturas sociais do campo (WHITLEY 1974; BUNGE, 1989). São entidades jurídicas que congregam os cientistas, estipulam as diretrizes da área e estimulam os eventos/encontros científicos e profissionais. Áreas institucionalizadas apresentam associações e sociedades científicas atuantes e coesas, operando na organização interna do campo (WHITLEY, 1974).

#### **4.1.4 Institucionalização social: os eventos científicos em Moda no Brasil**

O campo dispõe de 8 reuniões/eventos científicos, esses passaram a ser organizados a partir do ano de 2005 (quadro 3). Tais elementos fazem parte da estrutura social e colaboram para conferir cientificidade à área. No que segue, mostram-se alguns dados pontuais sobre os principais e mais tradicionais eventos do campo. Tais reuniões científicas são o espaço propício para o fortalecimento da dimensão social e desenvolvimento da dimensão cognitiva.

Quadro 3 - Eventos científicos genuínos do campo da moda no Brasil, 2014

<b>EVENTO</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>N. ED.</b>	<b>ORGANIZADOR</b>
COLÓQUIO DE MODA	2005	10	ABEPEM
FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA	2006	9	ABEPEM
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CONSUMO	2011	3	ABEPEM
ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM MODA	2011	4	O EVENTO
CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN	2012	2	ABEPEM
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM FIGURINO	2012	3	ABEPEM
CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTIL E DE MODA	2013	2	ABTT/USP
CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DE MODA	2014	1	ABEPEM

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Como visto, os eventos científicos do campo da moda no Brasil são em grande parte de responsabilidade da ABEPPEM, tais como: Colóquio de Moda (anual), Congresso de Iniciação Científica (anual), Fórum de Escolas de Moda (anual), Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Moda (anual) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Consumo (anual) e CIMODE (bienal) (ABEPPEM, 2014).

O Colóquio de Moda realiza-se desde 2005, sediado cada ano em diferentes estados brasileiros em instituições de ensino reconhecidas pelo MEC. A ABEPPEM assumiu a responsabilidade pela promoção do evento desde 2010. (ABEPPEM, 2014). O evento tem por objetivo

reunir pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação que, no exercício livre do pensamento, possam contemplar e desvelar as várias formas de abordagem e questionamento sobre o campo, com o intuito de favorecer e motivar o debate acadêmico, fazendo ciência, construindo conhecimento e disseminando as pesquisas e os estudos realizados em âmbito nacional e internacional. (ABEPPEM, 2014, p. 1).

O Colóquio de Moda é o um evento já consolidado estando na sua 11ª edição que será realizada em Curitiba, neste ano de 2015. O colóquio é estruturado em 8 grandes eixos temáticos: Design; Educação; Cultura (história, sociologia, etc.); Comunicação; Marketing (consumo, marca, negócios); Processos Produtivos; Figurino e Sustentabilidade e possui 11 grupos de trabalhos: 1) Educação: teoria e prática em Moda com a coordenação da Profa. Dra. Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC/SC) e Profa. Dra. Maria de Fátima da S. Costa G. de Mattos (CUML/RP/SP); 02) Consumo de Moda com a coordenação da Profa. Dra. Ana Paula de Miranda (UFPE) e Profa. Olga Maria Coutinho Pépece (UEM); 03) Corpo, Moda, Comunicação com a coordenação da Profa. Dra. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) e Prof. Dr. Marcelo Machado Martins (UFRPE); 04) Design e Processos de Produção em Moda com a coordenação da Profa. Dra. Evelise Anicet Rüthschilling (UFRGS) e da Profa. Dra. Sandra Regina Rech (UDESC); 05) Design de Moda: teoria e crítica com a coordenação da Profa. Dra. Kathia Castilho (Abepem e PUC-SP) e da Profa. Dra. Mônica Moura (UNESP); 06) Moda, Cultura e Historicidade com a coordenação da Profa. Dra. Maria Claudia Bonadio (UFJF) e da Profa. Dra. Maria Cristina Volpi Nacif (UFRJ); 07) Moda e Mídia com a coordenação: Profa. Dra. Solange Wajnman (UNIP-SP) e da Profa. Dra. Daniela Maria Schmitz (URGS); 08) Moda

e Territórios de Existência: processos de criação e subjetivação com a coordenação da Profa. Dra. Cristiane Mesquita (UAM) e da Profa. Dra. Rosane Preciosa (UFJF); 09) Moda e Globalização com a coordenação da Profa. Dra. Maria Carolina Garcia (UAM) e da Profa. Dra. Sylvia Demetresco (Ecole Supérieure de Visual Merchandising, Vevey); 10) Moda, Sustentabilidade e Inclusão com a coordenação da Profa. Dra. Ana Mery Sehbe De Carli (UCS) e da Profa. Dra. Suzana Barreto Martins (UEL); e 11) Traje de Cena com a coordenação: Prof. Dr. Fausto Roberto Poço Viana (ECA-USP) e da Profa. Dra. Isabel Cristina Italiano (EACH-USP) (COLÓQUIO DE MODA, 2014).

O público alvo do evento é constituído por: “Docentes, Pesquisadores, Estudiosos, Pós-graduandos e Graduandos em Moda, Design, Artes, Administração, Comunicação, Sociologia, Antropologia, História e áreas afins e interessados em geral”. (ABEPEM, 2014, p.1).

O Fórum das Escolas de Moda, hoje denominado de Fórum Dorotéia Baduy Pires, acontece desde 2006, em jornada especial, junto ao calendário do Colóquio de Moda. Esse evento promovido pela ABEPEM é entendido como:

um espaço de troca e reflexão para o campo de ensino e estudo da moda, com a proposta de ampliar o conhecimento e o debate de temas de interesse da Academia no que diz respeito a pesquisa, fomento, currículo dos cursos, processos de autorização e avaliação dos cursos, avaliação discente [Enade], diretrizes curriculares, capacitação docente, organização curricular, mercado de trabalho, educação continuada em nível de Pós-Graduação, entre outros. (ABEPEM, 2014, p. 1).

O objetivo desse espaço é proporcionar uma aproximação entre “coordenadores e professores de instituições de ensino nacionais prioritariamente para que se conheçam as ofertas propostas, as singularidades regionais, discutam-se projetos e ensino e consolidem-se parcerias”. (ABEPEM, 2014, p.1). O evento destina-se aos docentes, coordenadores de cursos em IES nacionais ou internacionais, pesquisadores, estudiosos, pós-graduandos e graduandos em moda, design e área afins e interessados em geral (ABEPEM, 2014).

O Congresso Nacional de Iniciação Científica (IC) em Moda, evento promovido pela ABEPEM, é realizado em paralelo ao Colóquio de Moda, visando “oportunizar um espaço de apresentação, discussão e

visibilidade das pesquisas de alunos, professores e pesquisadores de moda e de áreas afins, em sessão única, com duração e data estabelecida para o evento” (COLÓQUIO DE MODA, 2014).

O Seminário Internacional de Estudos e Pesquisas (SIEP) em Figurino surgiu a partir da “consolidação de encontros e parcerias promovidos pelo Grupo de Trabalho (GT) Traje de Cena, atuante no Colóquio de Moda desde 2009 é coordenado pelo Prof. Dr. Fausto Viana e Profª. Dra. Adriana Vaz Ramos”. O principal objetivo do evento é:

discutir e refletir sobre a produção de trajes cênicos por meio de palestras, debates e mesas redondas com especialistas de diversas áreas da construção cênica, que abrange teatro, ópera, circo, carnaval, dança, TV e os diversos tipos de performance. (ABEPEM, 2014, p. 1).

O Seminário busca criar “um espaço de troca e reflexão para pesquisadores na área bem como grupos de pesquisas que se dedicam ao tema”. (ABEPEM, 2014,p.1). Seu público alvo é constituído por

Corpo docente das instituições de ensino que ministrem aulas ou orientem pesquisas em área afins. Coordenadores ou seus representantes das IES nacionais ou internacionais. Pesquisadores, Estudiosos, Pós-graduandos e Graduandos em Moda, Design, Comunicação, áreas afins e interessados em geral (ABEPEM, 2014, p.1).

O Seminário Internacional de Estudos e Pesquisas (SIEP) em Consumo é um evento iniciado em 2011, promovido ABEPEM, em parceria com o Instituto Merchandising Brasil (IMB). O evento destina-se ao

Corpo docente das instituições de ensino que ministrem aulas ou orientem pesquisas em área afins. Coordenadores ou seus representantes das IES nacionais ou internacionais. Pesquisadores, Estudiosos, Pós-graduandos e Graduandos em Moda, Design, Comunicação, áreas afins e interessados em geral. (ABEPEM, 2014, p. 1).

O evento realiza-se anualmente no primeiro semestre letivo de



cada ano e seus objetivos são:

Reunir Instituições de ensino e grupos/centros de pesquisa que desenvolvam investigações na área de consumo; realizar sistematicamente encontros itinerantes nas IES nacionais e internacionais que aloquem pesquisas sobre o consumo; publicar estudos atuais sobre o consumo que deem fundamentos para os cursos de graduação e pós-graduação bem como a possibilidade de diversificar as discussões na área. (ABEPEM, 2014, p. 1).

O Congresso Internacional de Moda e Design (CIMODE) teve sua primeira edição em 2012 e ocorreu na cidade de Guimarães, organizado pelo Departamento de Engenharia Têxtil da Universidade do Minho em conjunto com a ABEPEM. A segunda edição foi realizada em 2014 em Milão, organizada pelo Politécnico di Milano | School of Design em colaboração com o Departamento de Engenharia Têxtil da Universidade do Minho e a ABEPEM (CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN, 2014).

O CIMODE “é um evento de caráter científico que tem como principal compromisso contribuir para o desenvolvimento e a difusão científica dos estudos da Moda e do Design.” (BROEGA et al, 2012, p. 4). Na sua primeira edição teve cinco eixos temáticos, buscando um diálogo interdisciplinar entre as áreas, e ocorre a cada dois anos. Tais eixos foram organizados da seguinte forma: 1.Modas e Comunicação (Discursos da moda e imaginários; Discursos da moda e corpo; Retórica visual e semiótica da moda; A moda como comunicação; Comunicação estratégica da moda: processos e estratégias; Fotografia da moda: práticas e representações; Cinema e cultura da beleza; Revistas de moda: produção e consumo; Revistas de moda, poder simbólico e beleza; Revistas de moda, diferenças de gênero e poder social; Novas mídias e moda: criatividade e controle; Moda ética: estratégias de sustentabilidade e responsabilidade social; Moda e performance; e Moda e figurino nas artes e na mídia; 2.Modas, Identidades e Culturas: Cultura material e moda; História da moda; Moda, subculturas, estilos; Moda e espaços urbanos; Moda e culturas nacionais; Moda e globalização; Moda global, tradição e apropriação; Moda, práticas de consumo e vida quotidiana; Culturas da moda; Moda, tecnociência e vida quotidiana; Tecnociência, artes e moda; Usos da moda e culturas juvenis; e Moda e culturas do consumo; 3. Design de Produto (Processos inovadores;

Materiais e inovação; Técnica e tecnologia; Valor local numa dimensão global; Serviço, moda e inovação; Inovação e criatividade na moda; Design de moda e qualidade do produto; Design de moda e produção deslocalizada; Eco design/design sustentável; Matéria têxtil como valor da moda; e Customização; 4. Marketing e Consumo (Neuro marketing na moda; O mercado de moda no século XXI: ameaças e oportunidades; Branding; A comunicação das marcas no atual contexto de mercado; Tendências de mercado e tendências de moda: convergências e divergências; Visual merchandising; Comportamento do consumidor de moda; Cultura de moda e consumo; Estratégias de Marketing de moda; Varejo de moda; Inovação; Cenários futuros do mercado de moda; e Fashion branding); 5. Ensino e Educação (Experiências de ensino na moda; Moda, ensino e profissão; Design de moda e sistema de ensino; Metodologias de ensino no design; e Ferramentas e design de moda) (CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN, 2012).

O Encontro Nacional de Pesquisas em Moda (ENPModa) é fruto dos esforços empreendidos pelos professores do curso de Design de Moda da UFG, que realizam duas edições do Encontro Centro Oeste de Moda nos anos 2009 e 2010. Então em 2011 nasce o ENPModa, cujo propósito é

o de debater, convergir e divergir sobre ideias, pensamentos, reflexões, inquietações e análises do complexo fenômeno da moda em um evento científico de âmbito nacional e que envolve a comunidade que estuda a moda, assim como as suas conexões com outras áreas correlatas. (ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM MODA, 2014, p. 1).

Esse evento ocorre anualmente, tem como foco os cursos de graduação. Na sua 4ª edição teve quatro áreas temáticas, a saber: 1 - Trans, Multi E Interdisciplinaridade (Ações e projetos de ensino; Ações e projetos de pesquisa científica; Ações e projetos de extensão universitária; Processos inovadores na gestão acadêmica; Estrutura curricular; Processos criativos em Moda; e, Processos e fundamentos da área da Moda); 2 - Comunicação e Comportamento (Fotografia e vídeo de Moda; Ilustração e desenho de Moda; Moda e mídias digitais; Comunicação de Moda; Gestão de marcas de Moda; Tendências de Moda; Estética; Semiótica; Antropologia; e Estudos culturais); 3 - Cultura e Aparência (Historiografia e história da Moda e do vestuário; História dos têxteis e complementos; Estudos sobre cultura das

aparências; Relações entre arte e Moda; Figurino; e Moda e museu); Tecnologia e Sustentabilidade (Gestão de negócios em Moda; Gestão de processos produtivos na indústria de confecção; Tecnologia têxtil e meio ambiente; Consumo de Moda; Tecnologias da confecção e têxteis; Processos de produção em Moda; Ergonomia e usabilidade; Materiais e processos inovadores de fabricação; e Ecomoda (ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM MODA, 2014) .

O Congresso Científico Têxtil e de Moda (CONTEXMOD) é promovido pela Associação Brasileira de Técnicos Têxteis (ABTT) Que tem entre seus objetivos “promover o intercâmbio de ideias e experiências entre os seus associados e os demais profissionais têxteis de outros países, bem como com entidades congêneres nacionais e estrangeiras”. (CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTEL E DE MODA, 2014). Teve duas edições realizadas, a primeira em 2003 e a segunda em 2014 com três eixos temáticos: gestão de cadeia têxtil, ou de empresas têxteis de um modo geral;- tecnologia têxtil; - moda: produção teórica e prática sobre as relações entre Moda, Design, Cultura, Têxtil e Confecção contemplando: “tecnologias da confecção, sustentabilidade e moda, design de superfície, processos criativos para desenvolvimento de produtos, comunicação em moda, relações entre arte e moda, história da moda e dos tecidos”. (CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTEL E DE MODA, 2014, p. 1).

Antes do surgimento dos referidos eventos chegou a existir duas edições do *Fórum Nacional de Estudiosos em Moda*. A primeira edição ocorreu em 1998 na cidade de Florianópolis, sendo promovido pelos docentes do curso de Moda da UDESC. A segunda edição aconteceu no ano de 2000 na cidade de Caxias do Sul, sendo realizado nas dependências da UCS. O Evento era composto por palestras e mesas redondas, tinha como objetivo discutir o ensino de moda no Brasil. As ideias e discussões desse evento culminaram na criação da *Sociedade Brasileira de Estudos em Moda (SBEM)* e deram fôlego para o surgimento do *I Colóquio de Moda*, realizado em 2005 na cidade de Ribeirão Preto (SANT’ANNA, 2008).

Os eventos, seminários e conferências são locais propícios para os pesquisadores promoverem seus trabalhos e ampliarem suas redes de contato. Nesses ambientes também são percebidas as relações de força e interesses dos membros da comunidade. Os cientistas renomados tendem a usufruir da sua visibilidade e reconhecimento diante dos pares-concorrentes, o que reforça ainda mais seu prestígio e poder sobre o campo de domínio (ZIMAN, 1979). Essa dinâmica social potencializa a obtenção de capital científico que advém da competência reconhecida

pelos pares, na medida em que o cientista oferece acréscimos cognitivos significativos para a área (BOURDIEU, 1983).

Grande parte dos eventos de moda do país é promovida pela ABEPEN, então os dados levantados nesta pesquisa permitem inferir que essa associação tem papel crucial na institucionalização social desse campo, isto porque a organização de eventos e os grupos de trabalho permitem institucionalmente a organização social do campo, bem como colaboram com a institucionalização cognitiva quando elegem os focos e as temáticas de interesses dos eventos realizados.

#### **4.1.5 Institucionalização social: os grupos de pesquisa em moda no Brasil**

Ao identificar os grupos de pesquisa em moda no diretório do Cnpq, recuperou-se 42 grupos voltados para essa temática. Percebeu-se que os grupos apresentam distintas configurações temáticas, enquanto alguns tem a moda como objeto central de pesquisa, outros abordam a temática de forma periférica.

Desse conjunto, 19 (45,23%) grupos tinham no título o termo moda, enfocando assim, a concentração temática de interesse, já 14 (33,33%) grupos apresentavam linhas de pesquisa com o termo moda, e nove (21,42%) grupos apresentavam o termo nas palavras-chave e no texto informativo. Isso denota que nem todos os grupos possuem o mesmo nível de concentração no tema, o que diferencia seus interesses de pesquisa e suas abordagens.

Teoricamente, os grupos de pesquisa são compostos por pesquisadores de diversos níveis que trabalham em colaboração, visando o desenvolvimento de estudos. Nesses núcleos, o compartilhamento de informação, experiência e feedbacks podem ser intensificados. Na visão de Feres (2010, p. 47), “os grupos de pesquisa podem ser compreendidos como células nas quais um conjunto de pesquisadores se organiza em torno de um determinado tópico”.

Grupos sólidos e comprometidos atuam no fortalecimento da dimensão cognitiva, por meio de suas contribuições teóricas, metodológicas e conceituais. Ao mesmo tempo fazem parte da dimensão social, uma vez que compõem a estrutura interna do campo (WHITLEY, 1974).

Optou-se por apresentar os grupos de pesquisa que apresentaram um enfoque maior na temática moda, considerando aqueles que continham o termo moda em seu nome (quadro 4). Assim, desses descreve-se o vínculo institucional, o número de integrantes doutores e a

região precedente. Acredita-se que esses grupos são os responsáveis pelo desenvolvimento do campo.

Quadro 4 - Grupos de pesquisa em Moda no Brasil, 1988-2013

<b>Grupos</b>	<b>Instituição</b>	<b>Nº de Drs.</b>	<b>Região</b>
Tecnologias da moda e do têxtil: processos criativos para corpos do futuro	USP	8	SP
Arte, Design e Moda	UNICAMP	7	SP
Arte, Design e Moda	USP	6	SP
Moda, Comunicação e Cultura	UNIP	6	SP
Moda na Cadeia Têxtil	USP	2	SP
Moda, Imagem e Consumo	UAM	1	SP
Interfaces da Moda: saberes e discursos	UFJF	3	MG
Design de Moda & Tecnologia	UDESC	10	SC
Moda e sociedade	UDESC	5	SC
Laboratório de História, Moda e Território – LHIMTE	FURB	2	SC
Promoda	IFSC	1	SC
Design de Moda	UEL	2	PR
Arte, Moda e Design - Conexões Estéticas	UNIPAR	1	PR
Estudos Interdisciplinares em Moda	UTFPR	1	PR
Reflexões e projetos em design de moda	UTFPR	1	PR
PLURAL - Moda e Vestuário	UFRPE	7	PE
Grupo de Estudos de Consumo de Moda (G-COMO)	UFPE	4	PE
Laboratório de Pesquisas Transdisciplinares sobre Moda	UFPE	1	PE
Linguagens, mídia e moda (MIMO)	UFAM	1	AM

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Os grupos de pesquisa concentram-se nas regiões sul e sudeste, aspecto esse que tem relação com a consolidação dos cursos de graduação e pós-graduação dessas regiões decorrentes também do desenvolvimento social, cultural e econômico dessas regiões no país. Pires (2002) e Marinho (2005) já indicaram a tradição da região sul e sudeste na criação dos primeiros cursos de moda em nível superior, fato

esse comprovado com os dados desta pesquisa. Destaca-se que instituições de ensino superior estadual e federal abrigam 15 grupos de pesquisa, dos 19 grupos listados acima. Enquanto o ensino privado concentra seus esforços nos cursos de graduação, as instituições públicas de ensino abrigam os grupos de pesquisa do campo.

Observa-se que 4 instituições contam com mais de um grupo de pesquisa: *UDESC*, *UFTPR* e *UFPE* possuem 2 grupos de pesquisa, enquanto a *USP* apresenta 3 grupos. No entanto, os grupos que apresentam um maior número de pesquisadores doutores são: *Design de Moda & Tecnologia* – UDESC (10 pesquisadores), *Tecnologias da moda e do têxtil: processos criativos para corpos do futuro* – USP (8 pesquisadores), *PLURAL - Moda e Vestuário* – (7 pesquisadores) UFRPE e *Arte, Design e Moda* – UNICAMP (7 pesquisadores).

A quantidade de doutores nos grupos de pesquisa é um indicador da maturidade do campo. Em média, um pesquisador leva em torno de 10 anos para concluir seus estudos e obter todas as titulações, por isso as áreas emergentes apresentam uma porcentagem maior de pesquisadores mestres, tendo em vista o tempo requerido para a formação de doutores. Contudo, a institucionalização social do campo científico da moda advém da sua organização interna e do amadurecimento da dimensão cognitiva (WHITLEY, 1974). O entrelaçamento dos agentes da ciência, sejam eles as associações científicas, os grupos de pesquisa, os cursos de graduação e pós-graduação, as revistas científicas, eventos profissionais e acadêmicos são fundamentais para a existência e manutenção do campo. Bunge (1989) entende que tais componentes sociais são uma extensão dos componentes conceituais da ciência (teoria, hipóteses, métodos), fruto dos constructos científicos elaborados pelos cientistas. Cabe destacar que enquanto Bunge preocupa-se com a constituição do campo, Whitley (1974) aborda o grau de institucionalização com base na dimensão social e cognitiva. A dimensão cognitiva de Whitley (1974) é similar a noção de componentes conceituais de Bunge (1989), ambos os conceitos são básicos para a discussão da seção a seguir.

#### 4.2 INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DO CAMPO DA MODA E INDÍCIOS DE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA

Um dos indícios da institucionalização na ciência é o volume e a consistência da produção científica do campo. No entanto, para que haja produção de conhecimento é imprescindível a existência de uma

comunidade científica coesa que partilhe objetos de estudo e interesses de pesquisa comuns (KUHN, 2009). Além disso, o que congrega os pesquisadores é a necessidade de partilhar experiências e adquirir novos conhecimentos.

Tradicionalmente, as universidades e centros de pesquisa abrigam esses profissionais e possibilitam que as atividades de pesquisa desenvolvam-se (BUNGE, 1989). Nesse sentido, a colaboração entre os pesquisadores é um processo natural que se reflete a constituição de grupos de pesquisa e da própria comunidade científica.

A produção científica é representada por produtos gerados pelos pesquisadores. Nesta pesquisa, são entendidos como produtos de artigos científicos, livros, capítulos de livros e trabalhos publicados nos eventos e congressos científicos, orientações de dissertações e teses defendidas. Na ciência, a produção de conhecimento requer a disseminação dos resultados de pesquisa, permitindo visibilidade e reconhecimento aos cientistas e de suas produções (ZIMAN, 1970; MERTON, 2013).

A comunicação científica desempenha uma função elementar na ciência, pois suporta a lógica contínua e cíclica da divulgação dos novos resultados de pesquisas. Muitos são os formatos utilizados para a disseminação das informações, mas são dois canais de comunicação que embasam o sistema como um todo. A comunicação formal e a comunicação informal (ZIMAN, 1970; MEADOWS, 1999; MUELLER, 2007).

No entanto, cada especialidade de conhecimento tem características próprias que estão relacionadas ao seu nível de maturidade. Áreas emergentes vão dispor de um número menor de periódicos, eventos e programas de pós-graduação, em virtude do seu estágio de formação e consolidação (WHITLEY, 1974).

Observa-se que existe um estágio que antecede a institucionalização do campo, chamado de constituição, uma fase embrionária do campo. É nesse período que começam a surgir os cursos de graduação, a formação de grupos de pesquisa, primeiras reuniões científicas, criação de associações e surgimento de periódicos. Essa constituição não é imediata, ela ocorre conforme a organização do próprio campo e de seus agentes, e leva anos pra se concretizar. Forças externas podem influenciar positivamente ou negativamente, pois são advindas do mercado, do meio acadêmico ou do estado. As relações que se travam entre esses agentes pode acelerar ou retardar a composição do campo em desenvolvimento (WHITLEY, 1974; BUNGE, 1989; BOURDIEU, 1983). Com base nos mesmo autores, Feres (2010, p. 50) explica que

Para se constituir, uma ciência não necessita estar institucionalizada. Contudo, para se institucionalizar, a ciência deve estar constituída. Logo, o que se percebe é que a institucionalização representa a evolução da ciência que está constituída. A institucionalização opera com dois conceitos importantes: organização e reconhecimento de uma ciência constituída.

Assentadas as bases que vão reger o campo, tais como, as estruturas curriculares dos cursos, o perfil dos pesquisadores, identidade e atuação do profissional, tem-se início o processo de institucionalização. Uma vez que há um entendimento coletivo, um consenso visando a formação de profissonais e a geração de conhecimento específico na área.

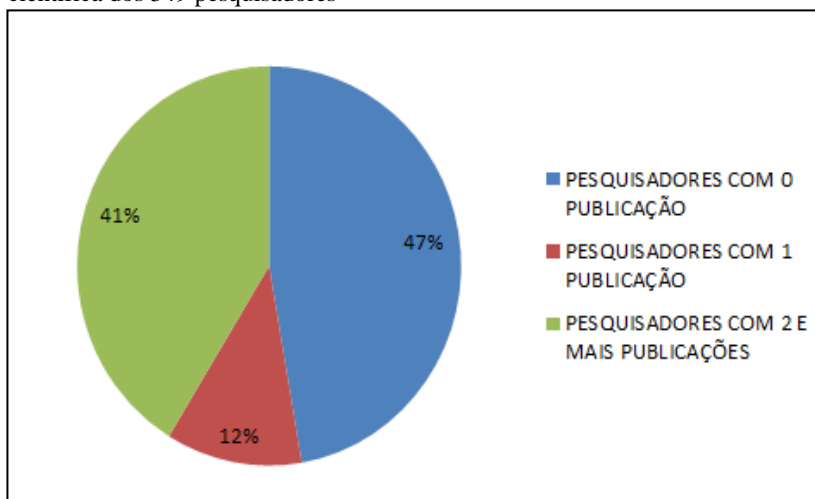
Partindo dessa noção de institucionalização, e das relações que se estabelecem entre os agentes da ciência e de seus constructos científicos, averigou-se o indícios de institucionalização do campo da moda no Brasil ao longo dos seus 26 anos de constituição.

De início são apresentados os dados gerais dos 349 pesquisadores, no que se refere a sua produção científica. O que permite perceber que existe uma disparidade do capital científico entre os pesquisadores analisados, levando assim, a uma análise mais refinada nos pesquisadores que apresentaram mais de uma publicação relacionada ao campo da Moda (gráfico 2).

Detectou-se que 165 (47%) pesquisadores não possuem publicações relacionadas a Moda, ou seja, quase 50% deles não tem relação efetiva com o campo. Outros, 40 (12%) pesquisadores apresentam apenas uma publicação, o que leva imaginar que são pesquisadores ingressantes no campo, ou que apenas transitam nele, publicaram alguma obra, mas o seu foco de pesquisa não se concentra na temática moda. A baixa representatividade temática levou a descartar esses 205 (58,73%) pesquisadores, restando assim 144 (41,26%) pesquisadores com mais de uma publicação. Nessa amostra, a análise foi aprofundada, já que se considerou nesta pesquisa que esses são os pesquisadores efetivos e atuantes no campo, responsáveis pelo adensamento e consistência do campo.



Gráfico 2 - Pesquisadores em moda no Brasil: distribuição da produção científica dos 349 pesquisadores



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Como esse indicador poderia ser também reflexo do sistema de recuperação do Currículo Lattes e da configuração dos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório do CNPq, recorreu-se a base de dados do currículo Lattes para recuperar o perfil de pesquisadores e detectar quais tinham relação efetiva com o campo. Visto que o sistema de recuperação de informação do Lattes recupera o termo moda em qualquer parte do currículo, embora exista campos de delimitação para a busca de dados, o fato do sistema não respeitar as delimitações indicadas gerou novamente algumas distorções na recuperação de dados nessa base. Assim, foi necessária uma verificação mais efetiva para comprovação da conexão ou não do pesquisador com o campo da moda. Com esses dados verificados e analisados, o que se pode inferir é que alguns grupos de pesquisa possuem em seu quadro pesquisadores de outras áreas que não necessariamente pesquisam/estudam a moda, mas por motivos institucionais são levados a se integrar e formar um grupo de pesquisa na instituição em que atuam. Esses pesquisadores integram os grupos e não necessariamente trabalham e produzem em conjunto com os membros do grupo, só fazem parte dele.

Para elucidar os demais dados constatados, são apresentados quadros com a estratificação numérica da produção científica dos 349 doutores analisados, dentre os anos de 1988 até 2013, com enfoque em quatro categorias, sendo elas: artigos científicos, livros, capítulos de

livro e trabalho completo publicado em evento.

Inicia-se com a categoria de artigos científicos, nos quais os 349 doutores produziram e publicaram um total de 4.310 artigos no intervalo de 26 anos, mas desse montante apenas 368 são relacionados ao campo da Moda (quadro 5). A concentração da publicação de artigos foi de 0 a 26 artigos por pesquisador, o que demonstra uma tímida produção científica, acompanhada por um maior número de pesquisadores improdutivos e de um pequeno número de pesquisadores com alta produção. Nesse cenário, 241 (69,05%) doutores não publicaram artigos, 44 (12,60%) publicaram apenas 1 artigo e 64 (18,33%) publicaram mais de 1 artigo.

368 artigos publicados em 26 de anos analisados, conforme dados levantados nesta pesquisa (quadro 5), representa a média de 0,45 artigos por ano, produzidos por 349 produtores, o que denota uma baixa produção de artigos publicados anualmente. O baixo número de publicações nesta modalidade pode ser motivado por vários fatores: campo de estudo e pesquisa emergente e não consolidado, número insuficiente de periódicos, uma vez que o campo possui somente 3 títulos especializados na temática; a periodicidade das revistas também é um influenciador, pois se as publicações ocorrem semestralmente o número de artigos publicados será inferior quando comparada com publicações trimestrais; enfim pode ser uma consequência de um campo ainda em processo de institucionalização científica.

A produção regular de artigos científicos reforça a institucionalização científica na medida em que são publicados os textos que passam pelo crivo do comitê de avaliação, aprovados em termos de conteúdo e forma, assim a dimensão cognitiva do campo vai sendo construída e consolidada. Os artigos publicados em periódicos, em tese, são relatos de pesquisa que contém os elementos conceituais da área. Campos cientificamente institucionalizados apresentam revistas bem organizadas e definidas em termos de escopo, temáticas e tipos de artigos aceitos, sendo possível ter precisão de quais são os interesses de pesquisas e as quais comunidades estão destinadas. Essas revistas respeitam sua periodicidade e contam com uma lista de avaliadores, sem apelar para o coleguismo na hora de avaliação (WHITLEY, 1975; BUNGE, 1989). Assim, os conteúdos das revistas são cruciais na construção da dimensão cognitiva do campo e reforçam o papel das revistas como expoentes de sua dimensão social.

Quadro 5 - Pesquisadores em moda no Brasil: produção de artigos científicos em moda, 1988-2013

<b>Nº DE PESQUISADORES</b>	<b>Nº DE ARTIGOS PUBLICADOS</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS</b>
241	0	0
44	1	44
18	2	36
14	3	42
9	4	36
3	5	15
4	6	24
6	7	42
1	8	8
3	9	27
1	10	10
1	11	11
1	12	12
1	17	17
1	18	18
1	26	26
<b>TOTAL DE PESQUISADORES</b> 349		<b>TOTAL DE ARTIGOS</b> 368

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No entanto, é preciso indicar que alguns campos têm por tradição e preferência publicar e consultar mais livros do que artigos, “nas humanidades, em certa medida, nas ciências sociais, os livros especializados são em geral um canal de difusão mais importante do que os periódicos” (MEADOWS, 1999, p. 16). Além disso, o autor lembra que o investimento de recursos aplicados em pesquisas determina o volume de publicações. Áreas com mais recursos apresentam maior número de periódicos, assim podem receber e publicar mais artigos.

Toda a produção científica vai endossar a dimensão cognitiva do campo, independente de ser composta por publicações em artigos, livros ou trabalhos de evento. A estrutura desses documentos é diferente, mas o conteúdo sempre estará apoiado em correntes teóricas, técnicas, instrumentos, objetos, problemas e soluções que são particulares do campo (WHITLEY, 1974; BUNGE, 1989).

Na categoria livros, os 349 pesquisadores publicaram um total de 1.158 títulos ao longo dos 26 anos (quadro 6), mas apenas 97 desses abordam a temática moda (quadro 6). A disparidade de publicação entre

os pesquisadores na categoria de livro é significativa, uma vez que 305 (87,39%) doutores não publicaram livros, 27 (7,73%) doutores publicaram apenas um livro cada, e 17 (4,87%) doutores publicaram mais de um livro. A concentração da produção de livros variou de 0 a 16. Demonstrando que poucos pesquisadores tem a preferência em divulgar seus resultados de pesquisas no formato de livros. Observou-se que a maioria dos pesquisadores (33) publicou de 1 a 2 livros, apenas 1 publicou mais de 10 livros. Cabe ressaltar que nesta pesquisa os livros foram considerados na sua totalidade, isto é, sem qualquer distinção entre livros didáticos e técnicos.

Quadro 6 - Pesquisadores em moda no Brasil: produção de livros em moda no Brasil, 1988-2013

<b>Nº DE PESQUISADORES</b>	<b>Nº DE LIVROS PUBLICADOS</b>	<b>TOTAL DE LIVROS</b>
305	0	0
27	1	27
6	2	12
5	3	15
3	4	12
1	6	6
1	9	9
1	16	16
<b>TOTAL DE PESQUISADORES 349</b>		<b>TOTAL DE LIVROS 97</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Dois fatores influenciam a publicação de livros no campo, o primeiro refere-se a recente academização do campo da moda, que inicia seu processo de constituição em 1988. O segundo diz respeito ao fato do sistema de avaliação científica apreciar a publicação de artigos, já que é o formato considerado o formato ideal para a ciência (ZIMAN, 1979).

O fato de haver uma bibliografia internacional em livros consolidada há mais tempo, o consumo desse tipo de material oriundos da bibliografia nacional fica em segundo plano, pois, os títulos mais tradicionais do campo são de pesquisadores internacionais e distribuídos por grandes editoras.

No que se refere à produção de capítulos de livros, o cenário é semelhante aos demais tipos de publicações já apresentadas. Os 349

pesquisadores publicaram 2.443 capítulos de livros ao longo dos 26 anos, mas apenas 333 trazem uma abordagem relacionada à moda (quadro 7). Nesse caso, 251 doutores (71,91%) não publicaram, 37 (10,60%) publicaram apenas 1 capítulo de livro e 61 (17,47%) pesquisadores publicaram mais de 1 capítulo. Apenas seis pesquisadores tiveram mais de 10 capítulos de livros publicados.

Quadro 7 - Pesquisadores em moda no Brasil: estratificação geral da produção de capítulos de livros em moda, 1988-2013

<b>Nº DE PESQUISADORES</b>	<b>Nº DE CAP. DE LIVROS PUBLICADOS</b>	<b>TOTAL DE CAP. DE LIVROS</b>
251	0	0
37	1	37
16	2	32
14	3	42
6	4	24
7	5	35
5	6	30
2	7	14
3	8	24
1	9	9
1	10	10
1	11	11
3	12	36
1	14	14
1	15	15
<b>TOTAL DE PESQUISADORES</b>		<b>TOTAL DE CAP. DE LIVROS</b>
349		333

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

É aceitável que exista um número maior de publicação de capítulos de livros, uma vez que esses podem ser compilações, reproduções ou novas versões de trabalhos já apresentados em congressos. Como também, percebe-se uma tradição do campo no que se refere à organização de coletâneas com a participação de diversos autores, no qual cada um escreve um capítulo.

A categoria de trabalhos em eventos foi a mais representativa. Os 349 doutores produziram 9.171 trabalhos em eventos, desse total, condizem com a temática moda 1.365 produzida ao longo dos 26 anos (quadro 8). A disparidade de produção nessa categoria também é expressiva, 191 (54,72%) doutores não publicaram, 35 (10,02%)

publicaram apenas 1 trabalho e 123 (35,24%) doutores publicaram mais de 2 trabalhos.

Quadro 8 - Pesquisadores em moda no Brasil: estratificação geral da produção de trabalhos completos sobre moda publicados em eventos, 1988-2013.

<b>Nº DE PESQUISADORES</b>	<b>Nº DE TRABALHO COMPLETO DE EVENTOS</b>	<b>TOTAL DE TRABALHO DE EVENTO</b>
191	0	0
35	1	35
20	2	40
13	3	39
12	4	48
6	5	30
5	6	30
6	7	42
5	8	40
8	9	72
4	10	40
4	11	44
9	12	108
6	14	84
3	15	45
1	16	16
3	17	51
1	18	18
1	20	20
1	21	21
3	23	69
1	24	24
3	25	75
1	28	28
1	31	31
1	34	34
1	41	41
1	42	42
1	49	49
1	51	51
1	98	98
<b>TOTAL DE PESQUISADORES</b>		<b>TOTAL DE TRABALHO DE EVENTOS</b>
349		1365

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

A concentração da produção de trabalhos em evento varia de 0 a 98, sendo que somente 1 pesquisador publicou 98 trabalhos em eventos e 4 pesquisadores publicaram mais de 40 trabalhos. Tais pesquisadores caracterizam-se como os detentores do capital científico do campo, possíveis influenciadores de tendências de pesquisa no campo.

A preferência por publicações em eventos pode ser motivada por muitos fatores. Os comitês editoriais dos eventos são mais flexíveis e abertos a novidades, visto que por meio da apresentação oral, o pesquisador consegue destacar aspectos importantes da pesquisa durante a exposição dos seus resultados, dirimir suas dúvidas e possivelmente receber feedbacks dos pares. Essa relação social, de conversa face a face e trocas informacionais é tão importante quanto à leitura de livros e artigos (MEADOWS, 1999).

Merton (2013), Ziman (1979) e Bunge (1998) partilham essa noção de interação e das trocas de experiências entre os cientistas, pois não existem pesquisadores e pesquisas isolados, é necessário se reportar a outras pesquisas já desenvolvidas e apreender com os pares.

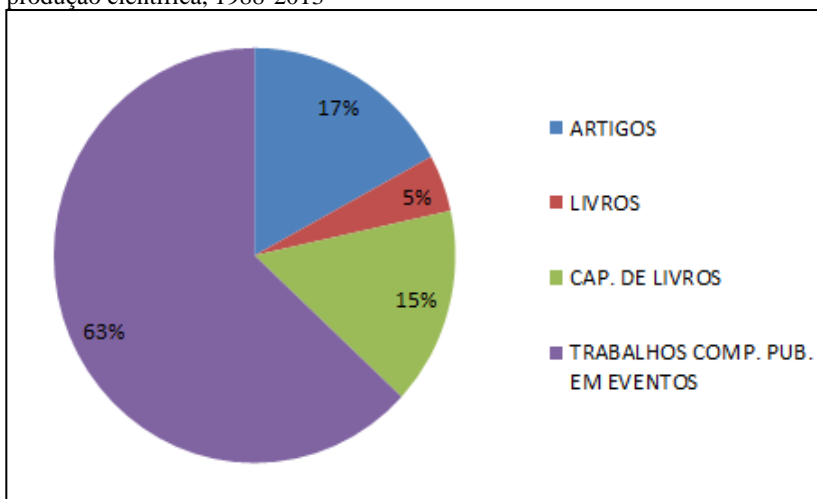
A partir dos dados expostos, três aspectos são reafirmados. Primeiro que os 349 doutores recuperados não apresentam a mesma dedicação a essa temática de pesquisa. Essa afirmação embasa-se entre a disparidade de publicações gerais produzidas quando comparada as publicações relativas ao campo da moda, o que levou a desconsiderar 165 (47%) pesquisadores que não apresentaram nenhum vínculo estreito com o campo, ou seja, zeraram em número de publicações de moda. Da mesma maneira, 40 (11%) pesquisadores foram desconsiderados por apresentar apenas 1 publicação, fato que os deixou na categoria de novatos no campo nesta pesquisa e, por enquanto, com pouca contribuição efetiva ao campo. Dessa maneira, percebe-se a existência de um grupo de 144 (42%) pesquisadores dedicados à temática, nos quais as publicações denotam que suas práticas de pesquisas são focadas e constantes no campo da moda. Esse grupo caracteriza-se como a comunidade científica do campo da moda. Conforme Ziman (1979, p.157), a comunidade científica é formada por “todos os que estudaram e se especializaram no ramo”. Essa familiaridade cognitiva permite uma sincronia nas atividades de pesquisa, no qual existe um esclarecimento dos objetivos e interesses do campo. No que se refere às comunidades científicas, Kuhn (2009), vai além dessa noção, e explica que a comunidade é constituída pelos praticantes de uma mesma especialidade, na qual foram submetidos a uma formação semelhante, absorvendo as mesmas teorias e objetos de estudo. Uma comunidade

científica é constituída por cientistas que partilham um paradigma.

Com base nos 349 pesquisadores, durante esses 26 anos analisados o campo contabilizou 2.162 produções científicas relacionadas à Moda. Dessas, 1.365 (63%) são trabalhos completos apresentados em eventos, 368 (17%) são artigos científicos, 333 (15%) são capítulos de livros e 97 livros (5%). Mesmo com as tipologias da comunicação formal (artigo, livro, capítulo de livro) agrupadas observa-se que a comunicação semiformal (trabalhos de evento) continua com a preferência dos pesquisadores do campo.

De acordo com essas concepções e com as características dos pesquisadores, no que tange as suas produções científicas em moda, identificou-se a existência de uma pequena comunidade científica ativa que privilegia a comunicação semiformal (CHRISTOVÃO, 1979). Esse tipo de comunicação prevalece no campo, pois os trabalhos completos publicados em eventos apresentam maior volume se comparado com demais canais formais analisados. A distribuição da produção científica de acordo com a tipologia documental é especificada a seguir no gráfico 3.

Gráfico 3 - Pesquisadores do campo da moda no Brasil: tipologia documental da produção científica, 1988-2013



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Há que se destacar que em um primeiro momento as apresentações de trabalhos em reuniões científicas são caracterizadas como comunicação informal, mas a partir do momento que se editam os



anais dos eventos passam a se caracterizar como comunicação semiformal. Meadows (1999, p. 14) atesta que a comunicação informal é efêmera, “por sua própria natureza, logo se perde, porém os livros e revistas que constituem os canais formais de comunicação são duradouros e se acumulariam linearmente com o passar do tempo”. Os anais de eventos são publicados com tiragens limitadas e, como isso, tem sua distribuição restrita aos participantes do evento, dificultando a ampla disseminação como ocorre nos canais formais de comunicação científica. Atualmente, os anais passaram a ser disponibilizados *online* na Internet, ainda assim essa é uma condição efêmera, não há garantia de sua disponibilidade nessa rede por um longo período de tempo. Cabe registrar que as características de comunicação na ciência são peculiares a cada área de conhecimento.

O terceiro aspecto destacado é a distribuição desigual do capital científico no campo. Existindo um pequeno grupo de pesquisadores com alta produção científica e um elevado número de pesquisadores com baixa produção. A literatura reforça esse indício, pois estudos sobre a produtividade de pesquisadores já sugeriam que nas áreas temáticas um grupo pequeno de pessoas domina o conhecimento produzido no campo (MEADOWS, 1999).

Essa questão será mais detalhada nos próximos tópicos, elencado os pesquisadores mais produtivos em cada categoria, seguido das revistas, editoras e eventos mais relevantes do campo. A distribuição temporal da produção científica também é analisada, tornando visível o momento mais produtivo do campo. A partir de então o foco da análise é a comunidade de pesquisadores formada por 144 doutores que apresentaram mais de uma publicação.

#### 4.3 INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Nesta seção, são apresentados os pesquisadores mais produtivos na categoria de artigos científicos (gráfico 4). Os 144 pesquisadores juntos publicaram um total de 359 artigos, mas 20% (32) deles são responsáveis pela produção de 68,52% (246) dos artigos publicados. Os demais 112 pesquisadores contribuíram com 31,47% (113) da publicação periódica, com uma concentração de 3 a 0 artigos. Tal indicador corrobora com a teoria de Lotka, ao indicar que poucos cientistas produzem muito e muitos cientistas produzem pouco (MERTON, 2013).

As três pesquisadoras mais produtivas estão vinculadas ao curso

de graduação em Design de Moda da UDESC, e participam também de grupos de pesquisa na mesma instituição e externos. Sandra Regina Rech e Icléia Silveira participam do grupo *Design de Moda & Tecnologia - UDESC*, já Mara Rúbia Sant'Anna integra os grupos *Moda e Sociedade – UDESC e Arte, Design e Moda – UNICAMP*. Das 3 autoras mais produtivas, a pesquisadora Mara Rúbia Sant'Anna é a única que participa de programa de pós-graduação, atuando no Mestrado e Doutorado em História da UDESC. Além dessas, mais 5 pesquisadoras apresentadas são docentes do curso de Design de Moda da UDESC, são elas: Dulce Maria Holanda Maciel, Lourdes Maria Puls, Monique Vandresen, Maria Izabel Costa e Neide Köhler Schulte, denotando assim um perfil docente focado nas atividades de pesquisa (gráfico 4). Esse indicador está relacionado com o fato do departamento de Moda possuir um periódico científico, o *ModaPalavra E-periódico*. O Centro de Artes (CEART) no qual as pesquisadoras estão vinculadas também edita o periódico *Dapesquisa*, estimulando assim, a publicação de pesquisas realizadas pelos cursos pertencentes a esse centro de ensino.

É importante frisar que os pesquisadores vinculados às universidades públicas apresentam condição propícia para dedicação a pesquisa, uma vez que em sua jornada de trabalho tem previsão de horas voltados para essa atividade. Docentes de universidades privadas não dispõe da mesma condição, muitas vezes trabalham em diferentes instituições, sobrando pouco tempo para as atividades de pesquisa.

Os pesquisadores mais produtivos são caracterizados como agentes dominantes, pois acumulam mais capital científico (puro) e influenciam assim as estruturas do campo. Os agentes dominantes decidem quais serão os temas, objetos e teorias mais relevantes para a área e em que canais devem ser feita as publicações. Eles empregam estratégias para manter suas posições na estrutura do campo (BOURDIEU, 1983, 2004).

Em relação à acumulação de capital científico Menezes, Oddone e Café (2012, p. 3) relatam que:

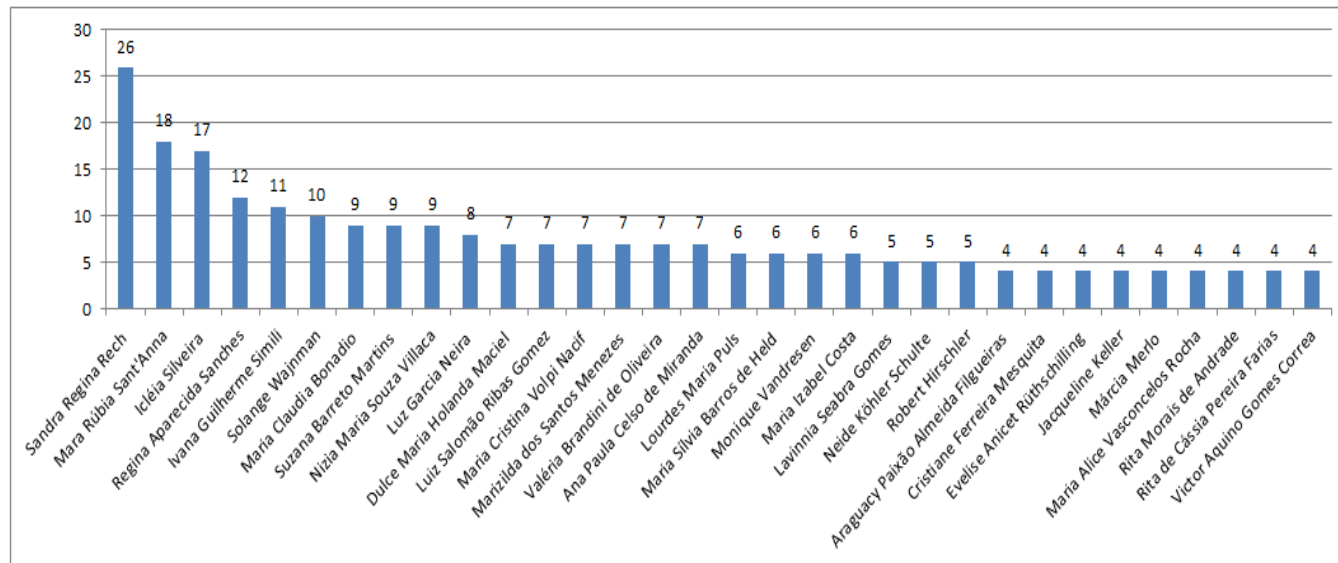
Aos agentes que mais acumularam capital científico através do trabalho de produção e reprodução do campo será facultada uma maior competência científica, o que habilita agir e falar legitimamente, de maneira autorizada e com autoridade no campo.

Na perspectiva de Merton (2013), a distribuição da produção

científica reflete o chamado efeito Mateus, no qual os mais produtivos tendem a publicar mais, uma vez que já possuem mais reconhecimento e condições para produzir e publicar. Em tese tais pesquisadores conquistam mais investimentos para a pesquisa, são mais citados pela comunidade científica e treinam seus sucessores.

Uma elite de pesquisadores produtivos é responsável pelo desenvolvimento cognitivo do campo, pois é na literatura que esses elementos são expressos, tais como: teorias, conceitos, técnicas, modelos, objetos de estudo e a capacidade para solução dos problemas. O desenvolvimento cognitivo vai refletir no grau de institucionalização, que por sua vez representa a coerência intelectual e padronização das ações e significados (WHITLEY, 1975).

Gráfico 4 - Pesquisadores mais produtivos: artigos científicos, 1988-2013



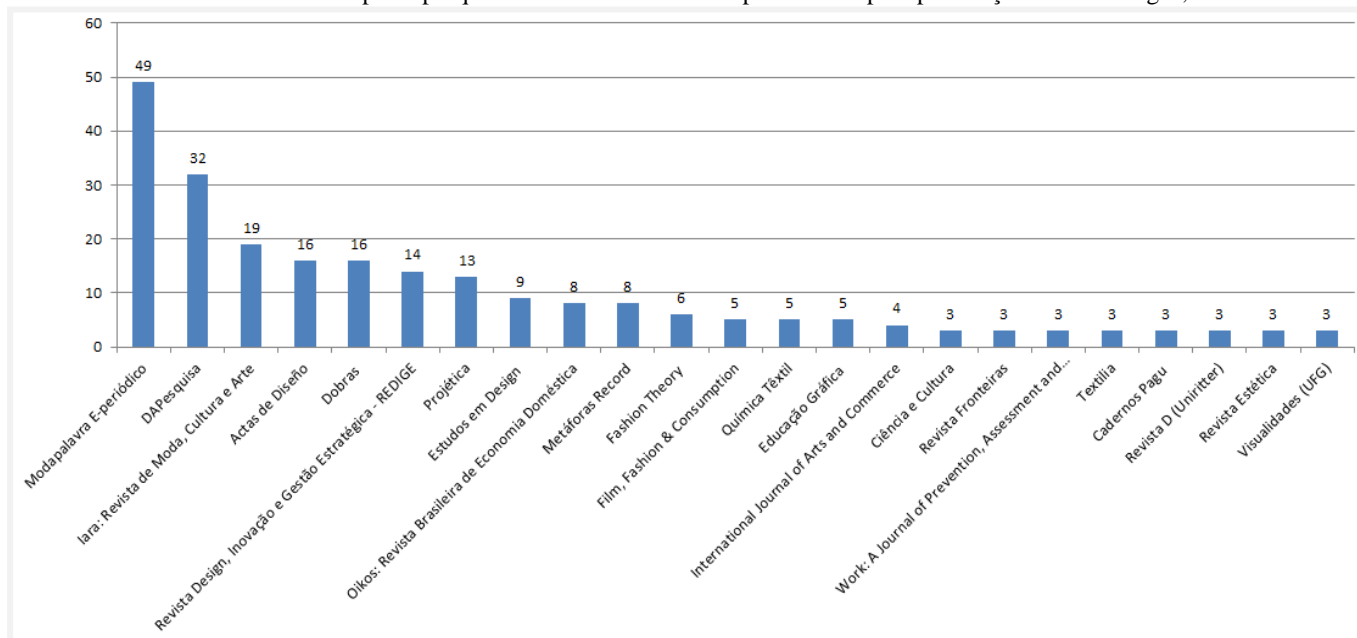
Fonte: Dados da pesquisa (2014).

A seguir, são apresentados os periódicos mais relevantes do campo, considerando a demanda de publicações com base nos dados de produtividade dos autores (gráfico 5). Os 359 artigos produzidos pelos 144 pesquisadores foram publicados em 114 periódicos científicos, desconsiderando os artigos escritos em coautorias entre os pesquisadores da amostra ficam 335 artigos. Os 23 títulos apresentados compõem o primeiro e segundo quartil de Bradford (gráfico 5). O primeiro quartil é composto pelos 4 primeiros títulos com maior incidência de publicação, sendo responsável pela publicação de 116 (34,62%) artigos. O segundo quartil é composto pelos demais 19 títulos que publicaram 117 (34,92%) artigos. O terceiro quartil apresenta 91 periódicos que publicaram 102 (30,44%) artigos.

As revistas identificadas com maior incidência de artigos publicados são: *ModaPalavra E-periódico* (UDESC), *DAPesquisa* (UDESC), *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte* (SENAC/SP), *Actas de Diseño* (UP) e *Dobras* (Estação das Letras e Cores). No entanto, três periódicos podem ser considerados como genuínos do campo, devido aos seus objetivos e focos que apresentam, são eles: a revista *ModaPalavra E-periódico*, *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte* e a revista e *Dobras*.

Apesar dos periódicos *DAPesquisa* e *Actas do Diseño* terem publicado um número expressivo de artigos relacionados ao campo da Moda, o foco desses é mais genérico. Mais adiante, são apresentadas as características institucionais dos periódicos que publicaram mais de 8 artigos, permitindo assim visualizar o seu perfil.

Gráfico 5 - Revistas mais usadas pelos pesquisadores do Brasil no campo da moda para publicação de seus artigos, 1988-2013.



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Depois de identificar os pesquisadores dominantes e as revistas mais presentes no campo, o próximo aspecto analisado é o perfil dos periódicos que publicaram mais de 8 artigos, sendo que das 23 revistas apresentadas anteriormente, apenas 8 apresentaram esse índice. Nos quadros 9 e 10 são realizadas as características de cada título.

Quadro 9 - Características institucionais das revistas mais produtivas, 1988-2013

<b>TÍTULO</b>	<b>PAÍS</b>	<b>EDITORA</b>	<b>DATA DE CRIAÇÃO</b>	<b>ACESSO</b>	<b>IDIOMA</b>
ModaPalava e-periódico	Brasil	Udesc	2008	Aberto	Pt
Dapesquisa	Brasil	Udesc	2003	Aberto	Pt
Iara: Moda, Cultura e Arte	Brasil	Senac SP	2008	Aberto	Pt, Sp, In, Fr
Actas de Deseño	Argentina	Universidad e de Palermo	2006	Aberto	Pt, Sp, In
Dobras	Brasil	Estação das Letras e Cores	2007	Restrito	Pt, In
Projética	Brasil	Uel	2010	Aberto	Pt, Sp, In
REDIGE	Brasil	Senai Cetiqt	2010	Aberto	Pt, In
Estudos em Design	Brasil	Ass Estudos em Design	1993	Aberto	Pt

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Quadro 10 - Características técnicas das revistas mais produtivas, 1988-2013.

TÍTULO	PERIODICIDADE	QUALIS INTERDISCIPLINAR	PLATAFORMA	INDEXADO
ModaPalava e-periódico	Semestral	B4	Própria/OJS	Portal de periódicos UDESC
Dapesquisa	Semestral	B4	Própria/OJS	Portal de periódicos UDESC
Iara: Moda, Cultura e Arte	Semestral	B4	Própria	Latindex \ Livre
Actas de Diseño	Semestral	B2	Própria	Latindex
Dobras	Semestral	B4	Própria	Não indexada
Projética	Semestral	B5	OJS	Latindex \ Portal de Periódicos UEL
REDIGE	Quadrimestral	B3	OJS	Não indexada
Estudos em Design	Semestral	B1	Própria/OJS	Latindex / DOAJ

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Dos oito títulos descritos, apenas a revista *Dobras* é de acesso restrito, as demais adotam a política de acesso aberto. As revistas *ModaPalava e-periódico*, *Dapesquisa* e *Projética* são editadas por universidade públicas, o que denota a responsabilidade e vocação desse tipo de instituição de ensino superior público no processo de construção e disseminação do conhecimento científico. No entanto, existem revistas que contam também com apoio de associações e de editoras comerciais tais como a revista *Estudos em Design* e *Dobras*. Percebe-se que os periódicos apresentam um curto tempo de existência, com exceção da revista *Estudos em Design* que foi criada na década de 90, as demais surgem em sua maioria depois do ano de 2005. O idioma adotado pelas publicações é o português, no entanto, algumas revistas aceitam artigos nos idiomas Inglês, Espanhol e Francês.

Com exceção da revista *Actas do Diseño*, editada na Argentina, todos os demais títulos são nacionais. Em quase sua totalidade, a periodicidade das revistas é semestral, a única revista com publicação quadrimestral é a *REDIGE*. As revistas que não utilizam plataforma OJS/SEER em seu sistema editorial possuem plataforma própria, no entanto, verificou-se que em alguns casos as revistas estão em ambas às



plataformas. O principal indexador é o Latindex, seguido dos portais de periódicos das universidades, do Livre e Doaj. A classificação das revistas encontra-se entre os estratos B1 a B5, na área de avaliação Interdisciplinar, tendo em vista que o único mestrado desse campo está vinculado nessa área, conforme já relatado nesta pesquisa. A revista que recebeu avaliação mais positiva foi a *Estudos em Design* classificada como pertencente ao estrato B1.

No que se refere à dispersão da produção dos artigos, apresenta-se uma estratificação anual com o número de artigos publicados (quadro 11). É possível perceber que até o ano de 2000 a publicação de artigos era tímida. No entanto, o crescimento de publicações começou a ocorrer a partir de 2001 e está relacionado com a popularização e expansão dos cursos de graduação em moda, como visto nos dados levantados nesta pesquisa. Após o ano de 2007 ocorre um crescimento de publicações, esse fato pode ser vinculado ao surgimento das revistas do campo, ou seja, revistas especializadas em moda. Destacam-se três títulos, a revista *Dobras* (2007), *ModaPalavra* (2008) e *Iara: Moda, Cultura e arte e Dobras* (2008).

Apesar de existir pouca exploração e divulgação da produção de conhecimento por parte dos cursos de graduação de moda, desde o surgimento do primeiro curso até os dias de hoje ocorreu um aumento de interesse na elaboração de trabalhos científicos com essa temática. Refletindo assim o surgimento de periódicos científicos e o interesse das editoras em publicar livros relacionados à moda (CARLI, 2011).

Quadro 11 - Pesquisadores do campo da moda no Brasil: dispersão temporal da produção de artigos científicos, 1988-2013

ANO DE PUBLICAÇÃO	Nº DE ARTIGOS PUBLICADOS
1988	2
1994	1
1995	1
1996	2
1998	2
2000	1
2001	5
2002	8
2003	6
2004	8
2005	6
2006	11
2007	21
2008	28
2009	49
2010	45
2011	34
2012	40
2013	65
<b>TOTAL DE ARTIGOS</b>	<b>335</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

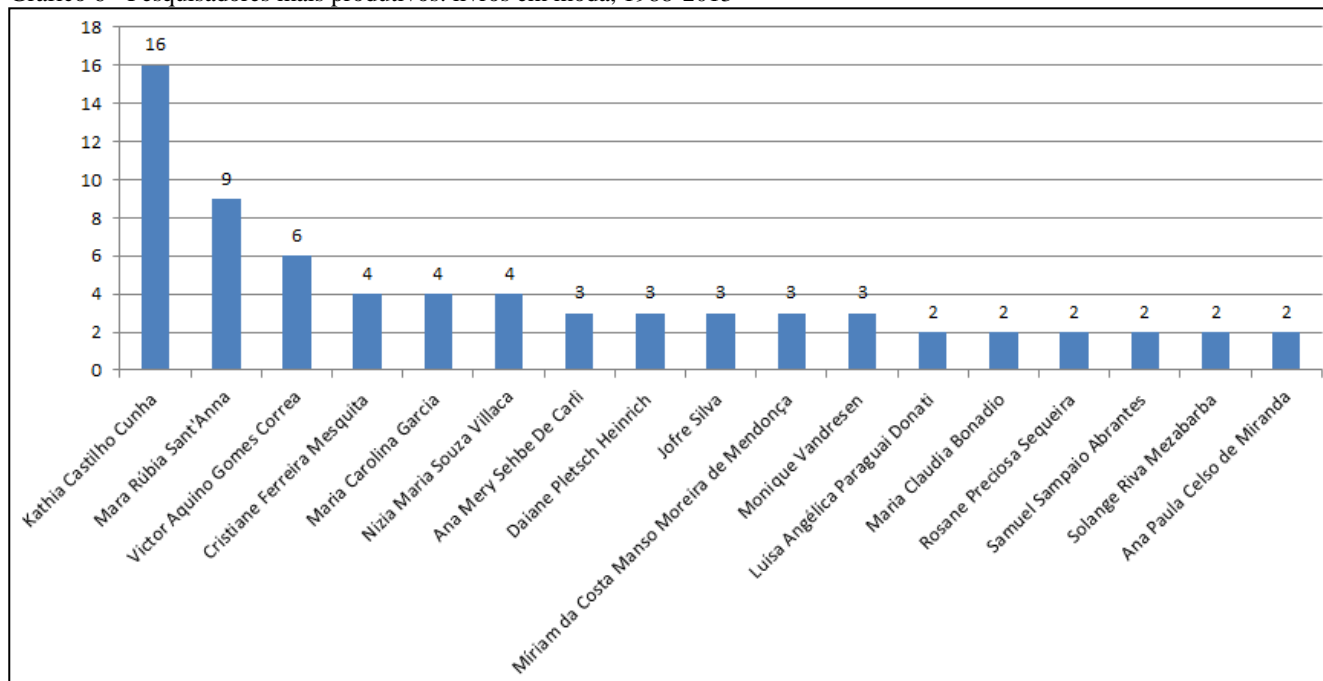
Analisada e discutida a produção de artigos científicos no campo da moda, a próxima categoria a ser estudada é a de Livros e Capítulos de livros, na qual serão identificados os pesquisadores mais produtivos, as editoras mais influentes e anos com maior incidência de publicação.

#### 4.4 INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Dos 144 pesquisadores analisados, somente 42 (29,16%) publicaram livros, 17 pesquisadores publicaram mais de 1 livro, enquanto isso, 25 pesquisadores publicaram somente 1 livro. No gráfico 6 são apresentados os 17 pesquisadores mais produtivos. Os três pesquisadores mais produtivos são Kathia C. Cunha (ABEPEM), Mara Rubia Sant'Anna (UDESC) e Victor A.G. Correa (USP). Kathia integra dois grupos de pesquisa, *Tecnologias da moda e do têxtil: processos criativos para corpos do futuro – USP* e *ETHOS - Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais - UFRJ*. Também é presidente da ABEPEM e editora responsável pela Editora Estação das Letras e

Cores e Revista Dobras.

Gráfico 6 - Pesquisadores mais produtivos: livros em moda, 1988-2013



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Já, Mara Rúbia Sant'Anna integra os grupos *Moda e Sociedade – UDESC e Arte, Design e Moda – UNICAMP*, é editora da Revista *ModaPalavra E-periódico*. Por sua vez, Victor A.G. Correa compõe o grupo *Coletivo Estudos de Estética – USP*.

A publicação de livros e capítulos de livros é uma manifestação da dimensão cognitiva (conceitual). Nessa literatura, é veiculado o conhecimento mais consolidado, o que já tem consenso na comunidade científica (WHITLEY, 1974; ZIMAN, BUNGE, 1989; KUHN, 2009).

Dois aspectos justificavam a tímida publicação de livros no campo: primeiro a moda é um assunto recente no ambiente acadêmico brasileiro; segundo, a maior parte da bibliografia desse campo é produzida por autores internacionais. Ainda assim, uma pesquisadora concentra o seu capital científico nessa categoria de publicação, Kathia Castilho Cunha possui larga reputação no campo, o que lhe confere competência e autoridade para falar e agir no campo. A competência científica

não diz respeito apenas ao saber, a capacidade de saber-fazer algo, o verbo competir que oferece ação a substantivo competência, pressupõe também um concorrência simultânea, uma luta, uma busca ao mesmo tempo com outrem, competir de certa maneira é rivalizar. Quando o discurso se torna competente a fala do agente passa a pressupor legitimidade, isto é torna-se um discurso de autoridade no campo. (MENEZES; ODDONE; CAFÉ, 2012, p. 3-4).

Nesse caso, torna-se evidente a parábola do efeito Mateus (MERTON, 2013), por ser reconhecida a tendência é que a autora continue a publicar mais livros do que seus pares. Assim, aqueles que não publicaram livros poderão encontrar mais dificuldades para se colocar no mercado, pois ainda não conquistaram reputação e reconhecimento no campo. O agente que possui autoridade no campo é respeitado pelos demais pares, suas teorias e conceitos são aceitos e replicados nos estudos subsequentes.

Merton (2013) frisa que o uso das citações e referências se tornou uma prática institucionalizada na ciência, integrando o sistema de propriedade intelectual científico. Ao dar créditos de autoria está se reconhecendo a contribuição efetuada pelo pesquisador, no qual as citações são caracterizadas como lucro científico, como atesta Bourdieu (1983). As citações e referências levam o leitor a fonte de conhecimento

utilizado e ao crédito científico.

No quesito livros, 95 foram produzidos pelos 144 pesquisadores, desconsiderando os títulos duplicados 76 livros foram lançados pelas editoras (quadro 12). Observou-se que praticamente a metade dos títulos publicados são resultados da reunião de textos organizados, 36 (47,36%) livros são organizações.

Ao longo de 26 anos, 36 editoras foram responsáveis pela referida publicação, mas apenas 12 editoras (33,33%) apresentaram mais de 1 publicação, enquanto isso as demais 24 (66,66%) editoras publicaram apenas 1 livro (quadro 12). Destaca-se que tiveram livros que foram editados por duas editoras, por isso, o número de entidades é superior ao número de livros.

Observa-se que as duas primeiras editoras são as responsáveis por editar grande parte dos livros no campo, juntas correspondendo a 33,73% (28) das publicações (Quadro 12). A editora da *UDESC* e editora *Rosari* também se destacam, pois são responsáveis pelo lançamento das coletâneas *ModaPalavra* e *DAMT*. A editora da *UCS* e editora *FEEVALE* publicaram livros de moda tendo em vista a relação com os cursos de graduação em Design Moda oferecidos por ambas.

Quadro 12 - Editoras mais presentes nas publicações do campo da Moda no Brasil, 1988-2013.

<b>EDITORAS</b>	<b>Nº DE PARTICIPAÇÃO DAS EDITORAS</b>	<b>%</b>
<b>ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES</b>	17	20,48
<b>ANHEMBI MORUMBI</b>	11	13,25
<b>INMOD</b>	6	7,22
<b>UDESC</b>	5	6,02
<b>ROSARI</b>	4	4,81
<b>EDUCS</b>	3	3,61
<b>FEEVALE</b>	3	3,61
<b>ARTE E CIÊNCIA</b>	2	2,40
<b>INSULAR</b>	2	2,40
<b>SENAC SÃO PAULO</b>	2	2,40
<b>SENAI CETIQT</b>	2	2,40
<b>WEA BOOKS</b>	2	2,40
<b>OUTRAS 24 EDITORAS</b>	24	28,91
<b>Total de 36 Editoras</b>	83	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

A *Editora Estação das Letras e Cores* (2014, p.1) é a editora mais presente e tem por missão publicar livros que relacionam

“pesquisas e estudos de múltiplas áreas do saber que ampliam, especialmente, as possibilidades de entendimento nos estudos da moda e do design”. Busca “aproximar professores, alunos e autores na reflexão de ideias e difusão de pesquisas sobre os temas publicados”. Foi fundada e é mantida por “professores do Ensino Superior com o objetivo de publicar livros formativos, com temas contemporâneos e que possam ser úteis como bibliografia em aulas de Graduação, Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado”.

As editoras contribuem com a institucionalização do campo científico, na medida em que publicam livros com conteúdos mais consolidados e reconhecidos no campo. Tradicionalmente, especializam-se em determinados nichos de conteúdo, o que contribui com a organização interna do campo. Ao observar obras da editora *Estação das Letras e Cores* logo é possível associar seus conteúdos ao campo do design e da moda.

A publicação de livros apresentou irregularidade ao longo das décadas, pois nos anos de 2010, 2011 e 2012 verificaram-se picos quanto ao número de títulos lançados (quadro 13). Todavia, se comparado com os outros tipos de publicação os livros apresentam uma tímida produção diante dos dados aqui compilados. Esse tipo de publicação, segundo Meadows (2000) tem maior aceitação nas Ciências Humanas e Sociais, pois o registra conhecimento mais acumulativo e, geralmente, permite mais densidade na explanação de conteúdos, em vista de não ter tanta restrição quanto ao número de páginas se comparado com o artigo de periódicos ou o trabalho publicado em anais de eventos.

Quadro 13 - Dispersão temporal dos livros 1988-2013

ANO DE PUBLICAÇÃO	Nº DE LIVROS PUBLICADOS
1989	1
2000	1
2001	3
2002	4
2003	1
2004	3
2005	6
2006	6
2007	7
2008	4
2009	6
2010	9
2011	10
2012	10
2013	5
<b>TOTAL DE LIVROS</b>	<b>76</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Em tese, as publicações em livros permitiria apresentar mais profundidade teórica e seu conteúdo teria mais longevidade quando comparado com outros tipos de publicações, geralmente tornando-se um clássico citado continuamente.

Como já destacado anteriormente o campo da moda apresenta uma tradição em publicar coletâneas, o que implica num maior número de capítulo de livros, já que esses são desdobramento dos livros organizados. Essa prática de publicação pode ser encarada com uma estratégia dos pesquisadores, uma vez que a publicação de um livro de autoria individual levaria muito mais tempo para ser finalizado e seu conteúdo exigiria um aprofundamento maior por parte do autor. Nas coletâneas os temas são relacionados, mas cada capítulo apresenta uma condensação de estudos distintos.

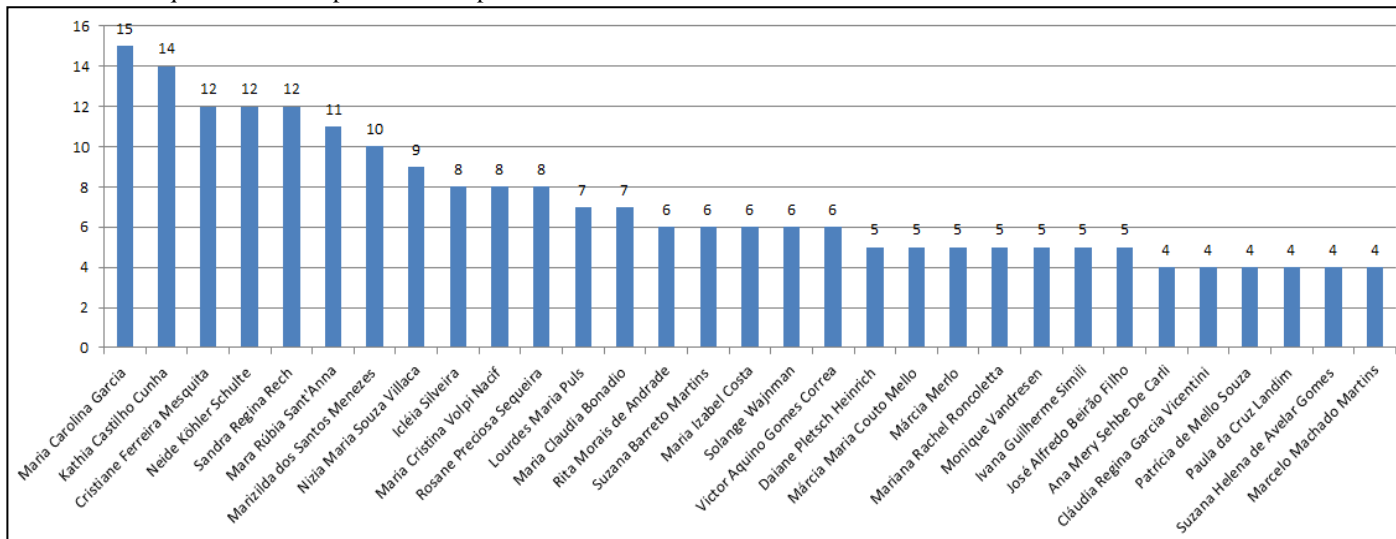
A seguir são descritos os autores mais produtivos na categoria capítulo de livro (gráfico 7). Nesse caso os 144 doutores publicaram 327 capítulos de livros, com uma variação de 15 a 0. Destaca-se que 20% (31) dos pesquisadores foram responsáveis por 67,88% (222) da produção, resultado esse semelhante da concentração em artigos, no qual 20% dos pesquisadores produziram 68,52%. No entanto, é possível perceber que existe uma distribuição mais igualitária do capital científico entre os pesquisadores nessa categoria (gráfico 7).

Os três melhores índices de produção são das seguintes autoras, Maria Carolina Garcia (UAM), Káthia Castilho Cunha (ABEPEM),



Cristiane Ferreira Mesquita (UAM), Neide Köhler Schulte (UDESC), Sandra Regina Rech (UDESC). Maria Carolina Garcia integra os grupos de pesquisa Estudos de Consumo de Moda (G-COMO) UFPE e Moda, Imagem e Consumo UAM. Kathia Castilho Cunha também participa de dois grupos, já citados na categoria livros. Neide Köhler Schulte compõe o grupo Moda e sociedade UDESC. Sandra Regina Rech participa de dois grupos, já citados na categoria artigo. Nota-se que os pesquisadores mais eminentes estão vinculados a duas instituições que possuem tradição de pesquisas no campo da moda no Brasil. Outro aspecto que marca atenção é a presença dos pesquisadores da UDESC estarem na liderança das categorias, como os mais produtivos.

Gráfico 7 - Pesquisadores mais produtivos: capítulos de livros 1988-2013



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Cursos de graduação e pós-graduação que apresentam um corpo docente comprometido com pesquisa e geração de conhecimento fortalecem a institucionalização cognitiva do campo, essa por sua vez vai refletir na institucionalização social, pois as duas perspectivas estão entrelaçadas. Mas nada impede que uma se desenvolva mais do que a outra, o que determina o grau de desenvolvimento são os esforços e investimentos nos quais seus agentes estão comprometidos.

A seguir apresenta-se a distribuição temporal na qual os 327 capítulos de livros foram lançados, desconsiderando os capítulos produzidos em coautoria entre pesquisadores analisados são 310 capítulos (Quadro 14).

Quadro 14 - Dispersão temporal dos capítulos de livro, 1988-2013

<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>Nº DE CAP. PUBLICADOS</b>
1988	1
1991	1
1996	1
1998	1
1999	2
2000	1
2001	6
2002	26
2003	13
2004	9
2005	10
2006	30
2007	18
2008	23
2009	19
2010	39
2011	38
2012	43
2013	29
<b>TOTAL DE CAPÍTULOS DE LIVROS</b>	<b>310</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No ano de 2002, o volume de capítulos publicados apresenta um crescimento e nos três anos seguintes decai. A partir de 2006 apresenta variações de altos e baixos que se estende até o ano de 2009. Já de 2010 até 2012 há um crescimento de publicações, com uma leve queda no ano de 2013. O aumento de capítulos de livros tem como marco as publicações de coletâneas no campo. No ano de 2002 o Departamento de Moda da UDESC passa a editar anualmente o livro MODAPALAVRA, que no ano de 2008 dá origem ao periódico que

leva o mesmo nome. O programa de Design da UAM também passa a divulgar a produção de seus docentes e alunos por meio da organização de coletânea com o lançamento anual do livro DANT: design, arte, moda e tecnologia.

Todavia, é preciso ressaltar que no ano de 2014, ano não compreendido no levantamento de dados desta pesquisa, ocorreu um boom em publicação de livros sobre moda no Brasil. Tal fato pode ser atribuído aos seguintes fatores: fortalecimento dos cursos de moda oferecidos nas faculdades brasileiras; lacunas no mercado editorial que precisavam ser preenchidas; formação de doutores que estão atuando nesse campo, assim o mercado demanda títulos nesse assunto (DINIZ, 2014).

Analisada a produção de livros e capítulos de livros, bem como suas características que denotam indícios da institucionalização científica, o tópico a seguir enfoca a produção de trabalhos e os eventos que compõem o campo da Moda no Brasil.

#### 4.5 INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: A PRODUÇÃO DE TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM EVENTOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Os 144 pesquisadores publicaram 1.342 trabalhos em eventos científicos, mas 20% (31) dos pesquisadores foram responsáveis por 59,38% (797) da produção. De todas as categorias analisadas essa é que apresenta uma menor concentração de capital científico, mostrando uma tendência da área por preferir esse canal de divulgação. As barreiras enfrentadas para a publicação de artigos e livros pode induzir os pesquisadores a recorrer a essa tipo de publicação, pois possui uma dinâmica e rapidez maior que os canais formais supracitados.

Esse expressivo volume de trabalhos publicados pode revelar um perfil de um campo ainda muito técnico que está em busca de caminhos para seu amadurecimento teórico. As apresentações e publicações de eventos são importantes espaços de interação e discussão para os membros da comunidade científica, possibilitando inumeros tipos de relação, atualização no campo e o fortalecimento de parcerias.

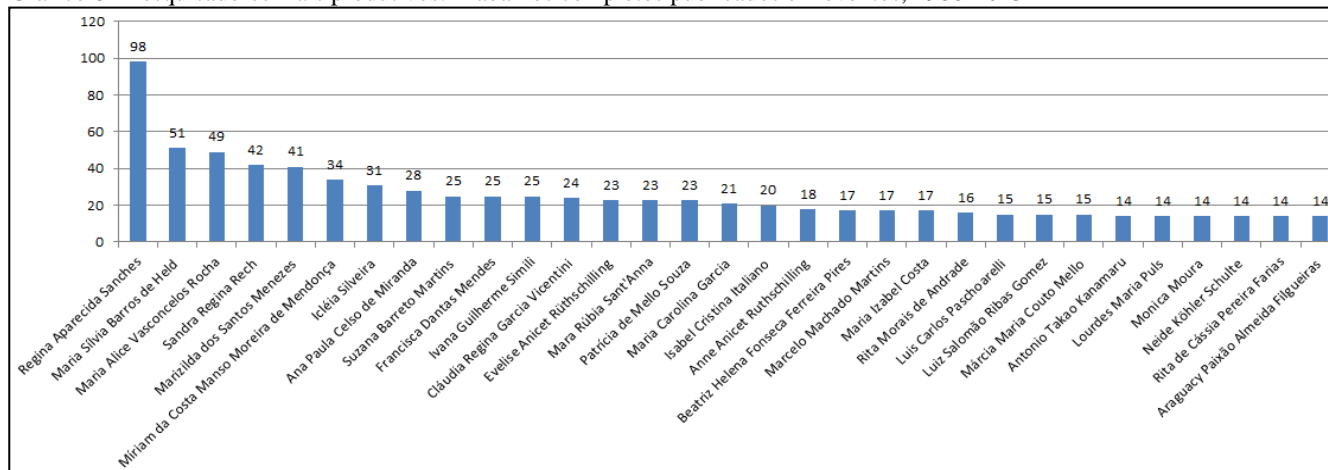
Os pesquisadores mais produtivos publicaram um número superior a 13 trabalhos. Nas três primeira posições do ranking estão Regina Aparecida Sanches (USP), Maria Sílvia Barros de Held (USP) e Maria Alice Vasconcelos Rocha (UFRPE).

Regina Aparecida Sanches é pesquisadora do grupo de estudo *Tecnologias da moda e do têxtil: processos criativos para corpos do*

*futuro* – USP e atua no Program de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da USP. Maria Sílvia Barros de Held também atua no referido programa e integra o grupo de pesquisa *Arte, Design e Moda – USP*. Já e Maria Alice Vasconcelos Rocha compõe os grupos de pesquisa *PLURAL - Moda e Vestuário – UFRPE* e *Vestuário no Contexto Socioeconômico e Cultural - UFV*, também é docente do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE. As três pesquisadoras juntas publicaram 14,75% (198) dos trabalhos, no entanto, Sanches possui quase o dobro de publicação do que seus pares. Esse alto índice de produtividade pode estar relacionado com investimentos obtidos para a pesquisa, impulsionando a publicação de trabalhos.

Utilizar dos mecanismos que as agências de fomento fornecem é uma forma de encrementar o capital científico e influenciar as estruturas do campo. As estratégias políticas existem e cabe aos agentes da ciência fazer o uso delas. No gráfico 8, apresentam-se os demais pesquisadores e suas publicações.

Gráfico 8 - Pesquisadores mais produtivos: Trabalhos completos publicados em eventos, 1988-2013



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No que tange aos eventos, nos quais os trabalhos foram publicados, desconsiderando os documentos elaborados em coautoria entre os participantes da amostra, 1.231 trabalhos foram publicados em 232 eventos, reuniões, congressos, colóquios e simpósios (quadro 15), denotando uma dispersão quanto às publicações em eventos nesse campo.

Quadro 15 - Eventos com maior incidência de publicação, 1988-2013

EVENTO	Nº DE PUBLICAÇÃO	%
Colóquio de Moda	387	31,43
Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D)	88	7,14
Congresso Internacional de Moda e Design (CIMODE)	81	6,58
Congresso Internacional de Pesquisa em Design (CIPED)	66	5,36
Congresso Brasileiro de Economia Doméstica (CBED)	34	2,76
Congresso Nacional de Técnicos Têxteis (CNTT)	24	1,94
Encontro Nacional de Pesquisa em Moda (ENPMODA)	23	1,86
World Textile Conference (AUTEX)	20	1,62
Congresso internacional de Arte, Novas Tecnologias e Comunicação (CIANTEC)	19	1,54
Encontro Centro-Oeste de Design de Moda (ECOM)	15	1,21
Outros 222 eventos	474	38,50
<b>TOTAL DE TRABALHOS</b>	<b>1231</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Entre os 10 eventos mais representativos em termos de trabalhos publicados, quatro eventos são genuínos do campo da moda, são eles o Colóquio de Moda, CIMODE, ENPMODA e o ECOM. Isso significa um fortalecimento da institucionalização social do campo, pois segundo Whitley (1975) áreas institucionalizadas apresentam reuniões científicas, congressos e eventos consolidados e bem definidos. Enquanto isso, áreas com baixo nível de institucionalização apresentam problemas de organização dos eventos, irregularidades e identidades não claras.

Os demais eventos, entre os 10 mais bem colocados, são vinculados ao Design, Economia Doméstica, Têxtil e Interdisciplinar. Os eventos *P&D* e *CIPED*, ambos do Design já foram apontados por

outros estudos com relativa presença de pesquisas que versam sobre moda. A aproximação entre a Moda e o Design é intensificada a partir do momento que a moda passa a ser uma habilitação do design por decisão do MEC. Bonadio (2010) ao mapear as dissertações e teses confirma pesquisas de moda que foram desenvolvidos sob o prisma da Economia Doméstica, cabe ressaltar que entre os grupos de pesquisa apresentados foi possível identificar grupos oriundos dessa área.

O *Colóquio de Moda* é considerado o principal espaço de pesquisa e discussão do campo. No discurso de Pires fica evidente tal constatação,

[...] desde 2005, o Colóquio de Moda tem se configurado como um espaço para disseminar a pesquisa e consolidar a área, com promoção do estudo e a divulgação de assuntos relacionados ao ensino, à pesquisa e à produção acadêmica. (PIRES, 2008, p.14-15).

O forte diálogo entre a Moda e o Design, já constatado nos eventos, também é percebido nas revistas em que os artigos foram publicados e nos programas no qual as dissertações e teses foram desenvolvidas. Ao estudar a publicação de trabalhos relacionados à moda nos eventos do Design, Andrade Neto et al (2012, p.) confirmam essa evidência. Os autores concluem que

A produção acadêmica do Design de Moda, no país, reflete a sua recente consolidação como área de pesquisa e ensino no Brasil. Os resultados obtidos nesta investigação reforçam a evidente tendência de crescimento do número de publicações de Moda em eventos de Design. Foram analisados 3.117 artigos no total e, deste universo, 163 trabalhos eram de Design de Moda, o que corresponde a 5,23% das publicações nos Anais do P&D Design e do CIPED, no período avaliado. Entre as temáticas dos eventos, a categoria Design Têxtil e Vestuário, do P&D Design, foi a que apresentou o maior número de estudos na área.

Carneiro et al (2010) reitera o fato do Colóquio de Moda ser o maior congresso científico do campo, e também aponta a incidência de publicações nos seguintes eventos P&D e CIPED, reforçando os dados



encontrados na presente pesquisa. No entanto, como já exposto verificam-se eventos de outras áreas, além do Design, característica que reforça a interdisciplinaridade do Campo da Moda, aspecto já apontado pela literatura.

Os dados levantados mostram o crescimento expressivo desse tipo produção científica a partir 2005 o que pode estar relacionado com o surgimento dos referidos eventos. O ano de 2012 foi o ano que teve destaque quanto ao número de trabalhos publicados, pois foi o ano da primeira edição do *CIMODE* que aliado ao *Colóquio de Moda* movimentaram intelectualmente o campo da Moda nesse ano (quadro 16).

Quadro 16 - Dispersão temporal dos trabalhos completos publicados em eventos, 1988-2013

<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>Nº DE TRABALHOS COMP. PUBLICADOS EM EVENTO</b>
1989	1
1990	1
1992	1
1993	8
1994	2
1995	2
1996	4
1997	2
1998	2
1999	7
2000	18
2001	17
2002	20
2003	20
2004	21
2005	50
2006	78
2007	76
2008	117
2009	144
2010	157
2011	151
2012	228
2013	104
<b>TOTAL DE TRABALHOS</b>	<b>1231</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

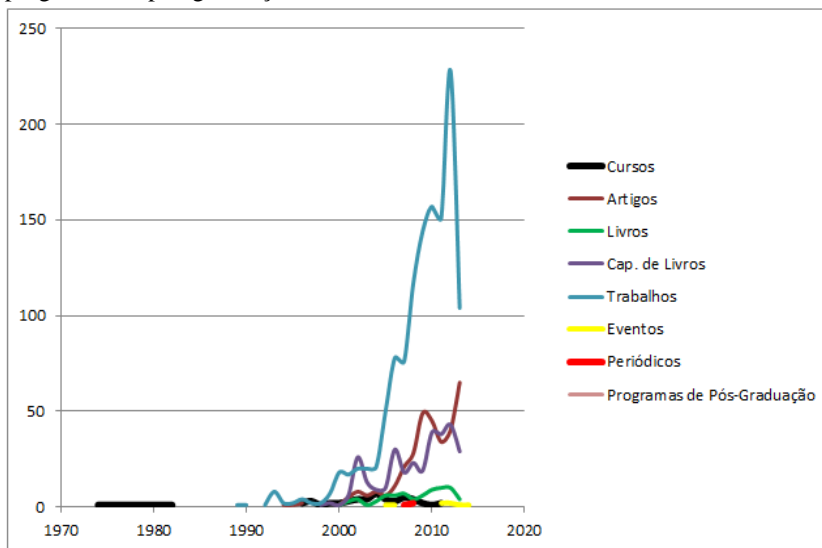
Ao correlacionar o surgimento dos cursos de graduação com a

produção científica dos 144 pesquisadores é possível perceber que houve crescimento das publicações científicas, principalmente de trabalhos completos publicados em evento e artigos. A forte tendência do campo da moda em produzir e publicar trabalhos em eventos é característica de uma ciência emergente. Contudo, esses indicadores de produção nas diferentes modalidades explicitam a dinâmica e a retroalimentação existente entre a dimensão social e a cognitiva do campo.

Caldas (2006) já apontou a fragilidade teórica do campo, ao discorrer que esse problema se inicia na graduação devido ao forte enfoque mercadológico que os cursos têm, objetivando a formação de profissionais de moda para o mercado. Portanto, é necessário desenvolver mais o aspecto teórico da moda, como indica Lipovetsky (2009), o que irá contribuir para o aumento da literatura científica. Se a teoria e pesquisa forem introduzidas e trabalhadas concomitantemente com a técnica, será possível a formação de um profissional completo, apto para atuar na indústria e também como docente ou pesquisador.

Considerando os dados levantados referentes à institucionalização social e a institucionalização cognitiva, elaborou-se o gráfico 9 para verificar a ocorrência de correlação entre os dados dos acontecimentos relatados em ambas as categorias. Observa-se que depois de 2005 há uma ascensão na produção de trabalhos de eventos, artigos, livros e capítulo de livros, pois é a partir desse ano que são criados os eventos, as revistas e programas de pós-graduação na área. Nesse caso, fica evidente a relação entre o crescimento da produção intelectual dos pesquisadores com a organização da estrutura interna do campo. O surgimento dos cursos de graduação, eventos, periódicos e programa de pós-graduação não foi quantitativamente representativo se comparados com a produção intelectual, no entanto, ocorreu um movimento oscilativo similar entre artigos, capítulos de livro e criação de cursos de graduação, ainda que quantitativamente não tão expressivo.

Gráfico 9 - Criação dos Cursos de Graduação em Design de Moda – Bacharelado versus a produção científica dos pesquisadores, revistas, eventos e programas de pós-graduação



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

O desenvolvimento científico do campo depende de vários fatores, nos quais estão envolvidos: instituições, pesquisadores, canais de comunicação e produtos resultantes de pesquisas. Se o número de pesquisadores do campo cresce, aumentam os grupos, se os cursos de graduação e pós-graduação aumentam e se estabilizam há tendência de aumento no volume de publicação, o que implica também na ampliação de eventos científicos realizados no campo. Mais uma vez, percebe-se que a dimensão social fortalece a dimensão cognitiva do campo e vice-versa (WHITLEY, 1974).

#### 4.6 INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA: ORIENTAÇÕES REALIZADAS, DISSERTAÇÕES, TESES CONCLUÍDAS E BOLSAS DE PESQUISA CONCEDIDAS

Ao longo dos 26 anos foram mapeadas as orientações de mestrado e doutorado relacionadas ao campo da Moda realizadas pelos 144 pesquisadores. A finalidade desse rastreamento é verificar o volume de pesquisadores interessados na temática moda e seu reflexo no desenvolvimento cognitivo do campo e da própria comunidade.

Dos 144 pesquisadores, 54 (37,50%) foram responsáveis pela orientação de 174 dissertações desenvolvidas em diferentes áreas e programas de pós-graduação. No que segue, são destacados os doutores que acumularam mais de duas orientações concluídas dentre os anos de 1988-2013 (quadro 17). O número de dissertação seria ainda maior, se fosse contabilizado o ano de 2014, mas devido o recorte temporal essas dissertações não foram analisadas.

Nessa categoria, seis pesquisadores encontram-se nos três primeiros lugares no *ranking* de orientadores, denotando autoridade científica perante os pares concorrentes. Ao contribuir na formação de um novo pesquisador, o orientador tem poder de influenciar nas estruturas do campo, pois juntamente com o orientando toma a decisão sobre o quê pesquisar, que teorias utilizar, que métodos e técnicas adotar. Tais aspectos são decisivos no desenvolvimento da pesquisa refletindo no alcance dos objetivos propostos. Depois de concluída a dissertação ou tese, tradicionalmente artigos são publicados com o intuito de divulgar os resultados e tornar visível o trabalho científico. Esse ciclo, que se estabelece entre orientador e orientando, carrega consigo valores e juízos que são transmitidos e representados na literatura produzida em conjunto.

Nesse sentido, Bourdieu (1983) destaca que os pesquisadores por meio das publicações objetivam o reconhecimento, que viria por meio do uso de suas pesquisas citadas por seus pares em novos estudos. Esse retorno é entendido como um lucro científico, potencializando o capital científico. Já Ziman (1979) entende que as publicações formam um fundo de conhecimento que na sua totalidade caracterizam a ciência, o processo de avaliação, revisão e aceitação é fundamental no fazer científico.

Quadro 17 - Pesquisadores e dissertações orientadas, 1988-2013

PESQUISADOR	Nº DE ORIENTAÇÕES	ATUAL VÍNCULO INSTITUCIONAL
Kathia Castilho Cunha	10	ABEPEM
Marizilda dos Santos Menezes	9	UNESP
Míriam da Costa Manso	9	UFG
Moreira de Mendonça	9	UFG
Agda Regina de Carvalho	8	UAM
Maria Eduarda Araujo Guimarães	8	SENAC/SP
Victor Aquino Gomes	8	USP
Correa	8	USP
Hans da Nobrega	8	USP
Waechter	7	UFPE
Denise Berruezo Portinari	6	PUC/RJ
Márcia Merlo	6	FASM
Maria Claudia Bonadio	6	UFJF
Cristiane Ferreira	6	UFJF
Mesquita	5	UAM
Maria Lucia Bueno Ramos	5	UFJF
Regina Aparecida Sanches	5	USP
Evelise Anicet	5	USP
Rüthschilling	4	UFRGS
Jofre Silva	4	UFRJ
Luiz Salomão Ribas	4	UFRJ
Gomez	4	UFSC
Alberto Cipiniuk	3	UFSC
Ana Luiza Ruschel Nunes	3	UEPG
Claudio Freitas de Magalhães	3	UFG
Gisela Belluzzo de Campos	3	PUC/RJ
UAM	3	UAM
Maria Sílvia Barros de Held	3	USP
Marília Matos Gonçalves	3	UFSC
Rita Morais de Andrade	3	UFG
Rosane Preciosa Sequeira	3	UFJF
Suzana Helena de Avelar Gomes	3	UFJF
USP	3	USP
<b>Outros 14 pesquisadores</b>	2	----
<b>Outros 15 pesquisadores</b>	1	----

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Contudo, é a prática de comunicação livre e aberta entre os cientistas que fortalece a noção de comunismo na ciência. Os pesquisadores podem usufruir livremente dos conhecimentos existentes vinculados pela literatura, uma vez que ele não se esgota pelo uso

intenso, ao contrário amplia-se. “É a interação entre os cientistas, o dar e o receber na ciência que permite aumentar a fonte comum de conhecimento acessível”. (MERTON, 2013, p. 225).

As dissertações e teses caracterizam o campo, pois são um produto científico portador de vários elementos cognitivos que reforçam o paradigma do campo. Também podem apresentar as anomalias da área que dependendo do grau, levam o surgimento de crises e revoluções científicas, ocasionando a rejeição do paradigma vigente. Kuhn (2009) afirma que a ciência normal apresenta um período de existência mais extenso do que a ciência extraordinária.

As 174 dissertações foram desenvolvidas em 18 programas de pós-graduação, em diferentes universidades e áreas de conhecimento (quadro 18).

Quadro 18 - Programas e dissertações defendidas, 1988-2013

<b>PROGRAMA</b>	<b>Nº DE DISSERTAÇÕES</b>
Mestrado em Design	77
Mestrado em Moda, Cultura e Arte	22
Mestrado em Têxtil e Moda	17
Mestrado em Arte e Cultura Visual	12
Mestrado em Desenho Industrial	12
Mestrado em Ciências da Comunicação	10
Mestrado em Design e Expressão Gráfica	5
Mestrado em Artes Visuais	3
Mestrado em Educação	3
Mestrado em Branding e Design de moda	2
Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea	2
Mestrado em Gestão Empresarial	2
Mestrado em História	2
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo	1
Mestrado em Economia Doméstica	1
Mestrado em Engenharia de Produção	1
Mestrado em Estética e História da Arte	1
Mestrado em Metrologia	1
<b>TOTAL DE DISSERTAÇÕES</b>	<b>174</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Os programas com maior destaque em produção de dissertação são Design (44,2%), Moda, Cultura e Arte (12, 6%), e Têxtil e Moda (1%) (quadro 19). No âmbito geral, observando a totalidade das dissertações levantadas percebe-se que a vinculação aos programas de desenho industrial tem preponderância em relação aos demais, sendo no total 94 (54%) dissertações defendidas, seguida da própria Moda com 41 (23,5%) dissertações. Essa preponderância dos programas de design no

numero total de dissertações decorre do fato desses programas de pós-graduação serem mais antigos no Brasil. Além disso, no ano de 2002, o MEC declarou que a moda passa a ser uma das habilitações do design. Tal decisão política alterou o cenário da Moda no Brasil (BONADIO, 2010; ANDRADE NETO et al, 2012). Essa proximidade e compartilhamento cognitivo existente entre o design e a moda são ressaltados por Carneiro et al (2010, p. 293),

O design de moda também compartilha de alguns pressupostos do design, como o desenvolvimento de produtos para melhorar a qualidade de vida do ser humano. Portanto, é inquestionável a necessidade de produção bibliográfica especializada pertinente e de caráter científico, que além de dar suporte ao desenvolvimento tecnológico do setor, ainda auxiliará na formação de discentes e docentes.

Bonadio (2010) já apontou os pesquisadores Káthia Castilho Cunha, Victor Aquino Gomes Correa, Denise Portinari e Cristiane Mesquita como os orientadores com maior número de pesquisas sobre moda, dados esses que vão ao encontro dos dados levantados nesta pesquisa.

Em relação aos programas de pós-graduação em Moda no Brasil, ao longo desse período dois cursos foram criados, sendo eles responsáveis por formar mais pesquisadores do campo da Moda.

O aumento numérico dos cursos e dos docentes reflete diretamente na produção científica em moda, ou seja, são indícios de um processo de institucionalização cognitiva da área, no qual pesquisadores partilham de ações e ideias na construção do conhecimento científico no campo da moda. Conforme Bonadio (2010), as pesquisas na pós-graduação *stricto sensu* são impulsionadas com o surgimento e popularização dos cursos superiores em moda, fato que começa emergir a partir do ano de 1998.

As 174 dissertações foram desenvolvidas em 19 instituições, as que lideram esse ranking são: em primeiro lugar está a Universidade Anhembi Morumbi com 40 (22,98%) dissertações concentradas no seu Programa em Design. Em segundo a Universidade de São Paulo com 17 (9,77%) dissertações concentradas no Programa de Têxtil e Moda, as demais foram defendidas em outros programas. Na terceira posição está o Centro Universitário SENAC/SP com 22 (12,64%) dissertações concentradas no extinto Programa de Moda, Cultura e Arte, a outra

dissertação foi defendida no Programa de Design na mesma instituição (quadro 19).

Quadro 19 - Instituições em que as dissertações foram desenvolvidas, 1988-2013

UNIVERSIDADES	Nº DE DISSERTAÇÕES
UAM	40
USP	27
SENAC-SP	23
UNESP	17
PUC-Rio	13
UFG	12
UFPE	8
UFRGS	5
UFSC	5
UNISINOS	4
UDESC	3
UFRJ	3
UFSM	3
AEBV	2
UBI	2
UFMT	2
UNIP	2
UNIRITTER	2
UFV	1
<b>TOTAL DE DISSERTAÇÕES</b>	<b>174</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Na concepção de Whitley (1975), os locais de formação são parte integrante da institucionalização social. Nesse sentido, um aspecto levantado é a disparidade entre o número de cursos de graduação e de pós-graduação, existindo apenas um programa de pós-graduação em Moda no Brasil e 54 cursos de graduação – bacharelado.

Em relação à dispersão temporal, chama a atenção o crescimento de dissertações defendidas a partir de 2008 (quadro 20). Esse fato está relacionado diretamente ao surgimento de novos programas de pós-graduação em Design e Moda, denotando o aumento crescente de dissertações a partir dessa data, atingindo um pico de dissertações concluídas no ano de 2013. Percebe-se que nesse mesmo ano ocorreu o maior volume de artigos publicados, existindo assim, um efeito positivo entre a formação de pesquisadores e a produção científica do campo. Indicador esse que fortalece a institucionalização cognitiva.

Possivelmente esse novos mestres são alunos formados nos cursos de graduação em Design de Moda, diferente de seus professores



que apresentam uma formação heterogênea em virtude da inexistência de cursos na época em que se formaram. Portanto, essa matriz curricular mais sólida é benéfica, pois qualifica e fundamenta o campo como um todo, fortalecendo a teoria e a técnica.

Com o crescimento do número de mestres será viável um equilíbrio entre os interesses acadêmicos e as demandas do mercado. Conforme Carli (2011), até o momento, é percebida a tendência dos cursos de graduação existente privilegiar uma formação adequada ao perfil desejado pelo mercado e relegar aspectos teóricos do campo.

Quadro 20 - Dispersão temporal das dissertações, 1988-2013

ANO	Nº DE DISSERTAÇÕES
1995	1
1996	1
1998	1
1999	2
2001	2
2002	2
2003	1
2004	4
2005	2
2006	5
2007	5
2008	17
2009	20
2010	25
2011	27
2012	27
2013	32
<b>TOTAL DE DISSERTAÇÕES</b>	<b>174</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No que se refere às teses, durante esse período apenas 10 foram orientadas pelos 144 doutores, oriundas das áreas de Design, Comunicação e Letras e defendidas nos programas da PUC/RIO, USP, UNESP e UFRJ de 2002 a 2013. Já os pesquisadores que mais orientaram foram Claudio Freitas de Magalhães (PUC/RIO) e Victor Aquino Gomes Correa (USP), ambos com três teses. No quadro 21, são descritas as características das teses.

Quadro 21 - Pesquisadores e teses orientadas e defendidas, 1988-2013

Orientador	Nº de Teses	Programa de Doutorado	Instituição	Ano
Claudio Freitas de Magalhães	3	Design	PUC/RIO	2011/2012/ 2013
Victor Aquino Gomes Correa	3	Ciências da Comunicação	USP	2002/2003/ 2005
Frederico Augusto Liberalli de Goes	1	Letras	UFRJ	2007
Denise Berruezo Portinari	1	Design	PUC/RIO	2011
Marizilda dos Santos Menezes	1	Design	UNESP	2013
Alberto Cipiniuk	1	Design	PUC/RIO	2013
<b>6 Orientadores</b>	<b>10 Teses</b>	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Objetivando ter uma visão mais global das teses defendidas no campo da Moda, recuperaram-se os documentos indexados na BDTD do IBICT e na Base de Dados de dissertações e Teses da CAPES. Nas duas bases foram identificadas 27 teses, observou-se que as áreas com maior concentração de teses desenvolvidas foram Comunicação, Design, História e Sociologia. Se comparada as teses orientadas pelos pesquisadores analisados com as teses recuperadas nas bases do IBICT e CAPES, confirma-se predominância de pesquisas defendidas nas áreas de Design e Comunicação. No quadro 22 estão apresentados os programas e o número de teses defendidas.

Quadro 22 - Teses indexadas na BDTD e CAPES da temática de moda defendidas no Brasil, 1988-2013

PROGRAMA	Nº DE TESES
Doutorado em Comunicação em Semiótica	5
Doutorado em Design	4
Doutorado em História	3
Doutorado em Sociologia	3
Doutorado em Administração	2
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo	2
Doutorado em Comunicação	2
Doutorado em Antropologia Social	1
Doutorado em Ciências Sociais	1
Doutorado em Educação	1
Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento	1
Doutorado em Filosofia	1
Doutorado em Linguística	1
TOTAL DE TESES	27

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Em seu estudo Bonadio (2010) identificou que as teses em moda se concentraram na área de comunicação, aspecto que corresponde com os dados da presente pesquisa.

Dois orientadores se destacaram por orientar mais de 1 tese, Norval Baitello Junior conta com 3 orientações e Claudio Freitas de Magalhães com 2 orientações, no mais, 22 doutores orientaram 22 teses. Observou-se que Claudio Freitas de Magalhães e Denise Berruezo Portinari estão na lista de orientadores levantados via dados dos pesquisadores como também nas teses recuperadas na BDTD e CAPES.

No que diz respeito às instituições, nas quais foram desenvolvidas identificaram-se 12 instituições. As universidades que apresentam o maior índice de teses são a PUC/SP com projetos defendidos no doutorado em Comunicação e Semiótica (5) e doutorado em História (1). A USP com projetos defendidos no doutorado em Comunicação USP (2), doutorado em Arquitetura e Urbanismo (1), doutorado em Filosofia (1) e doutorado em Sociologia USP (1). A PUC/RIO apresenta quatro teses defendidas no doutorado em Design. A linha de pesquisa que se destaca pelo maior número de teses desenvolvidas pertence ao doutorado em Design da PUC/RIO *Comunicação, Cultura e Artes* com três trabalhos. Outras 12 linhas de pesquisa abrigaram 12 teses e as demais 12 linhas de pesquisa não foram identificadas. No quadro 23 estão apresentadas essas e demais instituições.

Quadro 23 - Instituições procedentes das teses indexadas na BDTD e CAPES, 1988-2013

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>Nº DE TESES</b>
PUC SP	6
USP	5
PUC RIO	4
UFBA	2
UFMG	2
UNICAMP	2
UFF	1
UFPB	1
UFPE	1
UFRGS	1
UFSC	1
UNISINOS	1
<b>TOTAL DE TESES</b>	<b>27</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Em relação à dispersão temporal das teses recuperadas nas bases do IBICT e CAPES todas foram defendidas após ano de 2004, no entanto, o ano de 2011 apresentou um pico de teses concluídas, os demais anos apresentam variações. Infere-se que o campo conta com pesquisadores doutores recentes se comparado com outras áreas de pesquisa com mais tradição.

Quadro 24 - Dispersão temporal das teses recuperadas na BDTD e CAPES, 1988-2013

<b>ANO</b>	<b>Nº DE TESES</b>
2005	2
2006	1
2007	2
2008	1
2009	4
2010	1
2011	10
2012	5
2013	1
<b>TOTAL DE TESES</b>	<b>27</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Outro dado importante para se analisar a institucionalização científica de um campo é o número de Bolsa de Produtividade Científica obtida pelos pesquisadores do campo. Menezes, Oddone e Café (2012, p.14) explicam que o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) “concede aos pesquisadores considerados celebres, aqueles que já possuem grande

capital científico acumulado no campo, um dos postos mais prestigiados na ciência brasileira, a Bolsa de Produtividade Científica”. Esse tipo de bolsa é conquistado de acordo com o volume de capital científico puro acumulado pelo pesquisador.

Dos 144 pesquisadores analisados nesta pesquisa, apenas nove (6,25) doutores possuem esse tipo de incentivo a pesquisa. No entanto, observa-se que sete pesquisadores não tem foco de pesquisa em moda, apenas transitaram pelo campo. Dois pesquisadores apresentam um volume de publicações gerais (artigos, livros, capítulos de livro, trabalhos) significativo, acumulando capital científico puro no campo. Em primeiro lugar, Nizia Maria Souza Villaca (UFRJ) aparece com 31 publicações e na segunda colocação está Luis Carlos Paschoarelli (UNESP) com 17 publicações. No quadro 18, estão apresentados esses e os demais pesquisadores e suas respectivas publicações.

Quadro 25 - Pesquisadores com Bolsa de pesquisa CNPq, 2008-2013

<b>PESQUISADOR</b>	<b>BOLSA</b>	<b>PUBLICAÇÕES EM MODA</b>
Nizia Maria Souza Villaca (UFRJ)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B	31
Luis Carlos Paschoarelli (UNESP)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D	17
Ana Paula Perfetto Demarchi (UEL)	Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq - Nível 2	6
João Eduardo Guarnetti dos Santos (UNESP)	Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq - Nível 2	5
Frederico Augusto Liberalli de Goes (UFRJ)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D	5
Gilson Vieira Monteiro (UFAM)	Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq - Nível 2	4
Eneus Trindade Barreto Filho (USP)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2	3
Francisco de Sousa Ramos (UFPE)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D	3
Alice Theresinha Cybis Pereira (UFSC)	Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2	2

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Como visto, somente 6,25% dos pesquisadores tem bolsa de produtividade de pesquisa. Esse padrão irregular de reconhecimento na

ciência é denominado por Merton (2013) de Efeito Mateus. Como consequência do referido efeito, existe um empoderamento desses pesquisadores em detrimento dos novos pesquisadores que por serem desconhecidos enfrentarão dificuldades para conquistar bolsas de pesquisas e financiamentos. Meadows (1999, p.89) descreve essa realidade ao afirmar que os “pesquisadores mais produtivos tendem a ter acesso a mais recursos para a pesquisa e mais assistentes e estudantes de doutorado do que outros pesquisadores [...]”. Como consequência desses fatores, a produção científica é alavancada. Na verdade, é um ciclo vicioso quanto mais recursos têm, mais produz, mais convites recebe, mais reputação obtém e mais capital científico acumula. Obviamente que, nesta pesquisa, o mérito dos pesquisadores produtivos e que são agraciados com bolsas e financiamentos não está sendo colocado em dúvida, somente foi apontado que, em tese, as situações identificadas parecem corresponder aos fenômenos já descritos por importantes estudiosos da ciência.

Todos esses indicadores apontados permitem afirmar que o campo da moda encontra-se em processo de institucionalização. Evidencia-se que a moda apresenta diversas perspectivas de estudos, percorrendo por diferentes áreas de conhecimento e assumindo formas próprias de acordo com o olhar do investigador e do seu viés teórico e metodológico. É reconhecida a consolidação do campo, no entanto, é necessário um período de desenvolvimento maior para estimar com nitidez o seu nível de institucionalização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto esta pesquisa buscou verificar o estágio de institucionalização científica do campo da moda no Brasil. Para tanto, buscou resposta para a seguinte questão: Como se configura a institucionalização científica nesse campo? A partir do caminho metodológico escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa e com base nos postulados de Whitley (1974) foi possível levantar dados e analisar a institucionalização científica considerando-se duas vertentes, ou seja, a institucionalização social e a institucionalização cognitiva desse campo e, assim, encontrar respostas para a questão indicada acima.

Na vertente da institucionalização social foram analisados os cursos de graduação e pós-graduação, as revistas, a associação de pesquisa, os eventos e os grupos de pesquisa desse campo. Nessa perspectiva de análise, foi possível verificar a importância da ABEPEN no processo de institucionalização social desse campo e dos eventos promovidos por essa associação. A Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda (ABEPEN) é a instituição que orienta o campo da Moda no Brasil ao estabelecer diretrizes e focos de atuação. É responsável por congrega os pesquisadores do campo, estimular/organizar os eventos acadêmicos e profissionais. Sua presidente, Kathia Castilho Cunha assume posição de destaque no campo da moda, além de ser reconhecida pela sua competência por meio de suas publicações, a pesquisadora também acumula capital temporal, tendo em vista sua atuação política no campo.

Na vertente da institucionalização cognitiva foram analisados os pesquisadores e a produção científica do campo e nesse aspecto foi possível detectar a existência de uma comunidade científica pequena e foi percebida a importância dada pelos integrantes dessa comunidade para a publicação de trabalhos em eventos, o que permite estabelecer uma relação direta entre institucionalização social e cognitiva nesse campo e a importância da comunicação científica no processo de institucionalização.

Os dados levantados e analisados também permitiram outras constatações.

O desenvolvimento do campo da moda no Brasil está atrelado ao contexto econômico favorável e ao desenvolvimento regional, visto que as regiões que se destacam econômica e socialmente no país foram destacadas também nesta pesquisa, nos processos de institucionalização social e cognitiva desse campo. Os cursos de graduação, pós-graduação

e grupos de pesquisa em Moda estão concentrados na região Sudeste e Sul. No entanto, as instituições de ensino privadas oferecem maior parcela de cursos de graduação em nível bacharelado e as instituições de ensino estadual e federal abrigam em sua maioria os grupos de pesquisa do campo. O único mestrado em Moda vigente no Brasil é oferecido pela USP e denomina-se: Têxtil e Moda. De todos os programas de Pós-graduação em Design, apenas o mestrado da Uniritter apresenta uma linha de pesquisa voltada a moda. Mesmo assim o Design abrigou a maior porcentagem de pesquisas (dissertações) ao longo do período analisado. Na região sul, a UDESC é responsável por um curso de graduação em Moda e é responsável pelo periódico Modapalavra, única publicação de responsabilidade de uma instituição pública de ensino e, também, possui o maior número de pesquisadores produtivos desse campo. A Universidade Anhembi Morumbi (UAM) apresenta o maior índice de dissertações concluídas, o que denota tradição de pesquisa sobre a temática moda. Esse fato está relacionado com o fato de quando criado o programa ter disponibilizado uma linha de pesquisa destinada a moda, que atualmente não se encontra vigente. As doutoras que mais orientaram alunos em nível de mestrado são Káthia Castilho Cunha (ABEPEM) com 10 orientações, Marizilda dos Santos Menezes (UNESP) e Miriam da Costa Manso Moreira de Mendonça (UFG), ambas com nove orientações concluídas. As teses defendidas no período, também se concentram na área do Design, desenvolvidas em sua maioria na PUC/RIO. Os doutores que acumularam maior número de orientações de teses são Claudio Freitas de Magalhães (PUC/RIO) e Victor Aquino Gomes Correa (USP), ambos com três orientações. Dos pesquisadores agraciados com bolsa de produtividade de pesquisa do CNPq, Nizia Maria Souza Villaça (UFRJ) apresenta o maior volume de capital científico puro decorrente de suas publicações.

Observou-se que o campo é constituído por uma pequena comunidade científica, composta por 144 pesquisadores comprometidos com pesquisa. Nesse aspecto, é preciso lembrar que o levantamento concentrou-se nos pesquisadores doutores, devido ao entendimento pré-estabelecido de que esses estariam mais comprometidos com o desenvolvimento de pesquisas e, conseqüentemente, seriam os responsáveis pelo desenvolvimento científico do campo. Nesse grupo existe uma pequena elite de pesquisadores produtivos e um grande número de pesquisadores com baixa produtividade científica, esse dado confirma a teoria de Lotka, uma vez que nesse campo poucos produzem muito e muitos produzem pouco. Ao analisar a distribuição do capital científico entre os doutores é reafirmada a parábola do Efeito Mateus de



Merton, quando se nota o fortalecimento de pesquisadores mais renomados em detrimento dos pesquisadores pouco conhecidos, pois esses ocupam várias posições no campo, como por exemplo, presidência de associação, presidência de conselho editorial de revista e de editora, orientação de dissertações. Essa distribuição irregular de posição e produção científica entre os membros da comunidade científica possibilita que os pesquisadores dominantes potencializem suas forças na conversão de mais capital científico puro e temporal. A hegemonia que se constitui mantém as estruturas do campo a seu favor, pois é o montante de capital científico adquirido que confere autoridade e competência para o pesquisador perante os pares concorrentes. Sendo assim, constata-se que a comunidade científica é formada por pesquisadores de diferentes níveis e a relação travada entre os agentes delimitará os poderes e limites de cada um. Como efeito dessa relação, as pesquisas são influenciadas pelos pesquisadores dominantes, já quem possuem a liberdade de estipular quais são as prioridades de pesquisas, os temas relevantes, assim como as técnicas e ferramentas mais apropriadas para a comunidade.

No geral, a pesquisadora Káthia Castilho Cunha foi a maior detentora de capital científico do campo, ela é fundadora da Abepem e sua atual presidente, publicou o maior número de livros, é editora de revista específica do campo e orientou o maior número de dissertações na temática da moda. Nesse aspecto, os resultados parecem ilustrar o efeito Matheus de Merton, já que parece que seu prestígio (capital científico acumulado) tem proporcionado que conquiste cada vez mais prestígio. Outras pesquisadoras acumularam mais capital científico puro: Sandra Regina Rech (UDESC) com o maior índice de artigos publicados (26), Maria Carolina Garcia (UAM) com o maior índice de capítulo de livros publicados (15), e Regina Aparecida Sanches (USP) com o maior índice de trabalhos em eventos publicados (98).

Ainda, sobre essa questão duas evidências ficam claras: primeiro a importância das pessoas no processo de desenvolvimento científico nesse campo; e, segundo, que todas as pessoas que estão na primeira colocação dos rankings nas referidas categorias são pesquisadoras, o que possibilita inferir que o gênero feminino lidera e direciona as pesquisas no campo da Moda no Brasil.

Em relação à dispersão temporal das publicações verificou-se que o ano de 2013 liderou quanto à publicação de artigos, já os anos de 2011 e 2012 lideraram quanto à publicação de livros, a publicação de capítulos de livros, por sua vez, despontou no ano de 2012. Todavia, o ano com maior índice de trabalhos publicados em eventos também foi o

ano de 2012. Conclui-se que esses anos representaram um período de fertilidade para o desenvolvimento da dimensão cognitiva, indicando um crescimento de pesquisas recentes.

Observou-se que os docentes do curso de graduação em moda da UDESC possuem forte comprometimento com o desenvolvimento cognitivo do campo. Em todas as categorias analisadas os doutores dessa instituição destacaram-se entre os mais produtivos, principalmente na categoria de artigos científicos. O mesmo aspecto de comprometimento também é observado nos docentes do curso de Graduação em Têxtil e Moda da USP e Mestrado em Têxtil e Moda da USP, pois os pesquisadores dessa instituição acumularam maior volume de trabalhos publicados em eventos, aspecto já apontado no relatório de avaliação da Capes no ano de 2013 como um ponto forte do referido programa. Os resultados reforçam a importância do financiamento público de pesquisas, visto que ambas são instituições públicas de ensino no Brasil.

O campo apresenta uma tendência por preferir o canal de comunicação semiformal para disseminar suas pesquisas, uma vez que publicam mais trabalhos em eventos do que artigos e livros. Na categoria de comunicação formal, o campo publica mais artigos do que livros.

O evento de maior peso e representatividade para os pesquisadores da moda é o *Colóquio de Moda*, seguido pelo *Congresso Internacional de Moda e Design*, ambos promovidos pela ABEPEN. As revistas focadas na temática moda são *Modapalavra E-periódico* (UDESC), *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte* (SENAC/SP) e *Dobras* (Estação das Letras e Cores). No entanto, a revista que mais publicou artigos de moda foi a *Dapesquisa* (UDESC) tendo em vista o vínculo institucional das pesquisadoras mais produtivas com a referida revista. A editora *Estação da Letras e Cores* é a responsável pelo maior número de livros editados, caracterizando como difusora na temática Moda.

Observou-se uma tendência de endogeneia na publicação científica, visto que os pesquisadores têm veiculado suas produções em revistas de suas próprias instituições, como por exemplo, os pesquisadores da UDESC. Esse vínculo que se estabelece entre revistas, pesquisadores e sua produção científica advindos de uma mesma instituição caracteriza o fenômeno endógeno de publicação. Em virtude disso, os periódicos com essa característica correm o risco de perpetuação de pensamentos, ideias e tendências teóricas metodológicas. No entanto, é natural que nos primeiros anos de existência das revistas

exista uma presença maior de pesquisadores da própria instituição, tendo em vista o próprio processo de configuração científica do campo.

É pertinente fazer uma crítica a essa cultura produtivista vigente atualmente no meio científico do país. Essa pressão que passa a vigorar em praticamente em todas as áreas do conhecimento, acaba por muitas vezes valorizando aspectos quantitativos, como já apontados na pesquisa, deixando a margem uma percepção propriamente qualitativa do que se produz e publica. A noção de que a produtividade não é sinônimo de qualidade é, por muitas vezes, evocada pelos membros da comunidade científica demonstrando, uma insatisfação diante do produtivismo imperativo. Uma das medidas mais eficazes para avaliar a qualidade das contribuições que os pesquisadores oferecem ao campo é observando a aceitação dos pares, ou seja, por meio das citações. Conforme Silva, Pinheiro e Menezes (2005, p. 50) “Não basta publicar, é preciso que o texto seja encontrado, lido e aceito. [...] a aceitação (via citação) tornou-se um dos parâmetros para a avaliação de qualidade da produção científica”.

Diante dos dados apresentados, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, resultando em um olhar macro do desenvolvimento do campo da moda no Brasil. A análise apurada dos resultados aponta indícios de institucionalização embrionária cognitiva e social do campo da moda no Brasil. No entanto, não é possível afirmar com exatidão qual o seu grau de institucionalização, visto que todas as instituições do campo foram implantadas muito recentemente, é preciso mais maturidade para estimar se o campo apresenta baixo ou alto grau de institucionalização. Destaca-se que o campo apresenta todos os componentes necessários de uma disciplina científica, aspecto que o caracteriza como científico. Ao longo da última década é perceptível o seu desenvolvimento social e cognitivo, tendo em vista o aumento dos cursos de graduação, pós-graduação, da produção intelectual e na formação de novos pesquisadores.

A institucionalização de um campo científico advém do amadurecimento de suas estruturas cognitivas e sociais, da clareza de seus conceitos, técnicas, métodos e objetos de estudo. Esse amadurecimento denota a constituição de um corpo de cientistas que pesquisam um mesmo objeto, compartilham das mesmas teorias, técnicas e problemas. Configurando uma comunidade científica que apresenta um consenso acerca da sua função e de seus interesses. Ao existir um grupo sólido de pesquisadores que dialogam e interagem entre si, emerge a necessidade de estabelecer canais de comunicação próprios do campo, sejam eles formais ou informais. Nesse contexto, a

comunicação científica apresenta uma estreita relação com o processo de institucionalização, uma vez que seus canais, em especial os periódicos disseminam o conhecimento e delimitam as fronteiras de atuação da área e conferem identidade social. A publicação dos resultados de pesquisa torna-se um insumo para a geração de novos conhecimentos que se concretizam na forma de artigos, livros, capítulos de livros, dissertações e teses. O entrelaçamento dos agentes da ciência, sejam eles as sociedades científicas, os cientistas, os cursos de graduação e pós-graduação, as revistas científicas, eventos profissionais e acadêmicos refletem a constituição do próprio campo científico.

Resta lembrar que essa configuração da institucionalização científica desse campo deve ser vista a partir das decisões metodológicas e dos recortes efetuados para o desenvolvimento desta pesquisa em termos de amostra e de abrangência dos dados. Portanto, é um retrato que representa o campo da moda como foi analisado e nos limites definidos a priori.

Como sugestão para estudos futuros aconselha-se fazer uma análise de citação no campo da moda, o estudo pode verificar se os pesquisadores mais produtivos são os mais citados, ou seja, se suas contribuições cognitivas são aceitas e utilizadas pelos pares-concorrentes. Outro aspecto que pode ser analisado refere-se às redes de colaboração entre os cientistas, a análise de redes sociais permitirá observar a interação dos pesquisadores no processo de construção do conhecimento científico. Para compreender a dimensão cognitiva do campo é aconselhável analisar os tipos de pesquisa, temáticas, métodos e técnicas do campo enfocando as dissertações e teses defendidas na última década. Tais estudos possivelmente indicariam os pesquisadores dominantes, as frentes de pesquisa e características cognitivas mais pontuais do campo.

## REFERÊNCIAS

ABADAL, E. *Acceso abierto a la ciencia*. Barcelona: Editorial UOC, 2012.

ABEPEM. **Regulamento geral do Colóquio de Moda 2012/2013**. Disponível em: <[http://www.abepem.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=60](http://www.abepem.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=60)>. Acesso em: 30 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Fórum das Escolas de moda**. Disponível em: <[http://www.abepem.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3&Itemid=61](http://www.abepem.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=61)>. Acesso em: 30 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Seminário Internacional de Estudos e Pesquisas em Consumo**. Disponível em: <[http://www.abepem.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34&Itemid=62](http://www.abepem.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=34&Itemid=62)>. Acesso em: 30 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Seminário de Figurino**. Disponível em: <[http://www.abepem.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35&Itemid=63](http://www.abepem.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35&Itemid=63)>. Acesso em: 30 dez. 2014.

ABIT. **Agenda de prioridades Têxtil e Confeção 2015 a 2018**. Disponível em: <[http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/agenda\\_site.pdf](http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/agenda_site.pdf)>. Acesso em: 9 mar. 2015.

ANDRADE NETO, M. L. De, et al. A produção científica de Design de Moda no Brasil: um estudo bibliométrico. In: PARAGUAI, L.; SILVA, J. (Org.). **Design, arte, moda e tecnologia**, São Paulo: Rosari, 2012. p. 1-18.

ARAÚJO, C. A. Á. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. O que é da Ciência da Informação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n.1, p. 1-30, jan./abr. 2014.

ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; KOBASHI, N. Y. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica da evolução quantitativa dos cursos de graduação na área. **Informação &**

**Sociedade**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 145-158, jan./abr. 2011.

BARRETO, A. de A. Uma história da ciência da informação In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDFBA, 2007, p. 13-34.

BAZI, R. E. R.; SILVEIRA, M. A. A. da. Constituição e institucionalização da ciência: apontamentos para uma discussão. **TransInformação**, Campinas, v.19, n.2, p.129-137, maio/ago. 2007.

BISMARA, Ivan. O ensino de moda no Brasil. **Textos do Brasil**, Brasília, v.18, n. p.26, 2011.

BJÖRK, B-C. A model of scientific communication as a global distributed information system. **Information Research**, v.12, n.2, p. 307, 2007.

BONADIO, M. C. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil. **IARA: revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v.3 n. 3, p. 54-146, dez. 2010.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, v. n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Sociologia**. São Paulo (SP): Ática, 1983, p. 122-155.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sistema e-mec**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

BROEGA, A. C. et al. **Proceedings CIMODE 2012**: I Congresso Internacional de Moda e Design. Guimarães: Universidade do Minho, 2012.

BUENO, M. L. **Editorial. IARA: revista de moda, cultura e arte**, São

Paulo, v. 1, n. 1, p. 1, 2008. Disponível em:  
<<http://www.iararevista.sp.senac.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

BUNGE, M. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BUSH, V. *As we may think*. **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945. Tradução de Fábio Mascarenhas e Silva. Disponível em:  
<<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

CALDAS, D. **Universo da moda**: curso *online*. São Paulo: Anhembi, 1999.

CALDAS, D. **Observatório de sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. 2, ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

CAPES. **Cursos recomendados e reconhecidos**. Disponível em:  
<<http://www.capes.gov.br/avaliacao/cursos-recomendados-e-reconhecidos>>. Acesso em: 30 set. 2013.

\_\_\_\_\_. **Classificação da produção intelectual**: qualis-periódicos. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>. Acesso em: 10 dez. 2014

CAPES. **Ficha de avaliação do Programa Têxtil e Moda 2013**. Disponível em: <[http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/VisualizadorServlet?nome=33002010/045/2013\\_045\\_33002010220P0\\_Ficha.pdf&aplicacao=avaliacaotrienal&idEtapa=2&ano=2013&tipo=divulga](http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/VisualizadorServlet?nome=33002010/045/2013_045_33002010220P0_Ficha.pdf&aplicacao=avaliacaotrienal&idEtapa=2&ano=2013&tipo=divulga)>. Acesso em: 5 jan. 2015.

CAPES. **Documento da Área Interdisciplinar 2013**. Disponível em:  
<[http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/VisualizadorServlet?nome=2013/doc\\_area/2013\\_045\\_Doc\\_Area.pdf&aplicacao=avaliacaotrienalProjetoRelacaoCurso&idEtapa=undefined&ano=undefined&tipo=undefined](http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/VisualizadorServlet?nome=2013/doc_area/2013_045_Doc_Area.pdf&aplicacao=avaliacaotrienalProjetoRelacaoCurso&idEtapa=undefined&ano=undefined&tipo=undefined)>. Acesso em: 5 jan. 2015.

CARLI, M. F. N. A construção e representação do campo da moda. In:

Colóquio de moda, 7, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá: REDEMODA, 2011. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda\\_2011/GT05/Comunicacao-Oral/CO\\_89459A\\_construcao\\_e\\_a\\_representacao\\_do\\_campo\\_da\\_moda\\_.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda_2011/GT05/Comunicacao-Oral/CO_89459A_construcao_e_a_representacao_do_campo_da_moda_.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2013.

CHRISTO, D. C. A constituição do campo do design de moda no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN, 1., 2012. Guimarães. **Anais eletrônicos...** Guimarães: Universidade do Minho. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29259>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

CARNEIRO, L. de P. et al. Considerações éticas na pesquisa em design de moda. In: BELUZZO, G.; SILVA, J. (Org.). **Design, arte, moda e tecnologia**, São Paulo: Rosari, 2010, p. 290-306.

CHRISTO, D. C. Designer de moda ou estilista? Pequena reflexão sobre a relação entre noções e valores do campo da arte, do design e da moda. In: COLÓQUIO DE MODA, 2., 2006, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Colóquio de Moda, 2006. Disponível em: <[http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda\\_2006/artigos/37.pdf](http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/37.pdf)>. Acesso em: 1 jan. 2015.

COLÓQUIO DE MODA, 11, 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ABEPEN, 2015. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/abepem.php>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN, 2., 2014, Milão. **Anais eletrônicos...** Milão: Politécnico di Milano, 2014. Disponível em: <<https://www.cimode.polimi.it/index.php/cimode2014/cimode2014a/>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTIL E DE MODA, 2., 2014, SÃO PAULO. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SENAI, 2014. Disponível em: <<http://www.contextmod.com.br/index.html>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA. **Sobre a plataforma Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 1 out. 2013.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA (Brasil). **Currículo Lattes:**



Maria Eduarda Araújo Guimarães. Brasília, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA (Brasil). **Currículo Lattes:** Kathia Castilho Cunha. Brasília, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA. **Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil.** Disponível em: <[dgp.cnpq.br/buscaoperacional/](http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/)>. Acesso em: 13 fev. 2014.

CÔRTEZ, P. L. Considerações sobre a evolução da ciência e da comunicação científica. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Org.). **Comunicação & produção científica:** contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 33-56.

COUZINET, V.; SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. A ciência da informação na França e no Brasil. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 6, p. 1-18, dez. 2007.

CHRISTOVÃO, H. T. Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 3-36, 1979.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DINIZ, Pedro. Crescimento de cursos de moda no Brasil gera boom livros da área. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 dez. 2014. Ilustrada, p.1.

DOBRAS. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2014. Disponível em: <[http://www.estacaolettras.com.br/revista\\_dobras.php](http://www.estacaolettras.com.br/revista_dobras.php)>. Acesso em: 30 ago. 2014.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM MODA, 4., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/enpmoda/>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

FERES, G. G. **A pós-graduação em Ensino de Ciências no Brasil:** uma literatura a partir da teoria de Bourdieu. Tese (Doutorado em Educação para Ciências). Universidade Estadual de São Paulo, Bauru,

2010.

FOOG, M. **Tudo sobre Moda**. Prefácio: Valerie Steele. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FREITAS, M. H. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006.

FUJINO, A.; PEREIRA, A. C.; MARICATO, J. de M. A institucionalização da pesquisa sobre patentes na Ciência da Informação: evolução tendências na produção científica. In: ENANCIB, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19419.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2013.

GALVÃO, M. C. B.; BORGES; P. C. R. Ciência da informação: ciência recursiva no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n. 3, p. 40-9, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. São Paulo: Senac, 2010.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, ago. p. 1-7, 2001.

GUEDÓN, J-C. **Oldenburg's Long Shadow**: librarians, research scientists, publishers, and the control of scientific publishing. [S.l.]: Association of Research Libraries, 2001.

HOLANDA, C. M. S. de. **Produção de conhecimento científico em engenharia civil da UFPE**: estudo bibliométrico de teses e dissertações (2003-2012). 2013.167 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte. São Paulo: Senac, 2014. Disponível em: <<http://www.iararevista.sp.senac.br/>>. Acesso em: 30

Nov. 2014.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOUREIRO-ALVES, M. de F. L. **Conhecendo um campo de estudo**: aspectos da institucionalização cognitiva e social da ciência da informação. 2010. 243 f. Tese (Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARINHO, M. G. S. M. C. Moda: condicionantes sociais de sua institucionalização acadêmica em São Paulo. In: WAJNMAN, S.; ALMEIDA, A. J. de. (Org.). **Moda, comunicação e cultura**: um olhar acadêmico. São Paulo: Arte e Ciência/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Moda (NIDEM)/FAPESP, 2002. p. 13-26.

MATTEDI, M. A. **Sociologia e conhecimento**: introdução à abordagem sociológica do problema do conhecimento. Chapecó: Argos, 2006.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENEZES, V.; ODDONE, N.; CAFÉ, A. Aspectos reputacionais dos sistemas de avaliação da produção científica no campo da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 5, n. 1, 2013. p. 1-21.

MERTON, R. K. **Ensaios de sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-30.

MOMM, C. F. **O conhecimento científico em turismo no Brasil**: cursos de pós-graduação (Stricto Sensu) - período de 2000 a 2006. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-PGCIN,

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MODAPALAVRA E-PERIÓDICO. Florianópolis: UDESC/CEART, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

MUELLER, S. P. M. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 63-84, jan./jun. 1995.

MUELLER, S. P. M. Literatura científica, comunicação científica In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDFBA, 2007. p. 125-144.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.155-182.

PIRES, D. B. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Nexos**, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 1-13, 2002.

PIRES, D. B. **Design de moda: olhares diversos**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.

PIRES, D. B. Revisão bibliográfica sobre moda em língua portuguesa. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 62, n. 2, p. 38-44, 2010.

PIRES, D. B. Design moda e design moda: linha do tempo do ensino no Brasil. **Iara: revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 190-203, mai. 2012.

PRAXEDES, W. L. A. Por uma nova ciência. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 8, n. 85, p. 1-3, 2008.

PULS, L. M. O design na formação de moda como campo de formação

acadêmica. In: ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO, 5., 2010. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Palermo, 2010.

PRÍNCIPE, E. Comunicação científica e redes sociais. IN: SARITA, A.(Org). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 196-216.

RAINHO, M. do C. T. *Barthes e Bourdieu: os maîtres à penser e a moda*. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 147-164, jan./jun. 2010.

REIS, V. M. S. dos. O retorno aos Ethos Mertoniano na “ciência pós-acadêmica” de John Michel Ziman. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, São Carlos, v.2, n.1, p.194-210, jan./jun. 2011.

REIS, V. M. S. dos; VIDEIRA, A. A. P. John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade. **Scientiae Studia**, São Paulo, v.11, n.3, p.583-611, 2013.

RODRIGUES, R. S.; OLIVEIRA, A. B. de. Periódicos científicos na América Latina: títulos em acesso aberto indexados no ISI e SCOPUS. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n.4, p.77-99, out./dez. 2012.

SANT’ANNA, M. R.. Editorial. **Modapalavra E-periódico**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao1/index.php>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

SANTOS, B. de S. Da Sociologia da Ciência à política científica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, n.1, p.11-56, jun. 1978.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, I. E. dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 9. ed. Niterói: Impetus, 2012.

SARACEVIC, T. A Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SAYÃO, L. F. Repositórios digitais confiáveis para a preservação de periódicos eletrônicos científicos. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 3, p. 68-94, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. L. da; PINHEIRO, L. V.; MENEZES, E. M. Revista Encontros Bibli como veículo de disseminação do conhecimento no Brasil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 34-52, 1. sem. 2005.

SILVA, E. L. da et al. Panorama da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 159-177, 2006.

SILVEIRA, et al. Domínios científicos da Ciência da Informação representados no GT 7 do ENANCIB: análise da citações (2007-2012). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2013.

SIMMEL, G. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto&gráfica, 2008.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 383-386, set./dez. 1996.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 37-85, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WERSIG, G.; NEVELING, U. **Os fenômenos de interesse para a Ciência da Informação**. Trad. Tarcísio Zandonade. 1999. Disponível em:  
<<http://www.alvarestech.com/lillian/GestaoDaInformacao/Rogério/WersigNeveling.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

WHITLEY, R. Cognitive and social institutionalization of scientific

specialities and research. In: WHITLEY, Richard (Ed.). **Social process of scientific development**. London: Routledge and Kegan, 1974. p. 69-95.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Mestrado Acadêmico em Têxtil e Moda**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/site/pos-programas.php?item=txm>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

ZIMAN, J. M. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Univ. S. Paulo, 1979.

ZIMAN, J. M. **O conhecimento confiável**: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. Campinas: Papirus, 1996.

VOLPATO, G. **Publicação científica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.